

Residencial Pequís

CENTRO COMUNITÁRIO



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e Design (FAUeD)

CENTRO COMUNITÁRIO

Residencial Pequeno

Trabalho de Conclusão de Curso II, apresentado como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Arquitetura e Urbanismo, pela Universidade Federal de Uberlândia.

Orientanda: Laura Resende Bonfim
Orientador: Juliano Cecílio Batista Oliveira

Uberlândia
2022

RESUMO

O trabalho a seguir é resultado de uma pesquisa que visou a elaboração de um projeto de um Centro Comunitário para o Bairro Residencial Pequis, situado na cidade de Uberlândia -MG, através do embasamento científico no que se refere à arquitetura pública comunitária como infraestrutura urbana propulsora de melhorias para as comunidades periféricas e carentes. O projeto iniciou voltado principalmente para o público infanto-juvenil mas foi se desdobrando e aumentou sua capacidade para atender as demais parcelas da população, oferecendo esporte, cultura, desenvolvimento e lazer para o bairro e região. Além disto, o projeto apresentou diretrizes e um estudo preliminar de viabilidade para que o Centro Comunitário seja expandido para outras áreas que necessitem dos usos oferecidos e que possuam situação semelhante ao Residencial.

Palavras chave: Centro comunitário, bairros periféricos, Arquitetura como Infraestrutura Urbana.

Agradeço,

À Deus pelo pela vida, por me guiar e me fazer chegar até aqui.
Aos meus pais e minha irmã por todo o apoio e amor que sempre me deram, por acreditarem em mim e me darem o exemplo.

Ao meu namorado, por dividir a vida comigo, me apoiar em minhas decisões e me ajudar a concluir esta etapa.

Aos meus familiares e amigos pelo carinho e por compartilharem comigo momentos de alegrias e tristezas.

Ao meu orientador, obrigada por tantas horas dedicadas a me auxiliar e por toda a inspiração neste trabalho.

Às minhas chefes por toda ajuda, carinho e compreensão que recebo diariamente.

E por fim, agradeço a todos que participaram e se fizeram presentes nesta trajetória.

AGRADECIMENTOS



SUMÁRIO

Introdução	08
01 O Residencial Pequis	
1.1 - A criação do Conjunto habitacional	13
1.2 - As tipologias residenciais	16
1.3 - Caracterização da população	18
1.4 - Equipamentos sociais e culturais do bairro	22
1.5 - A ONG - Base Missionário Reino nas Ruas	28
1.6 - Infraestrutura do bairro	30
02 Contextualizando: o caso dos CEU's e os SESC's.	
2.1 - A proposta dos CEU's	38
2.2 - A proposta dos SESC's	46
03 Estudos de Caso	
3.1 - CEU butantã	52
3.2 - SESC Guarulhos	56
3.3 - Ateliê Acaia	61
3.4 - CIE - Centro de Iniciação ao Esporte	64
04 Condicionantes projetuais	
4.1 - Nova Linguagem	70
4.2 - O terreno	74
05 O Centro Comunitário Pequis	
5.1 - Concepção do Projeto	80
5.2 - O Projeto.	86
5.3 - Expansão do projeto - Novas possibilidades	96
Referencias	108

INTRODUÇÃO

A escolha do tema foi motivada pelo interesse em projetar, durante o Trabalho Final de Conclusão de curso, um edifício público que suprisse as necessidades de uma comunidade de baixa renda, trazendo maior qualidade de vida e desenvolvimento para a população.

A definição do bairro Residencial Pequís como local para receber o projeto se deu por conta de ser um dos muitos exemplos de loteamentos projetados em áreas periféricas, desenvolvidos pelas prefeituras das cidades brasileiras desde meados da década de 60 a fim de solucionar as questões de habitação. O loteamento foi realizado pelo antigo Programa “Minha Casa, Minha Vida” que atualmente chama-se Casa Verde e Amarela (2020), e que produz quase que sem sua totalidade, cenários de segregação sócio espacial, com problemas de acesso, mobilidade, falta de serviços, áreas de lazer e cultura para a população residente. Essa atual conjuntura acarreta na mobilização da própria população para a solução desses problemas, e como um exemplo temos a iniciativa da antiga ONG Reino nas Ruas, que atuou

no bairro Pequís e realizou através de trabalho voluntário atividades com as crianças e jovens da região.

A princípio a presente pesquisa seria um projeto para solucionar as demandas e o programa que a ONG Reino nas Ruas desenvolvia nessa área, porém o seu fundador Thiago Abadio Pereira Costa veio a falecer durante o desenvolvimento da pesquisa, o que culminou no encerramento das atividades da organização e encaminhou o projeto para uma nova direção. A proposta então se desenvolveu desvinculada da instituição, mas mais do que nunca servindo como solucionadora dessa nova demanda de crianças e adolescentes sem acesso às atividades que antes eram oferecidas. O projeto também se expandiu para atender outras porções da comunidade.

Então, o objetivo deste projeto tornou-se conceber um espaço de socialização, desenvolvimento, educação, lazer, cultura e esporte para toda a população do bairro, por meio de um Centro Comunitário que reúna todo esse programa e que possa nas próximas etapas ser replicado em outras áreas que necessitem.

Para isso, foi feito primeiramente uma leitura do bairro Residencial Pequim exposta no Capítulo 1, a fim de entender como foi o surgimento do loteamento, o que o bairro oferece, quais são as suas problemáticas e seus potenciais e quem são os moradores dessa região, para que fosse possível compreender as demandas que o projeto poderia solucionar.

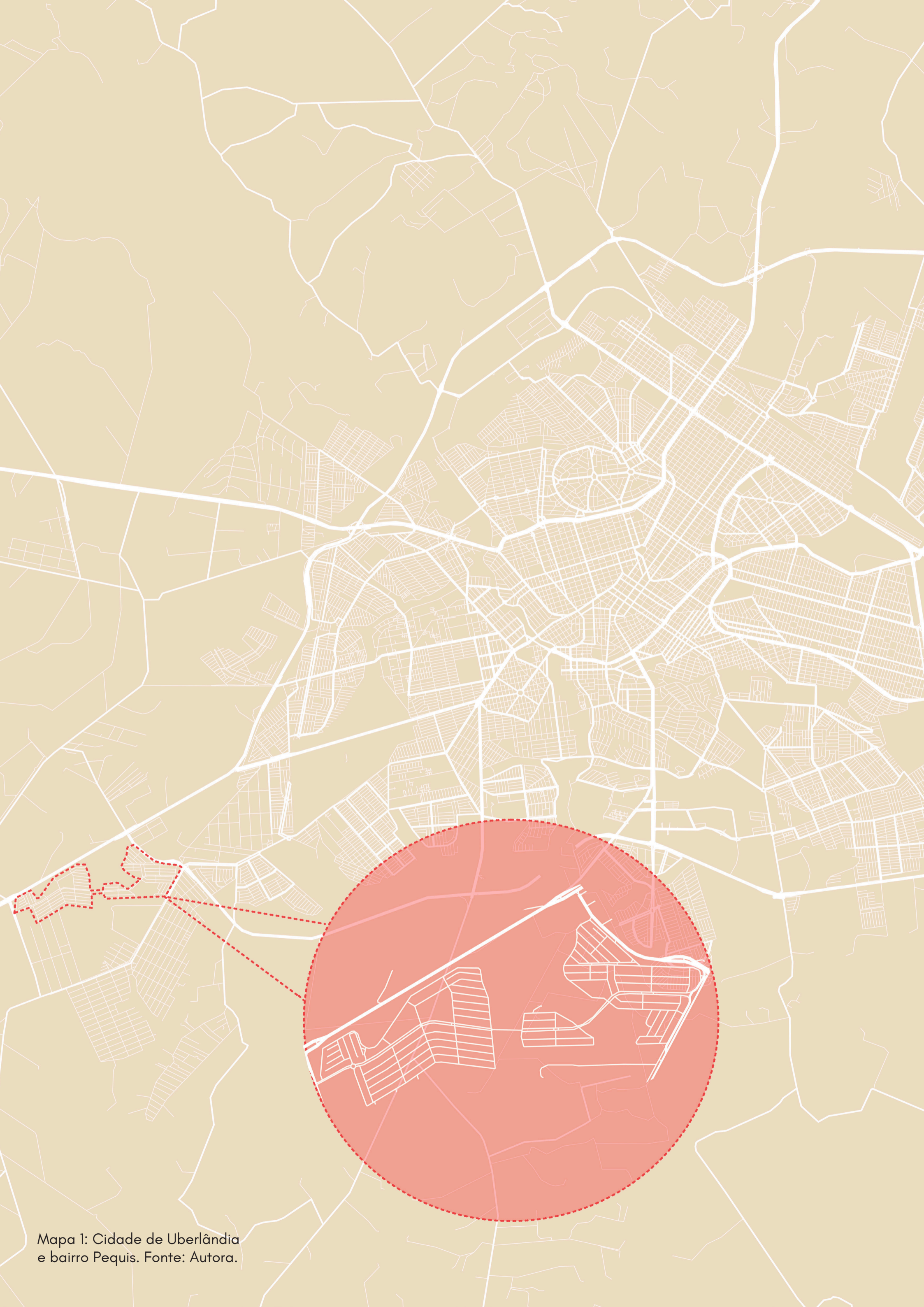
Depois, foi necessário um aprofundamento teórico feito através da leitura de livros, sites e artigos acadêmicos sobre edifícios públicos brasileiros voltados para o público infanto-juvenil e para a qualidade de vida e desenvolvimento de comunidades, analisando mais a fundo os casos dos CEU's e dos SESC's, expostos no Capítulo 2, visando compreender o desenvolvimento e aplicação dos mesmos em comunidades semelhantes ao bairro.

No Capítulo 3 foram analisadas referências projetuais similares ao Centro Comunitário proposto, a fim de compreender aspectos negativos e positivos dessa tipologia de edifícios e utilizar como base para a elaboração do projeto. Assim foram analisados com mais afinco o, CEU Butantã,

SESC Guarulhos, Projeto Ateliê Acaia, e o CIE (Centro de Iniciação ao Esporte).

Após a primeira apresentação houveram sugestões de melhoria para o projeto por parte dos integrantes da banca e nesta segunda etapa foram feitas adaptações e um amadurecimento da proposta. Inclusive no quesito de ampliação do mesmo, que surgiu como proposta na primeira fase e neste segundo momento se desenvolveu em um estudo preliminar de viabilidade do Centro Comercial em outras regiões. As respostas para as questões apontadas estão no Capítulo 4, juntamente com as condicionantes projetuais. O projeto final e a parte de expansão se encontram no Capítulo 5.





Mapa 1: Cidade de Uberlândia e bairro Pequis. Fonte: Autora.

O RESIDENCIAL PEQUIS

01



1.1 A CRIAÇÃO DO CONJUNTO HABITACIONAL

O município de Uberlândia está situado no estado de Minas Gerais e é a segunda maior cidade em contingente populacional, com população estimada de 706.597 habitantes (IBGE,2021). A cidade é um importante polo regional e até nacional, pois exerce grande influência sobre as cidades da região e sobre algumas capitais, como São Paulo e Belo Horizonte, devido a isso está em constante expansão e desenvolvimento. (Mapa 1)

O crescimento populacional progressivo que ocorreu principalmente a partir da década 70, acarretou no avanço da cidade em direção às áreas periféricas que foram sendo ocupadas majoritariamente pela população de baixa renda devido a especulação imobiliária existente. Juntamente com essa expansão, a grande demanda por moradias fez com que o poder público necessitasse ofertar uma volumosa quantidade de habitações em um pequeno espaço de tempo. É nesse contexto que entram em ação os programas habitacionais que visavam garantir a construção desse grande número de moradias em um tempo hábil.

[...] pode-se constatar que a expansão da área urbana de Uberlândia ocorreu em meio a interesses políticos e econômicos, que nem sempre estavam de acordo com os interesses e anseios sociais, o que resultou em uma fragmentação do espaço que se expressa em sua estruturação urbana. Enquanto as áreas ocupadas pela população de alta renda apresentam ótimas condições de infraestrutura e circulação, a população de baixa renda é forçada a ocupar áreas cada vez mais distantes do centro e carentes de infraestrutura e serviços públicos básicos. (SILVA,2014,p.85).

Nesse contexto, o Governo Federal já tinha iniciado a criação de políticas habitacionais para a população de baixa renda do país primeiro com a criação da FCP (Fundação da Casa Popular) na década de 40, depois com o BNH (Banco Nacional de Habitação) em 1964, que culminou no surgimento do Programa Minha Casa Minha Vida (PMCMV) em 2009, o maior programa habitacional do Brasil. Desde janeiro de 2021, o PMCMV tornou-se o Programa Casa Verde e Amarela, a partir da lei número 14.118/21.

O Conjunto habitacional Residencial Pequis (Mapa 2) é, até a data da presente pesquisa, o maior conjunto residencial feito pelo PMCMV na cidade. Localizado no Setor Oeste no extremo do perímetro urbano, foi criado em 2014, primeiramente a partir da aprovação da Lei número 14.412 de 19 de junho de 2013, na qual esse perímetro urbano sofreu expansão para que o loteamento fosse implantado, e por fim foi legitimado pela lei número 12.065, de 19 de dezembro de 2014, que delimitou e denominou a área territorial urbana pertencente ao bairro.

O bairro possui área total de 199,842 hectares que foram divididos em nove glebas (Mapa 3) e está inserido na ZEIS III (Zona Especial de Interesse Social III) de acordo com a Lei Complementar número 525, de 14 de abril de 2011 sobre Zoneamento, Uso e Ocupação do solo. Essa iniciativa de construir glebas separadas é uma estratégia utilizada pelos Programas Habitacionais para burlar a Portaria número 660 do Ministério das Cidades, que delimita o máximo de 500 unidades habitacionais para cada loteamento, a fim de tentar minimizar a criação de conjuntos residenciais enormes apenas com moradores de baixa renda. Por isso a divisão em glebas menores, cada uma com seu projeto específico para a aprovação do empreendimento, radia em um tempo hábil.

Foram construídas no loteamento cerca de 3.200 unidades, voltadas para a população com faixa de Renda tipo 1 (Até R\$1.800,00) além da demarcação de mais de 700 outros lotes, divididos em 57 quadras, que foram entregues junto com a infraestrutura mínima necessária para o acesso dos moradores às residências, como pavimentação asfáltica das ruas e avenidas, calçamento e espaço para locação de árvores (que por meio de visitas in loco pode-se concluir que não foram plantadas até então), redes de abastecimento de água e captação de esgoto, fornecimento de eletricidade e internet, além da divisão de 3 áreas para usos institucionais, áreas de uso recreativo e uma ZPL (Zona de preservação e Lazer), próxima ao Córrego Rio das Pedras.



Mapa 2: Bairro Residencial Pequis. Fonte: Autora.



Legenda:
Perímetro urbano

Mapa 3: Divisão de glebas bairro Pequis. Fonte: Autora.

1.2 AS TIPOLOGIAS RESIDENCIAIS

As casas construídas pelo PMCMV no Residencial Pequis possuem todas o mesmo projeto arquitetônico, com 45 metros quadrados de área construída inseridas em terrenos de 200 metros quadrados. Possuem uma sala de estar/jantar, cozinha, dois quartos, um banheiro compartilhado e uma área de serviço externa, e o fechamento por muros fica por conta dos donos. (Imagem 1)

De acordo com o Manual do Proprietário, entregue pela construtora responsável (Marca Registrada Construtora), o método construtivo utilizado nas unidades foram paredes de concreto estruturais, moldadas in loco.

Duas problemáticas podem ser traçadas a partir dos modelos construídos (Imagem 2), o primeiro a respeito do tamanho das unidades e da dificuldade na transformação do projeto entregue devido às paredes terem função estrutural, o que engessa o layout e prejudica possíveis modificações e ampliações, e a segunda, pela padronização da tipologia arquitetônica, que é uma realidade em quase todos os projetos advindos de Programas Habitacionais, que de acordo com Soares (1988) geram paisagens urbanas homogeneizadas e sem identidade própria (Imagem 3), aonde não há diversidades construtivas e paisagísticas.



Imagem 1: Planta baixa residências entregues pelo PMCMV. Fonte: Construtor Marca Registrada.



Imagem 2: Residências entregues pelo PMCMV.
Fonte: <https://www.selisbrandao.com.br/pequis/caracteristicas-do-bairro-pequis/>

Apesar da análise feita é preciso ressaltar que a maioria dos moradores se sentem satisfeitos com o espaço que a residência oferece e com a qualidade da construção, como mostra o Gráfico 1 e Gráfico 2. De acordo com Santos (2019,p.93) isso provavelmente deve-se ao fato de que a situação habitacional anterior era inferior (Gráfico 3). Muitos viviam em coabitação com familiares e muitos viviam de favor, por isso preferem e se sentem realizados com a residência própria adquirida.

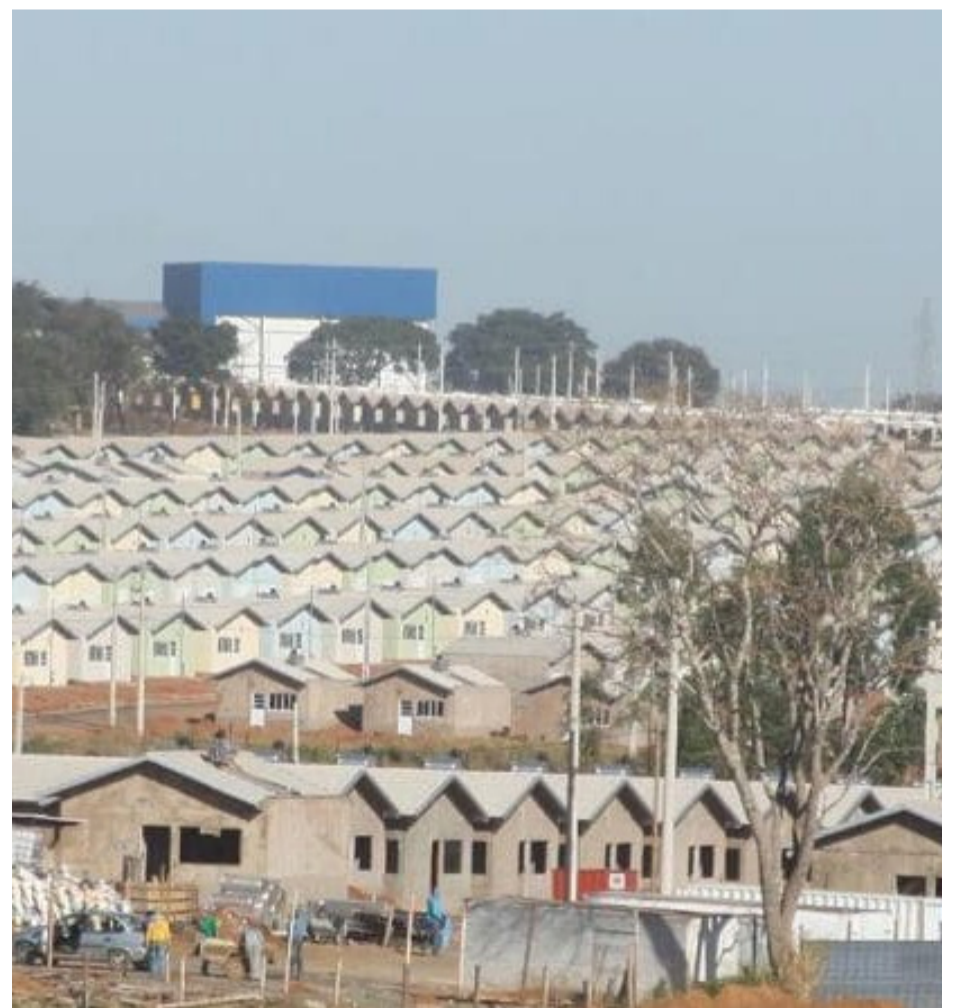
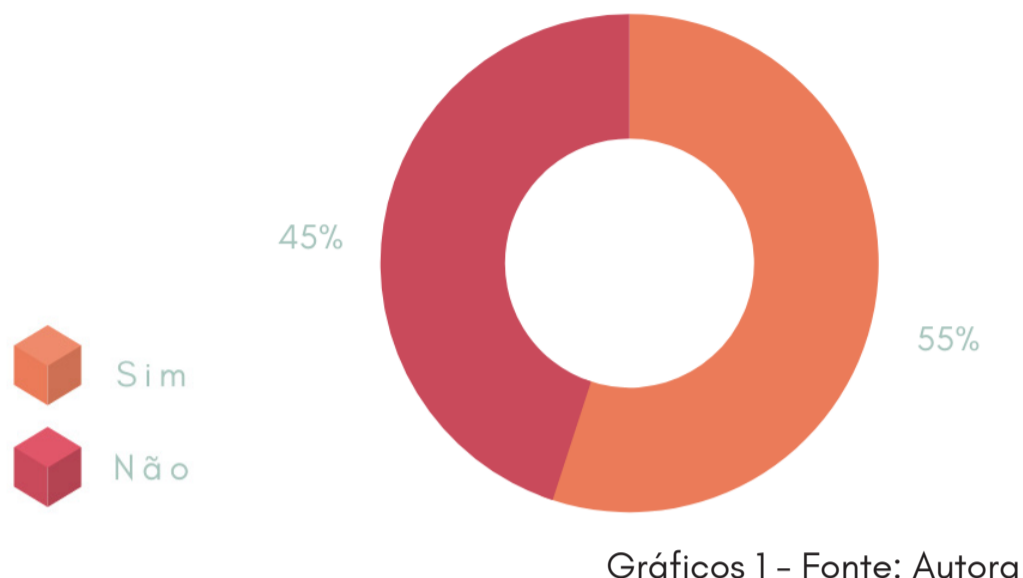


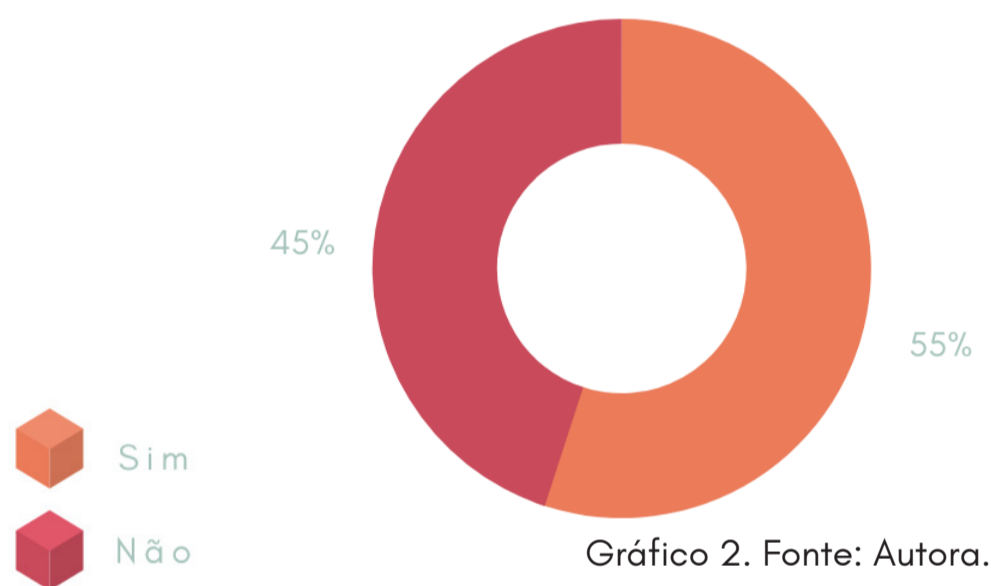
Imagem 3: Residências padronizadas no bairro Pequis.
Fonte: <https://www.selisbrandao.com.br/pequis/caracteristicas-do-bairro-pequis/>

1.3 CARACTERIZAÇÃO DA POPULAÇÃO

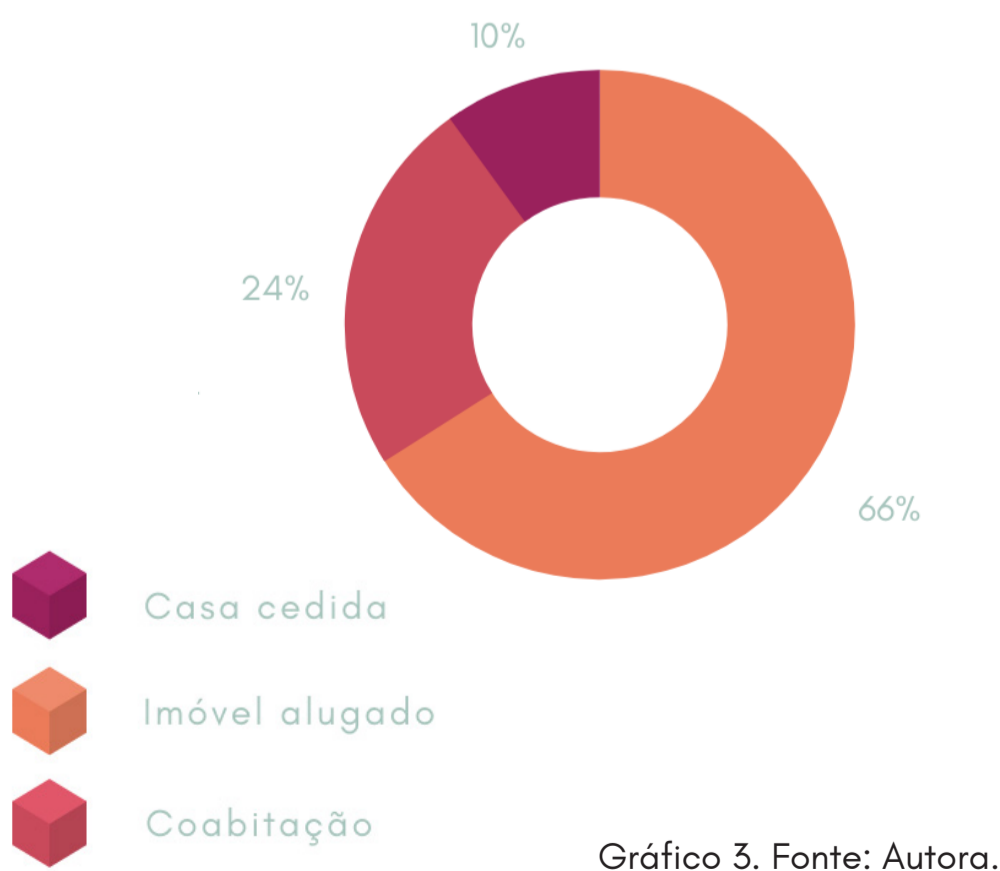
SATISFAÇÃO COM O ESPAÇO DAS RESIDÊNCIAS



SATISFAÇÃO COM A QUALIDADE DAS RESIDÊNCIAS



SITUAÇÃO HABITACIONAL ANTERIOR



Na fase da concepção de um projeto, entender sobre os dados da população residente é de suma importância para a caracterização da dinâmica populacional da área, pois, ao se compreender quem reside ali, também é possível entender quais são as demandas desses moradores e como o projeto poderá supri-las da melhor forma possível. Portanto, a partir da pesquisa realizada por Santos (2019), podemos verificar a leitura sócio demográfica da população residente e quais são seus padrões comportamentais.

Atualmente o bairro conta com uma população estimada de 18.000 habitantes, com pretensão de chegar a 35.000 habitantes em médio prazo. No Gráfico 4, é possível perceber que a maioria dos moradores tem de 25 a 39 anos, mas que também há um grande percentual de crianças, de 6 a 14 anos. Esses dois fatos justificam a necessidade de implantação do equipamento comunitário voltado para as crianças proposto por essa pesquisa, pois os adultos estão na

faixa etária economicamente ativa e em sua maioria trabalham, o que gera uma grande demanda de crianças que fora do horário escolar estão ociosas e sem supervisão.

Outro dado relevante é sobre o tamanho das famílias do bairro, e a maioria dos entrevistados por Santos (2019) dividem a casa com mais duas ou três pessoas (Gráfico 5), número que representa a média brasileira de 2,9 pessoas por residência (IBGE, 2019). Pode-se concluir que a maioria das famílias são pequenas e que muito se deve ao fato de as residências entregues pelo PMCMV são pequenas e possuem apenas dois quartos, o que já não atende com conforto famílias com 4 pessoas ou mais.

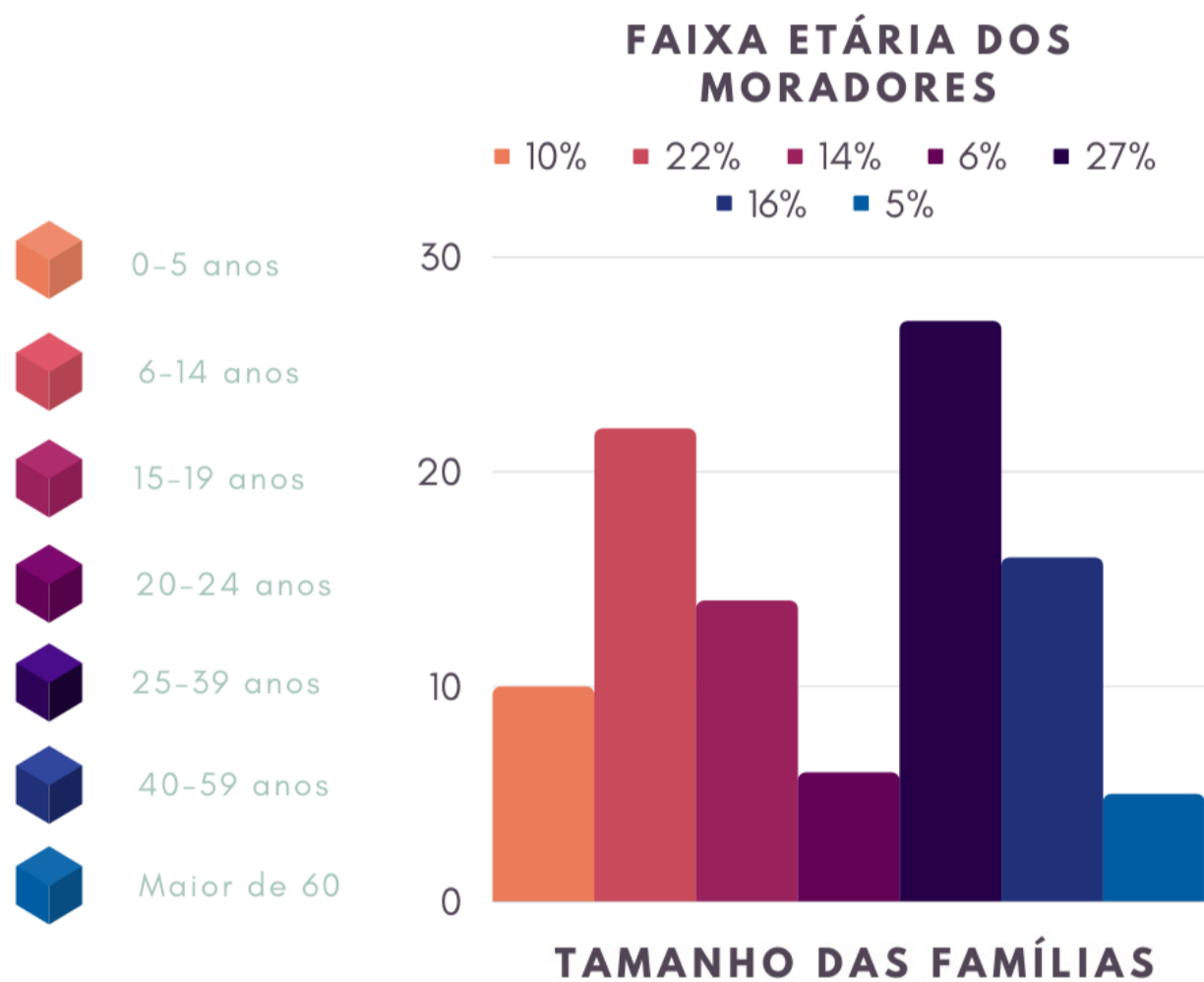


Gráfico 4. Fonte: Autora.

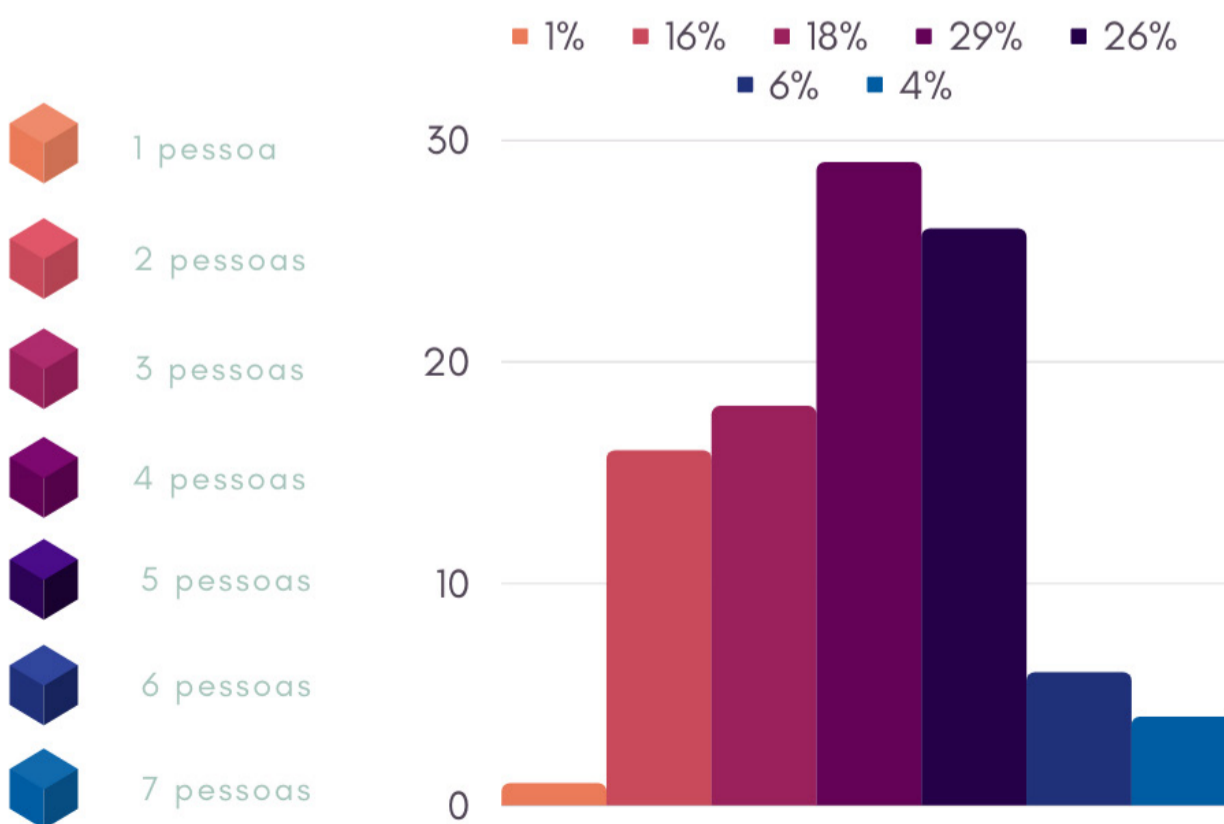


Gráfico 5. Fonte: Autora

A renda familiar da população apresentada no Gráfico 6, que é de 1 a 2 salários mínimos, pode ser entendida principalmente pela questão das famílias que foram escolhidas pelo PMCMV para morar no Residencial Pequias serem Faixa 1, que em 2015 compreendia famílias com renda de até 1.600 reais. Outro fato que pode ser destacado é que quando relacionado o Gráfico 6 com o Gráfico 7 fica claro que o grau de escolaridade do chefe de família interfere diretamente na condição financeira dessas famílias.

No Gráfico 8 está exposto as principais atividades laborais realizadas pelos moradores e a partir dele pode-se constatar que a maioria são profissionais autônomos, prestadores de serviços ou comerciantes. Vale também destacar o grande percentual de estudantes presentes no bairro, o que fundamenta novamente a existência do equipamento comunitário.

Por fim o Gráfico 9 indica o grau de identidade e pertencimento dos moradores para com o bairro, e a maioria considera este regular e uma parte significativa (25%) considera-o bom. Um ponto que deve ser evidenciado é que a pesquisa foi realizada em 2019 e os moradores estavam vivendo no residencial apenas a cerca de 18 meses, ou seja, ainda estavam construindo relações com as pessoas e o lugar. Entretanto acredito que parte desse sentimento que é de certa forma positivo em relação ao bairro se deve a aquisição da casa própria, já que anteriormente como já explicitado no Gráfico 3 a situação habitacional anterior era de aluguel ou coabitação, portanto houve um avanço de vida para os residentes que apesar de estarem em uma região que carece de equipamentos sociais, cultura, esporte e lazer, que são pilares importantes para a qualidade de vida.

RENDA MÉDIA FAMILIAR

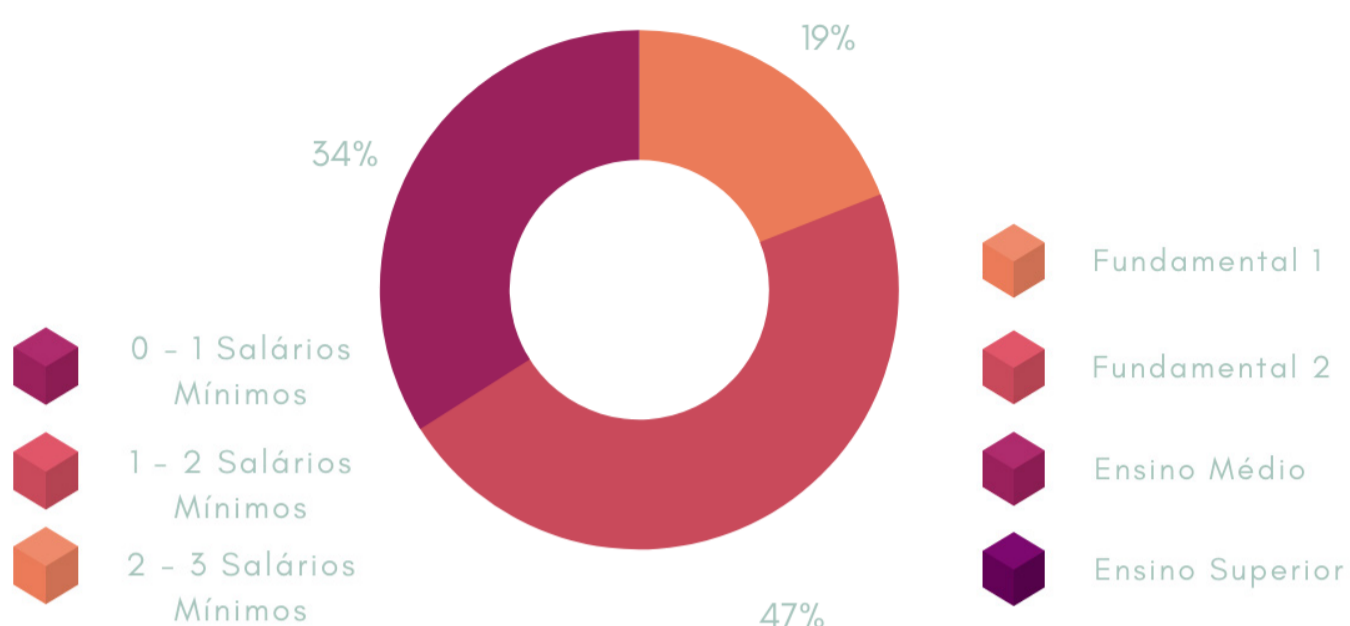


Gráfico 6. Fonte: Autora.

GRAU DE ESCOLARIDADE DO RESPONSÁVEL PELA FAMÍLIA

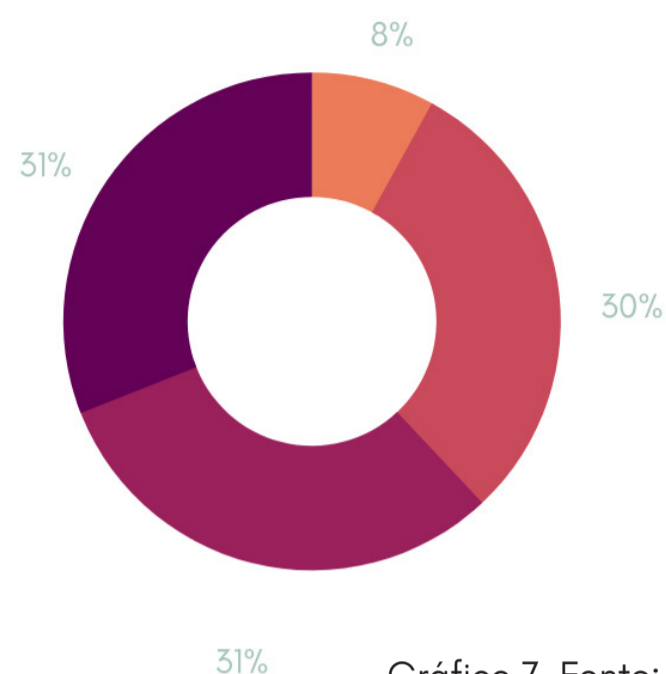


Gráfico 7. Fonte: Autora.

TIPOS DE OCUPAÇÃO DOS MORADORES

- Agrícola
- Construção civil
- Serviços
- Comercial
- Industrial
- Autônomo
- Desempregado
- Aposentado
- Dona de casa
- Estudante

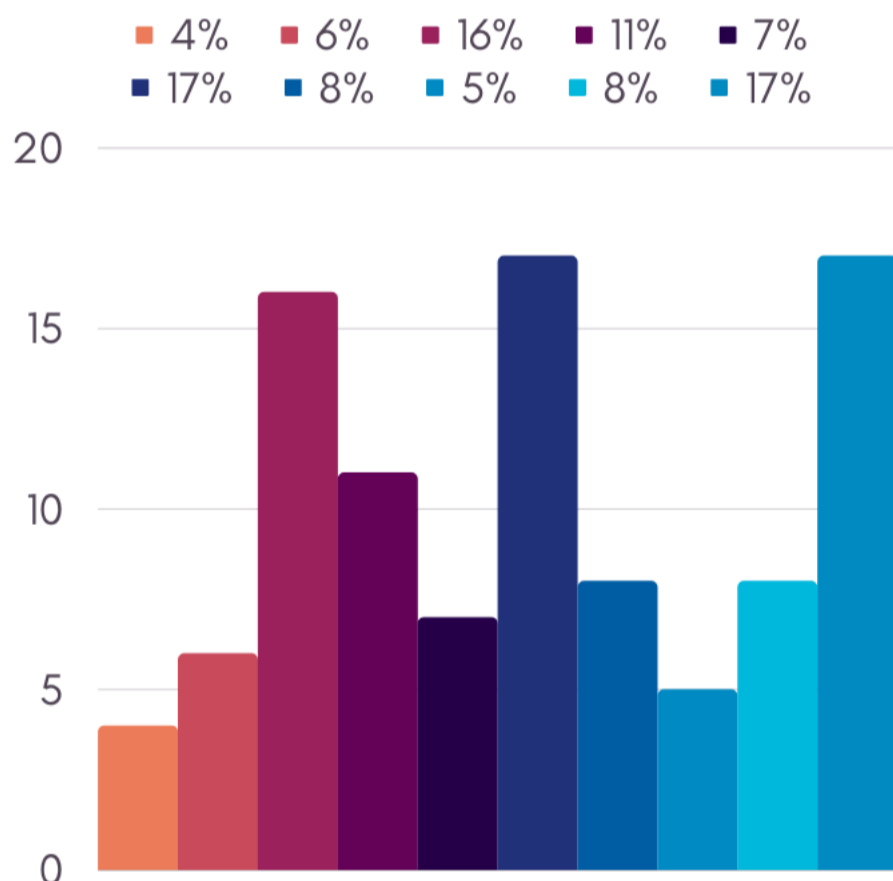


Gráfico 8. Fonte: Autora.

SENTIMENTO DE IDENTIDADE E PERTENCIMENTO DOS MORADORES EM RELAÇÃO AO BAIRRO

- Ótimo
- Bom
- Regular
- Pouco
- Muito pouco

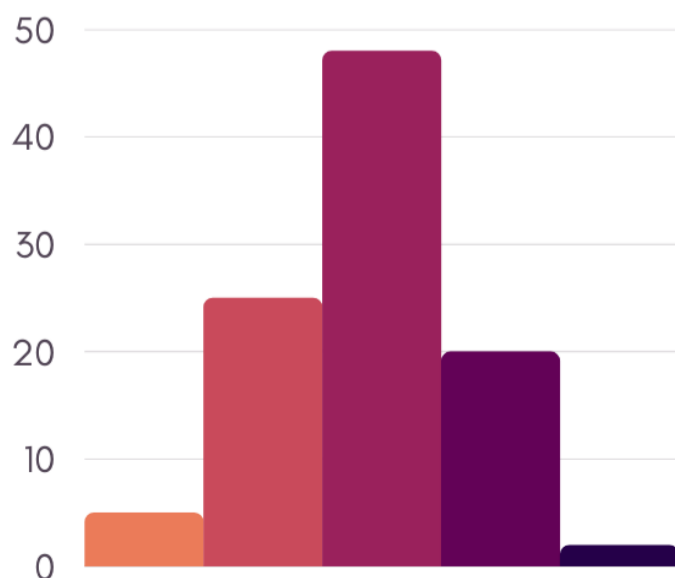


Gráfico 9. Fonte: Autora.

1.4 OS EQUIPAMENTOS SOCIAIS E CULTURAIS

O acesso à equipamentos sociais e comunitários (relacionados à saúde, educação, lazer, cultura, esporte, dentre outros) é um direito de todos, garantido pelo Estado. De acordo com Moraes (2008) a presença de equipamentos comunitários em uma cidade ou bairro são fatores determinantes para o bem estar social e para o desenvolvimento econômico dessas áreas, pois estes são componentes físicos básicos e indispensáveis de infraestrutura urbana e de ordenação territorial.

No Brasil o planejamento e implantação destes equipamentos na maioria das vezes não segue critérios adequados, seguindo geralmente apenas as localizações apontadas pela legislação, sem entender de fato a dinâmica, as características e as demandas da população. Em nível local, a responsabilidade por esse planejamento, implantação e manutenção está atribuído às prefeituras e aos Planos Diretores, e em casos de Conjuntos Habitacionais como o Residencial pequis, a Lei número 11.977, de 7 de julho de 2009, estabelece que o PMCMV tem a obrigação sobre a instalação e/ou ampliação dos equipamentos e serviços públicos comunitários na área do empreendimento.

No quadro 1, podemos observar os equipamentos comunitários que foram propostos no EIV para o bairro e quais destes estão em funcionamento atualmente. A implantação da escola de ensino médio que estava programada ainda não foi construída, o que leva os jovens do bairro a terem que se deslocar para os bairros vizinhos em busca de ensino. Além disso, segundo a prefeitura, os três EMEIs disponibilizam juntos 750 vagas do 1 ao 5 ano, e as Escolas de Ensino Fundamental dispõe de 1400 vagas do 6 ao 9 ano, o que representa menos de 55% das crianças existentes no bairro, e demonstra uma carência em relação a educação.

Equipamentos Sociais (Gleba 2A)	Situação em Jan. 2020
3 Escolas de Educação Infantil (EMEI)	Em funcionamento
2 Escolas de Ensino Fundamental	Em funcionamento
1 Escola de Ensino Médio	Sem previsão
1 Unidade básica de Saúde da Família (UBSF)	Em funcionamento
1 Centro de Referência de Apoio Social (CRAS)	Em funcionamento
1 Núcleo de Apoio Integral à Criança e ao Adolescente (NAICA)	Em funcionamento

O bairro recebeu a instalação de um Centro de Referência e Apoio Social (CRAS) ou Casa da Família e de um Núcleo de Apoio Integral à Criança e ao adolescente (NAICA), que são serviços ofertados pela Secretaria de Desenvolvimento Social, Trabalho e Habitação de Uberlândia.

O CRAS ou Casa da Família (IMAGEM 4) tem o objetivo de prevenir situações de vulnerabilidade social, por meio do fortalecimento dos vínculos familiares e comunitários. Ele oferece serviço sócio assistencial para as crianças, adolescentes e para todo o núcleo familiar, a fim de garantir o acesso aos seus direitos, além

de orientar e auxiliar a população no cadastro dos benefícios do governo e dos programas assistenciais.

O NAICA (imagem 5) funciona como um local de acolhimento das crianças e dos adolescentes (de 6 a 15 anos e 11 meses) no período extra-escolar, de forma que as mães e os pais possam trabalhar e deixar seus filhos em segurança, evitando situações de risco pessoal e social. São oferecidos espaços de convivência, atividades socioeducativas, recreativas, esportivas e culturais, visando complementar a formação e desenvolvimento dessas crianças.



Imagem 4: Cras do bairro Pequis. Fonte: Autora.



Imagem 5: NAICA do bairro Pequis. Fonte: Autora.

O Projeto do Centro Comunitário proposto nesta pesquisa vem como complemento das atividades proporcionadas pelos NAICAS, primeiramente por este não conseguir suprir a demanda de todas as crianças e jovens moradores do bairro (atendem apenas de 80 a 100 crianças, com matrícula anual) e segundo, por conta da infraestrutura dos mesmos não conseguir proporcionar a realização de todas as atividades que deveriam ser ofertadas.

A seguir é possível ver quais as atividades que devem ser desenvolvidas pelos NAICAS, de acordo com a Prefeitura de Uberlândia.



Imagem 6: Imagem aérea terreno do CRAS e NAICA do bairro Pequis. Fonte: Autora.

Saber Online – Aprendizagem relacionada ao uso da informática.

Criar e Inventar – Desenvolvimento da criatividade, atividades interativas e grupais.

Corpo em Movimento – Proporciona a prática de ritmos e coreografias instigando também o gosto pela arte e a cultura.

Arte Viva – Ensina a prática da capoeira.

Recreando – Oferece atividades esportivas, recreativas que visem o desenvolvimento cognitivo, afetivo e de coordenação motora.

Mude o Tom – Trabalha a importância da música na formação do ser humano.

Falando em Família – Estimula a integração da família, fortalecendo vínculos familiares e comunitários.

Nutrir com Prazer – Proporciona uma alimentação rica e variada, com objetivo de criar hábitos saudáveis.

Em visita ao espaço físico, é possível constatar que o mesmo não é avantajado e que ocupa uma área institucional pequena (Imagem 6), o que comprova que nem todas as atividades recomendadas poderão ser exequíveis e que um espaço maior e com infraestrutura adequada, é necessário para receber todas as atividades.

A estrutura do NAICA (Imagens 7 e 8) se assemelha muito aos projetos de escolas e creches municipais, com salas no estilo tradicional de sala de aula, uniformes, cantina e um pequeno pátio. Acredito que para o pleno desenvolvimento das crianças, seria necessário um espaço maior, mais lúdico, com mais possibilidades e flexibilidade, visto que as crianças já ficam o período escolar inteiro nessa tipologia arquitetônica que mais se assemelha aos edifícios penitenciários do que de fato propiciam a Educação Integral. No Capítulo 2 discorrerei mais a fundo sobre as propostas de Anísio Teixeira para as Escolas Parque, baseados na Educação Integral, que serão referência e pontapé para o projeto do Centro Comunitário que irá complementar o NAICA.



Imagem 7 e 8: Atividades no NAICA do bairro Pequis.
Fonte: Site Prefeitura de Uberlândia.



Imagem 9: Academia ao ar livre na área de Preservação.
Fonte: Autora.



Imagem 10: Espaço de descanso próximo a Área de Preservação. Fonte: Autora.

Outro equipamento que o Residencial Pequís recebeu foi uma Unidade Básica de Saúde da Família tipo 2 (UBSF), capacitada para receber quase 9000 moradores, possui consultórios médicos variados, consultórios odontológicos, salas de vacinas, salas de pequenos procedimentos e curativos, além de uma farmácia. Casos de maior gravidades são encaminhados para outras unidades de saúde como os UAls e o Hospital Municipal, que não se encontram nas proximidades do bairro.

Já equipamentos voltados para atividades de cultura, lazer e esporte estão em falta, não foram propostos pelo PMCMV e nem pela prefeitura nas áreas destinadas ao uso institucional. Apenas alguns espaços de academia ao ar livre e parquinhos foram inseridos nas áreas de app e alguns espaços livres verdes espalhados pelo bairro. Sabe-se que apenas a existência destes poucos espaços não atendem a demanda do bairro e que se encontram com falta de manutenção (Imagens 9, 10 e 11).



Imagem 11: Praça ao lado do terreno escolhido para o projeto.
Fonte: Google Maps.

O bairro conta também com uma Associação de Moradores, a AMBREP (Associação de Moradores do Bairro Residencial Pequís), que funciona desde 2017 e representa de forma oficial os interesses da comunidade junto a prefeitura, promovendo reivindicações e planejando estratégias para a melhoria da qualidade de vida dos moradores.

Segundo a Associação (2019), dentre as atividades realizadas por eles se destacam:

- Aulas de zumba, duas vezes na semana, em parceria com a prefeitura;
- Aulas de futebol, para crianças e adolescentes em parceria com a FUTEL;
- Aulas de capoeira para crianças e adolescentes;
- Trabalho cooperativo voltado para as mulheres, com foco em costura;
- Encaminhamento para aulas de reforço, que eram realizadas pela ONG.

Até 2021 a Associação se encontrava no mesmo local da Ong Base Missionária Reino nas Ruas, que já foi mencionada (e é de suma importância para esse trabalho, por isso será especificada no próximo subcapítulo), e Tiago Abadio Parreira Costa, o fundador da Ong também era o gestor da Associação até o dia do seu falecimento. Atualmente não foram obtidas informações sobre onde a associação se encontra e quem é o novo gestor.

1.5 A ONG - BASE MISSIONÁRIA REINO NAS RUAS

As ONG's são Organizações Não Governamentais, ou seja, sem vínculos com o Governo, que atuam voluntariamente, sem fins lucrativos, em defesa de uma causa, realizando serviços geralmente de caráter assistencial. A ONG Base Missionária Reino nas Ruas foi fundada em 2017, por Tiago Abadio Parreira Costa e sua esposa, Marinei Fructuoso da Silva. Ambos de instalaram no bairro desde a entrega das casas pelo PMCMV e fizeram a sede da ONG na sua própria residência, na Rua Suçuarana.

Como já dito anteriormente os trabalhos da ONG foram encerrados em 2021 após o falecimento do fundador, Tiago, durante a realização deste trabalho. Anteriormente ela era parte essencial desta pesquisa, já que o Projeto a princípio seria uma edificação para atender as atividades realizadas pela ONG em um terreno cedido pela Prefeitura de frente a atual sede.

Em uma entrevista com a co-fundadora Marinei Fructuoso da Silva, apresentada na Tabela a seguir, podemos pontuar algumas questões relativas as atividades realizadas pela ONG e suas demandas. A ONG atendia cerca de 80 crianças, sendo 50 de forma assídua e realizava atividades de reforço escolar, aulas de dança, música e teatro, possuía uma biblioteca (apesar de ser dito por Marinei que as crianças não se interessavam muito), promoviam torneios de futebol aos sábados, sessões de pipocas mensais e gincanas, além de cultos ao domingos (Quadro 2).

	DOMINGO	SEGUNTA	TERÇA	QUARTA	QUINTA	SEXTA	SÁBADO
Manhã	Atividades Recreativas	Reforço Escolar	Reforço Escolar	Reforço Escolar	Não há atividades	Reforço Escolar	Atividades Recreativas
Tarde	Não há atividades	Reforço Escolar	Reforço Escolar	Reforço Escolar	Não há atividades	Reforço Escolar	Atividades Diversas
Noite	Culto Religioso	Aula de Teatro	Aula de Dança	Aula de música	Não há atividades	Não há atividades	Atividades Diversas

Quadro 2: Tabela de atividades realizadas pela ONG em 2020.
Fonte: SANTOS 2020.

A base também servia café da manhã e lanche da tarde diariamente e no terreno em frente, cedido pela prefeitura, funcionava um campo de futebol improvisado, do qual os jovens se apropriaram e se reúnem até hoje.

Ao ser perguntada sobre a necessidade de um equipamento comunitário que atenda as crianças do bairro no contra turno escolar e que proporcione atividades de lazer, cultura e esporte para todos, Marinei (2022) acredita que seja muito interessante, principalmente pelo bairro possuir apenas algumas quadras e parquinhos espalhados. Apesar da fala dela não foi possível localizar.

Como apresentado por CHAVES (2020) em uma entrevista com Thiago, o fundador pretendia realizar um projeto para o terreno recebido a fim de ampliar e melhorar os serviços prestados por eles.

“[...] nossa ideia é construir um espaço arejado com quatro salas de aula para as aulas de reforço. A gente já dá aula de reforço, mas eu quero melhorar essa aula de reforço. Vamos fazer um refeitório, com uma cozinha grande, e uma área de salão para festas.”
“(COSTA, entrevista concedida em outubro de 2019)

Este depoimento serviria diretamente como programa de necessidades para o projeto que seria realizado, mas continua servindo como base e direcionamento para a presente pesquisa e para o Centro Comunitário que será desenvolvido, já que são ricas as informações da demanda que a ONG supria e que agora sem ela não são mais realizadas.



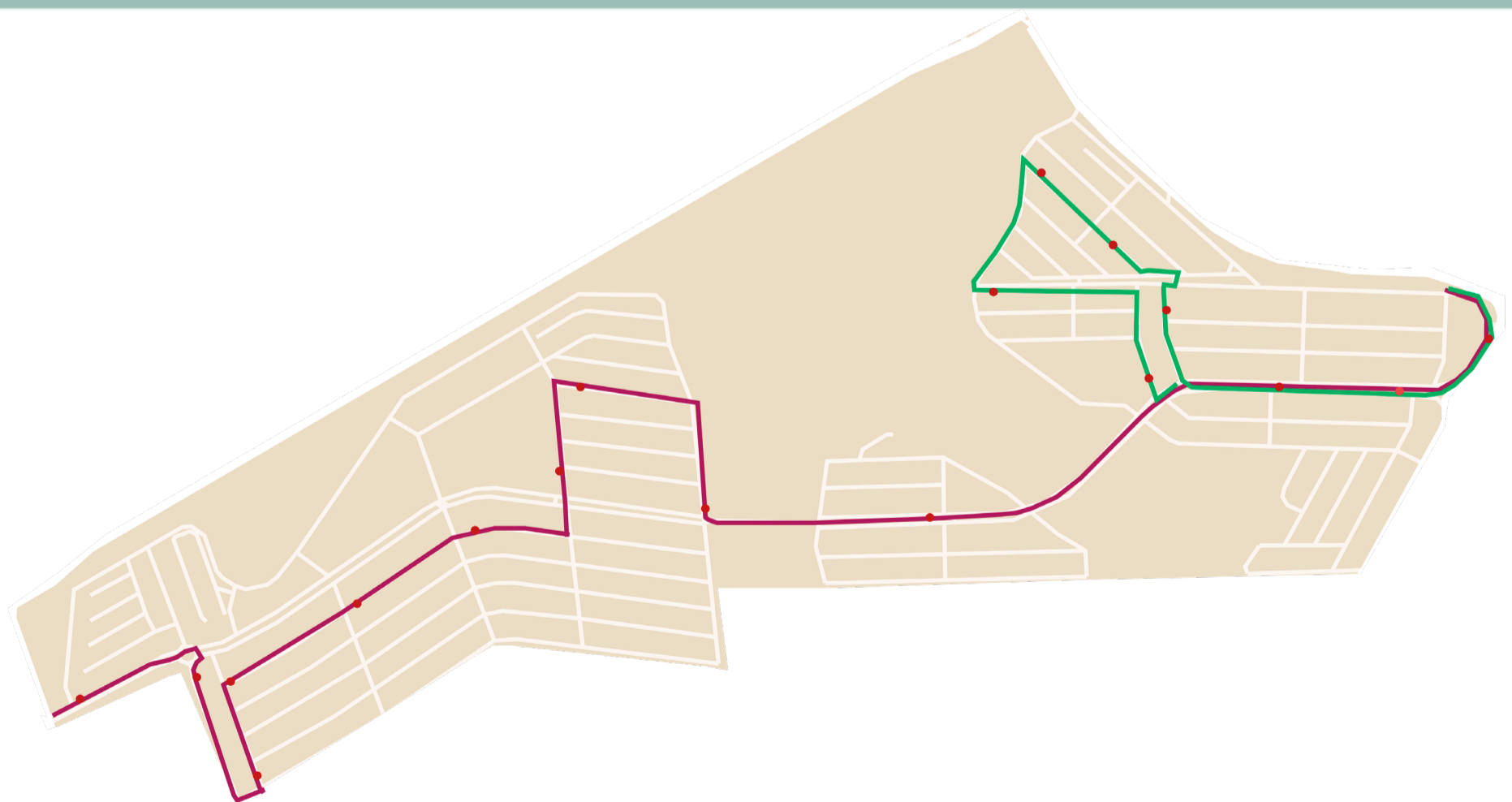
Imagem 12: Logomarca ONG Reino nas Ruas.
Fonte: Facebook da ONG.

1.6 INFRAESTRUTURA DO BAIRRO

Analisar a mobilidade, os espaços verdes do bairro, os comércios e serviços são de grande relevância para complementar os estudos em relação a área em que Centro Comunitário será instaurado. Pois, é a partir desse levantamento, que podemos avaliar e realizar um diagnóstico mais completo sobre a dinâmica do bairro e sobre como o projeto impactará na região.

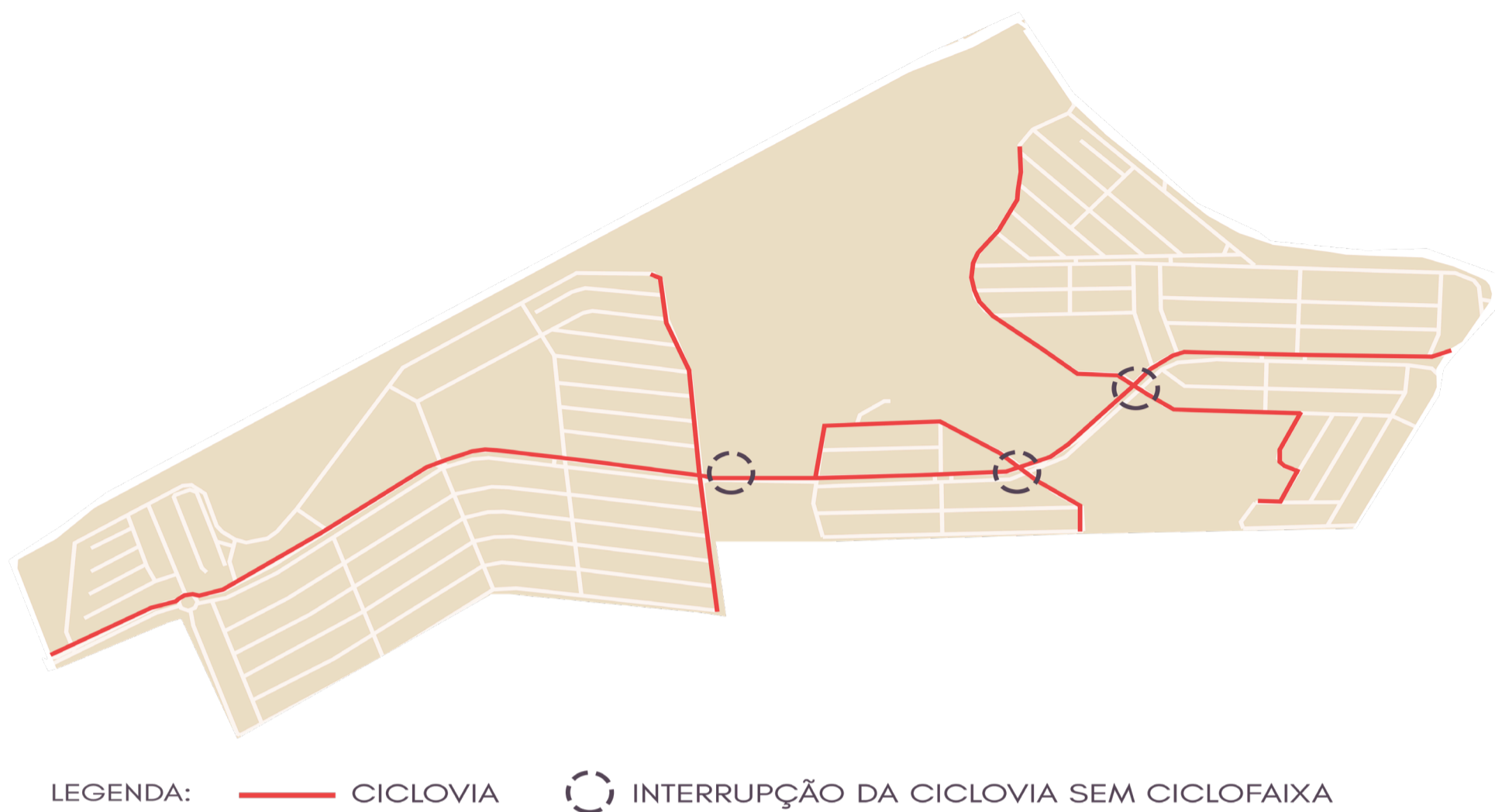
Em relação a mobilidade, na escala do transporte público, o bairro é atendido por apenas duas linhas de ônibus, a A436 e A439, sendo que a linha A439 atende apenas uma porção do bairro. (Mapa 4) Além disso ambas as linhas conectam o Residencial Pequis ao Terminal de ônibus do bairro Planalto, e não ao Terminal Central, que é o mais importante e conecta os diferentes setores da cidade.

Por efeito, é necessário levantar uma problemática que é comum nos bairros periféricos de baixa renda, na qual a localização afastada, os poucos acessos à ele (apenas dois principais, no caso do pequis) e a falta de infraestrutura de qualidade para o transporte público geram perda de qualidade de vida para a população residente, que se submetem a passar até 1 hora e meia em horários de pico para realizar um trajeto até o centro, em ônibus lotados e sobrecarregados.



LEGENDA: ● PONTOS DE ÔNIBUS — LINHA DE ÔNIBUS A436 — LINHA DE ÔNIBUS A439

Mapa 4: Linhas de Ônibus e pontos de Ônibus. Fonte: Autora.



Mapa 5: Ciclovias e suas interrupções. Fonte: Autora.

Devido ao cenário apontado acima, a solução muitas vezes encontrada pelos moradores para garantir um deslocamento um pouco mais rápido e mais confortável, é a aquisição de automóveis particulares, carros ou motocicletas. Essa resposta da população impacta de forma direta, primeiramente, no meio ambiente, por conta de diversos fatores já muito discutidos na atualidade e no urbanismo moderno, e também impacta no bolso desses indivíduos, que de acordo com os dados já expostos no subcapítulo 1.3 possuem renda média de 1 a 2 salários mínimos, o que dificulta a compra de um automóvel sem a geração de dívidas.

Também existem algumas ciclovias no bairro passando pelas avenidas principais e pelas marginais do córrego e da APP, entretanto, exceto a ciclovia principal que liga o bairro de ponta a ponta, as demais apresentam descontinuidades, levando de um ponto inicial A para um ponto final B sem se comunicar com as demais. Outra ressalva é de que falta sinalização em vários pontos dessas ciclovias além da presença de interrupções em cruzamentos importantes, o que acarreta na falta de segurança do usuário.

Através de uma visita in loco foi constatado que a maioria dos deslocamentos feito pelos moradores acontecem a pé, o que não é uma particularidade do bairro e sim uma parte da estatística do Brasil onde segundo a Associação Nacional de Transporte Público, ANTP (2013), 36% dos deslocamentos diários são feitos exclusivamente a pé. Diante disso a qualidade desse meio de transporte deve ser assegurada por meio de calçadas adequadas e acessíveis, sinalização e conforto ambiental.

Em relação as áreas verdes do bairro, o mesmo possui uma Zona de Preservação e Lazer (ZPL) na qual está incluída uma APP, Área de Preservação Permanente. Nessa região foi implantado o Parque Linear do Residencial Pequis como uma medida para minimizar os impactos da construção do loteamento e como forma de preservar a biodiversidade ali existente. O projeto não possui atrativos, demarcações bem definidas e falta funcionalidade, assemelhando-se mais à um terreno negligenciado, sem dono. Além do Parque Linear é possível identificar outras poucas áreas que servem com espaços livres públicos, inclusive uma ao lado do terreno escolhido para o projeto do Centro Comunitário.



Imagem 13: Parque Linear sem arborização e delimitações. Fonte: POLI (2021)

A presença de espaços livres e respiros não edificados no tecido urbano são de suma importância para um projeto urbanístico de qualidade, pois eles se tornam marcos e referenciais para a população, são locais de encontro, convívio e socialização, contribuem para o bem-estar da comunidade e permitem com que esta se identifique com ele. Negligenciar esses espaços na hora de projetar um loteamento desencadeia uma série de problemas futuros, que provavelmente no caso do Residencial já estão sendo detectados.

Um ponto que o presente projeto do Centro Comunitário visa atender é o de ser um espaço que cumpre essa função social dos espaços livres públicos, concebendo ao bairro um ambiente que possibilita o acesso da população aos direitos citados acima.

Em relação ao comércio e aos serviços presentes no bairro é possível demarcar claramente um eixo no qual estes se concentram, em torno da avenida principal Wilson Rodrigues da Silva. Esta é uma tipologia muito comum em diversos bairros periféricos das cidades brasileiras, como evidenciado por Santos e Serpa:

“Na periferia, os grandes eixos de circulação têm grande influência na formação/consolidação das centralidades de comércio e serviços. A formação/consolidação de centralidades ou de núcleos comerciais e de serviços está estreitamente relacionada com as áreas de maior acessibilidade [...]”
(SANTOS,2000, p. 54).

Com esse modelo as demais quadras tornam-se predominantemente residenciais o que é positivo de certa forma por gerar tranquilidade nos miolos dos quarteirões, seguindo a linha de “ilhas de tranquilidade” propostas por Campos Filho (2003), mas também pode gerar áreas com menos segurança pela falta de vitalidade.

Os estabelecimentos não seguem um planejamento e surgem de maneira espontânea, de acordo com as demandas e possibilidades dos moradores, por isso nas Imagens 14 e 15 fica claro a variedade e diversidade dos mesmos ao longo da avenida principal.

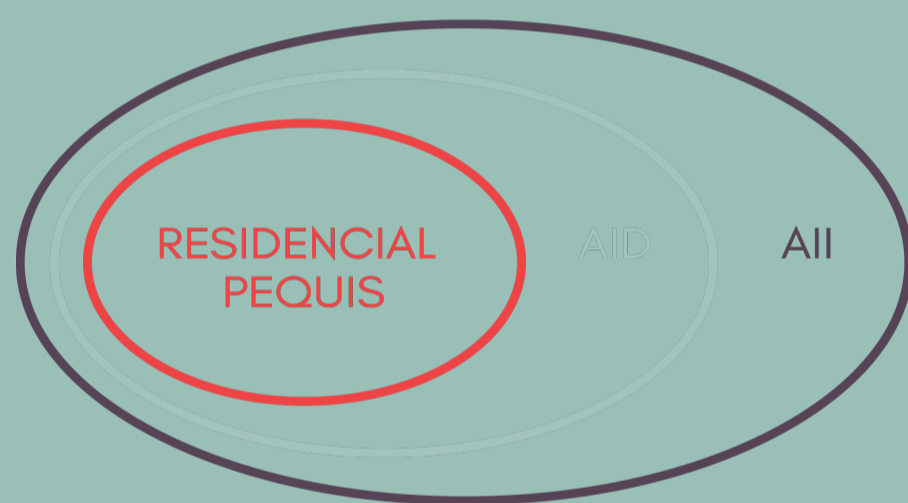


Imagens 14 e 15: Comércios espalhados pela avenida Wilson Rodrigues da Silva.
Fonte: Google Maps.

Por fim outro ponto interessante de se abordar é sobre as Zonas de influência do bairro, no EIV realizado para o empreendimento Residencial Pequis, já citado previamente, foi estabelecido quais são as áreas de influências diretas e indiretas. A Área de Influência Direta é aquela mais próxima ao bairro e que tem maior ligação com o mesmo, pois é atingida pelos impactos decorrentes dele e vice-versa. a área um pouco mais afastada mas que sofre com impactos brandos vindos do bairro e vice-versa. Já a Área de Influência indireta é um pouco mais afastada, mas também sofre e causa impactos no bairro, mesmo que brandos (Imagem 16).

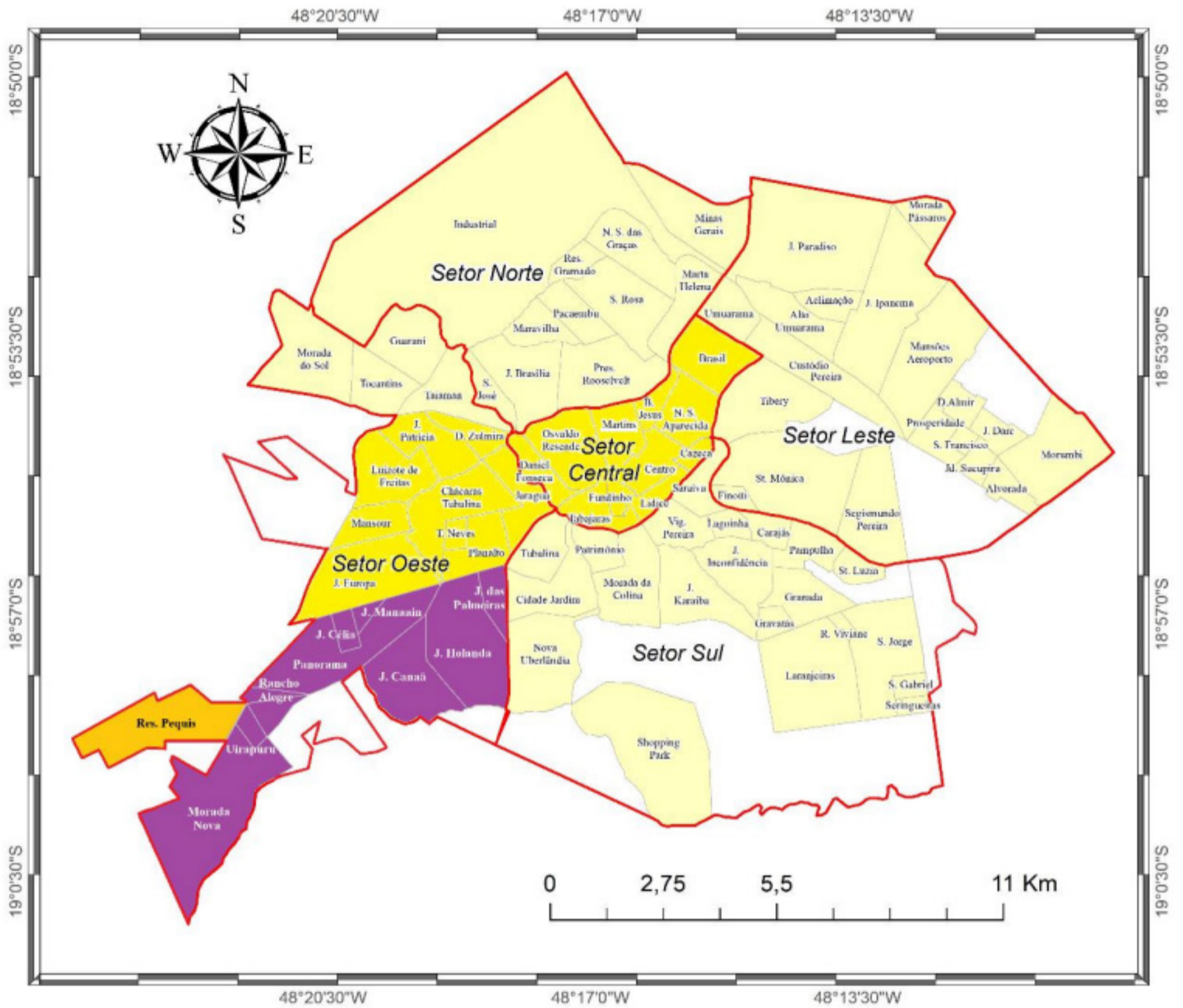
Entender sobre as zonas que influenciam e são influenciadas pelo bairro, ainda mais se tratando de uma área que está nas franjas da cidade, possibilitam inferir com quais locais e equipamentos públicos o bairro se relaciona por exemplo, além de que o projeto do Centro Cultural poderá eventualmente receber moradores da área de Influencia direta.

Na Área de Influência Direta estão os bairros: Jardim Célia, Jardim Canaã, Jardim Holanda, Jardim das Palmeiras e Jardim Maanaim, além do setor de chácaras Morada Nova, Rancho Alegre, Uirapuru, Sítios de Recreio Parque das Américas e Chácaras Panorama. Já na Área de Influência Indireta estão os demais bairros do Setor Oeste e Setor Central. (Mapa



Imagens 16: Diagrama Áreas de Influencia Direta (AID) e Áreas de Indluencia Indireta (All).
Fonte: Autora.

O Setor Oeste abriga cerca de 25% da população da cidade, com cerca de 150.000 habitantes e possui oferta de serviços básicos de saúde, educação e assistência social, porém, em relação à áreas de lazer e esporte, estas se encontram fora das zonas de influência, corroborando para a implantação do Centro Comunitário no Residencial.



CONVENÇÕES CARTOGRÁFICAS

- Res. Pequís
- Limite Bairros
- Setores Urbanos

ZONA DE INFLUÊNCIA

- Influência Direta
- Influência Indireta
- Sem influência

Mapa 6: Zonas de Influência do Bairro Residencial Pequís segundo o EIV. Fonte: SANTOS 2020.



Imagem 17: SESC Guarulhos. Fonte: Archidaily.



Imagem 18: CEU Butantã. Fonte: Nelson Kon.

CONTEXTUALIZANDO: O CASO DOS CEU'S E DOS SESC'S

02

2.1 A PROPOSTA DOS CEU's

Antes de destrincharmos o projeto dos CEU's a fim de entender seu programa e funcionamento, é imprescindível que falemos do educador Anísio Teixeira (1900-1971) (Imagem 19) e da sua proposta pedagógica para a educação pública brasileira. Anísio após sua pós graduação nos Estados Unidos trouxe para o país a política educacional na qual a escola deve proporcionar o pleno desenvolvimento da criança, e para isso usou como base o sistema das escolas Platoon, de John Dewey (1859-1952).



Imagem 19: Fotografia de Anísio Teixeira.
Fonte: Wikipedia.

O modelo americano tinha como base a divisão dos alunos em duas turmas que frequentariam dois turnos alternados, sendo um turno para a realização das disciplinas curriculares como matemática, história e ciências por exemplo, e outro para as disciplinas extracurriculares, como educação física, artes, etc. As escolas se sustentavam em sete pilares de educação, que foram todos adotados por Anísio futuramente:

- Fundamentos: Matérias básicas que promoviam o intelecto dos alunos;
- Atividades Vocacionais: Salas com a intenção de instruir os alunos vocacionalmente, realizando artesanato, cozinha, costura, etc.;
- Ciências: Salas próprias para o ensino da disciplina de forma prática;
- Saúde: Aulas de educação física e recreio;
- Horas de lazer: Momentos para desenvolvimento da criatividade, por meio de aulas de música, instrumentos, leitura, etc.;
- Socialização: Uso do auditório;
- Atividades especiais: Biblioteca e até clínicas médicas.

Essa dinâmica americana propõe diversos benefícios para a comunidade: O edifício escolar torna-se eficiente pois fica em uso várias horas por dia, a criança permanece em tempo integral na escola desenvolvendo-se academicamente e socialmente e os pais podem trabalhar com tranquilidade sabendo que os filhos estão em segurança.

Então, influenciado por essas ideias em 1947 Anísio criou o Sistema das Escolas Parques, juntamente com os arquitetos Hélio Duarte e Diógenes Rebouças, no qual as escolas comportariam um sistema similar ao das escolas Platoon. A ideia era a divisão do edifício escolar em dois blocos, um sendo a escola nuclear e outro sendo o parques escolar, para que assim a criança frequentasse os dois núcleos em diferentes turnos. O Centro Educacional Carneiro Ribeiro implantado em Salvador na Bahia foi o único exemplar de escola parque a ser executado. Na Imagem 20 é possível observar nos números 1,2,3 e 4 as Escolas Classe e no número 5 a infraestrutura necessária para as atividades complementares.

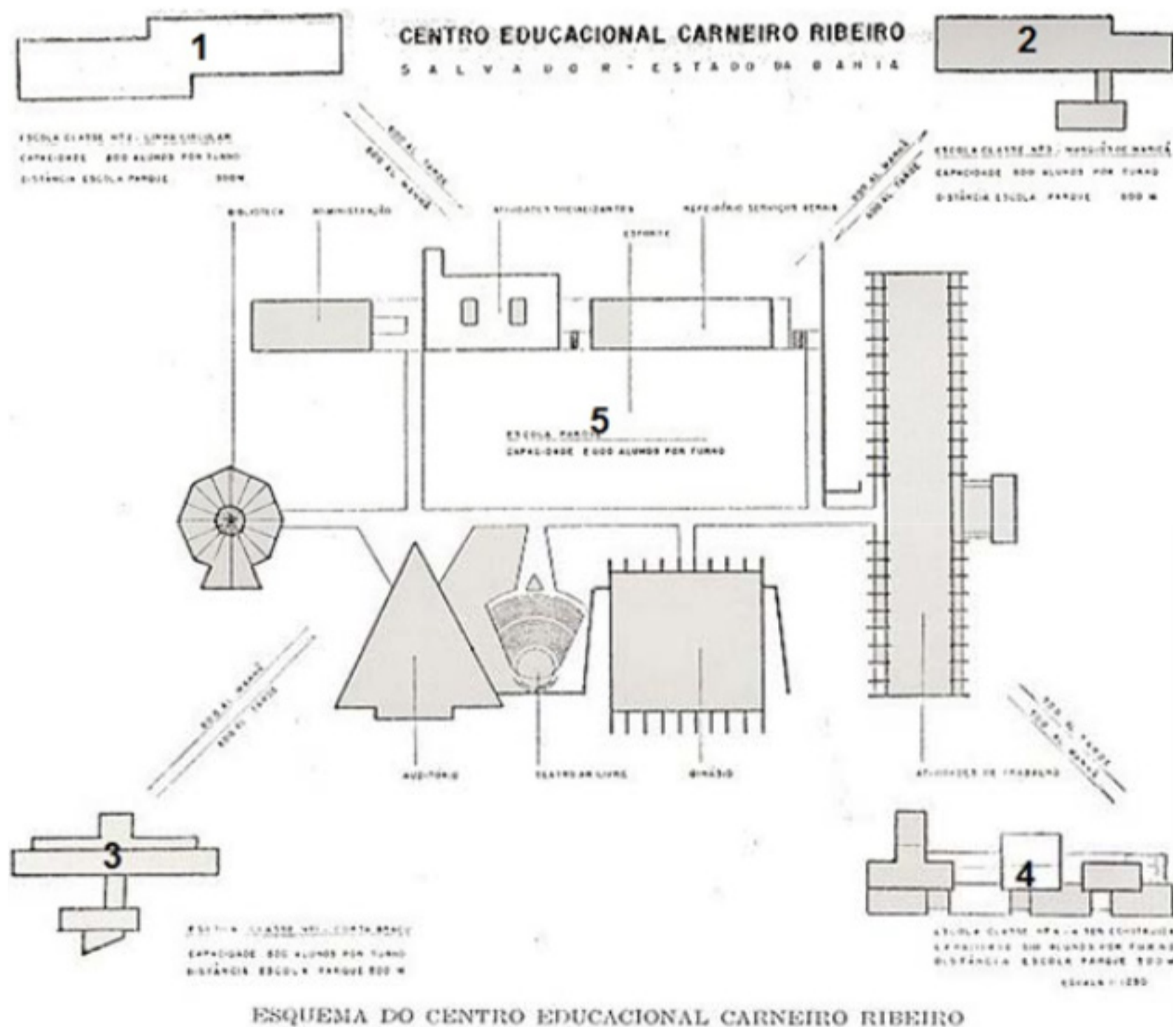


Imagem 20: Fotografia de Anísio Teixeira. Fonte: Wikipedia.

O fato de apenas um exemplar desse modelo ter sido executado de fato por Anísio se deve ao fato de que o período não era o mais propício para investimentos altos na área da educação, já que o país enfrentava um período pós guerra e também o êxodo rural e crescimento urbano acelerado.

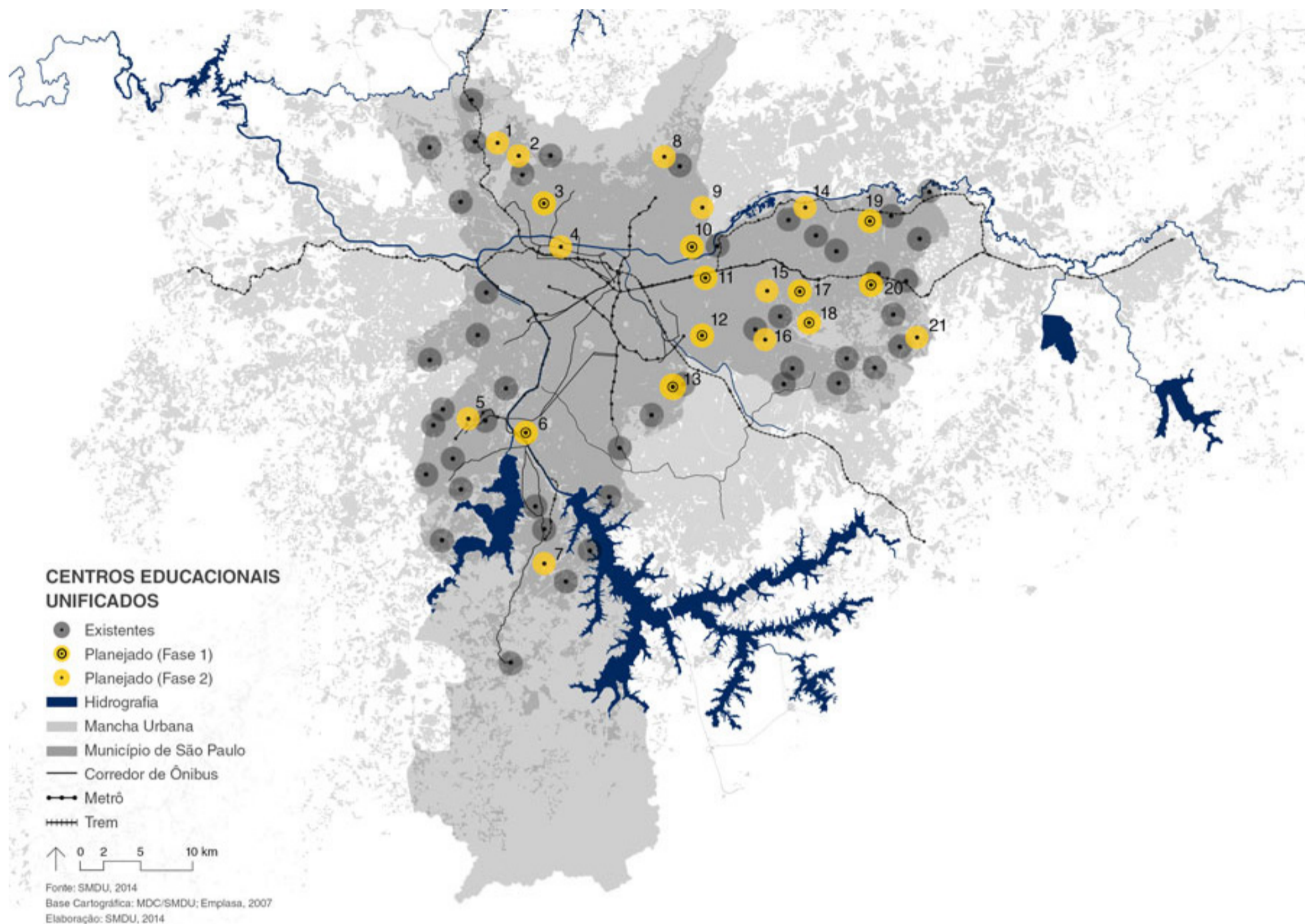
No ano seguinte, em São Paulo, Hélio Duarte assumiu a direção do Convênio Escolar, uma associação entre o Governo do Estado e a Prefeitura da cidade que visava reestruturar o sistema educacional municipal. Nesse período Hélio buscou botar em prática as ideias vivenciadas ao lado de Anísio só que compatibilizando-as a um orçamento menor e uma demanda maior, já que ele possuía a responsabilidade de suprir um déficit educacional alto advindo do aumento populacional na cidade. Foi juntamente com uma equipe de arquitetos que Hélio estabeleceu pela primeira vez a intenção de tornar o espaço escolar um equipamento urbano, que atenderia não só alunos, mas toda a comunidade.

O Convênio Escolar chegou ao fim mas influenciou diretamente o projeto dos Centros Educacionais Unificados (CEU's) proposto pelo Departamento de Edificações da Prefeitura de São Paulo (EDIF) e centro desta pesquisa. O plano dos CEUS's é embasado na linha da educação integral voltada para crianças e adolescentes mas possui seu uso aberto para as demais partes da sociedade, com um programa que oferece educação, esporte, lazer e cultura para toda a comunidade em que está inserido.

“Os CEUs foram construídos com o objetivo de promover uma educação à população de maneira integral, democrática, emancipatória, humanizadora e com qualidade social. Juntando não somente educação, mas também, a cultura, o esporte, lazer e recreação, possibilitando o desenvolvimento do ser humano como um todo, como pessoa de direitos e deveres e dono de sua história.”

(SÃO PAULO, 2014)

Os projetos vão além da esfera arquitetônica e são pensados como ações urbanísticas, já que a sua implantação impacta o espaço urbano ao redor, qualificando-o e levando infraestrutura urbana para camadas da sociedade que dificilmente teriam acesso à esses benefícios.



Mapa 7: Centros Educacionais Unificados na região de São Paulo em 2014. Fonte: Site prefeitura de SP.

Atualmente, segundo o site oficial dos CEU's, o programa possui 53 unidades, sendo três dessas indígenas. Os primeiros exemplares foram elaborados em 2001, durante o governo de Marta Suplicy, pela equipe de Alexandre Delijaicov, André Takyia e Wanderley Ariza, dando início a primeira das quatro fases que o programa apresentou até hoje. Nessa primeira etapa foram entregues 21 unidades, até o ano de 2004, com um custo médio de 13 milhões cada e todas com materiais pré fabricados.

Como um exemplar desta fase temos o CEU Butantã (Imagem 21), que servira de referencia nos próximos capítulos para o projeto. Houve uma pausa no projeto durante o governo de José Serra (2005-2006) e a construção de 24 unidades que haviam sido previstas foram canceladas, então a segunda etapa ocorreu no governo de Gilberto Kassab (2007-2012), no qual foram retomadas a construção de 24 novos CEU's, com um novo projeto arquitetônico de autoria de Walter Mahkrol e a um custo médio de 25 milhões cada.



Imagem 21: CEU Butantã
(Primeira fase dos CEU's).



Imagem 22: CEU Lajeado
(Segunda fase dos CEU's).



Imagem 23: CEU Heliópolis
(Terceira fase dos CEU's).

A terceira fase ocorreu entre 2013 e 2017, já no governo de Fernando Haddad e pretendia construir 20 novos centros a partir de um novo projeto arquitetônico que assemelhava-se mais as escolas municipais já existentes na cidade, só que com uma abertura maior para a comunidade. Porém o único exemplar entregue nesse período foi o CEU Heliópolis, assinado por Rui Ohtake, com um custo médio de 33 milhões de reais.

Outras 12 unidades estavam em obra até o final do governo de Haddad em 2017, porém foram paralisadas até o governo de Bruno Covas, em 2019, onde só aí foram retomadas e deu-se início a quarta fase do programa. Essa fase compreende projetos que extrapolaram o limite do município de São Paulo e também o surgimento de um novo escopo, mais flexível e amplo, o Território CEU, no qual além de espaços de educação, cultura e esporte soma-se o espaço de múltiplo uso, com atividades específicas que cada região demandam.

O Território CEU é uma proposta na qual os futuros CEU's ampliam o conceito original e surgem com a preocupação inicial de se integrar aos equipamentos públicos existentes na circunvizinhança, no intuito de produzir manutenção e revitalização dos mesmos, além de criar trechos estruturantes de infraestrutura urbana a fim de garantir o acesso seguro da população ao espaço da cidade. Para isso é considerado um raio de 600 metros a partir do CEU e é criada uma estrutura de sinalização integrando-o aos demais equipamentos através de soluções urbanísticas que incluem vias acessíveis, iluminação, arborização, ciclovias e mobiliário.

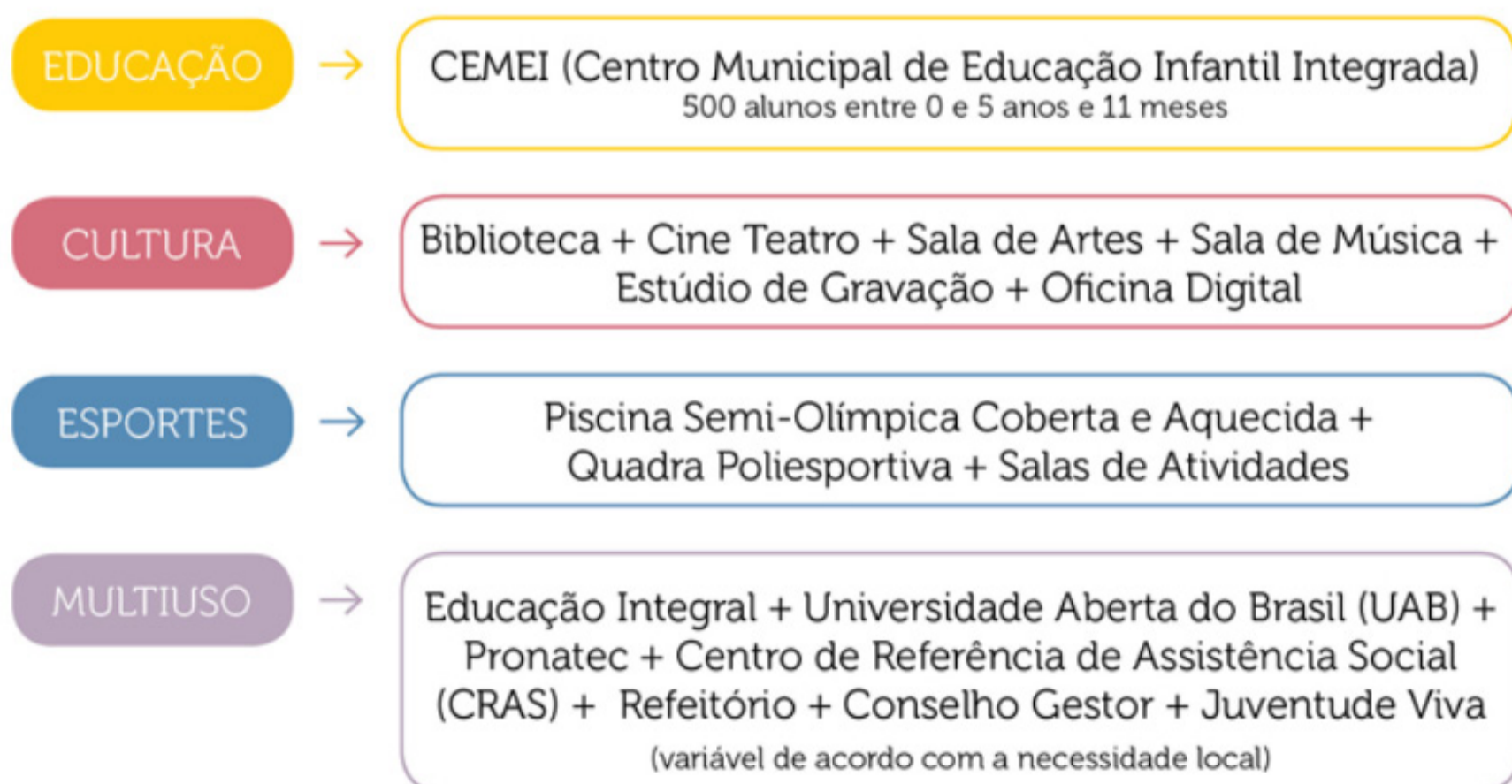


Imagem 24: Esquema das atividades do Território CEU.
Fonte: Site prefeitura de SP.

Esse projeto faz parte do Programa Rede Integrada de Equipamentos desenvolvido pela Secretaria Municipal do Desenvolvimento Urbano (SMDU) de São Paulo que “objetiva alcançar uma maior equidade na oferta de serviços públicos através da integração física e de gestão dos diversos equipamentos municipais existentes” (SÃO PAULO, 2013).

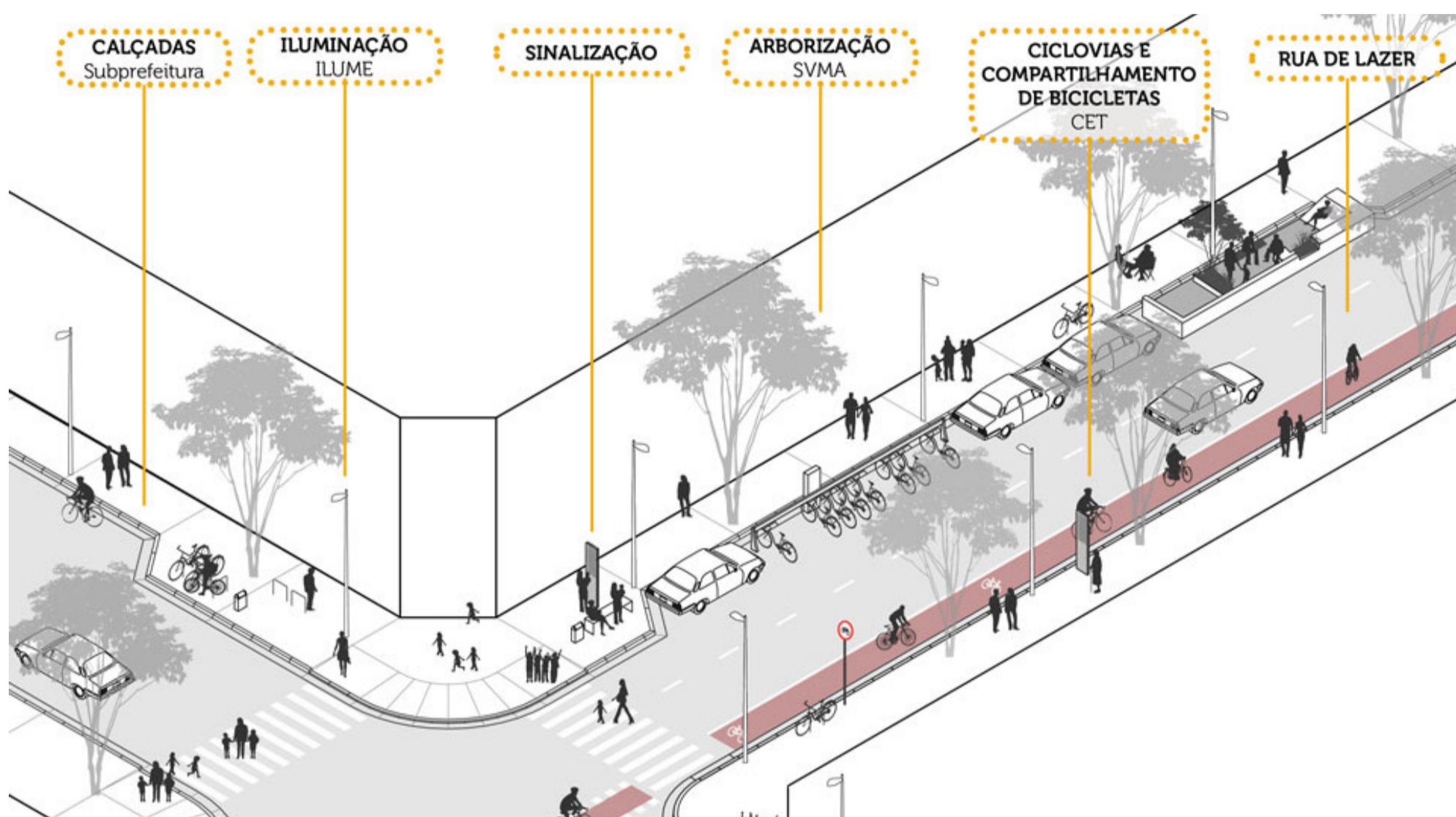
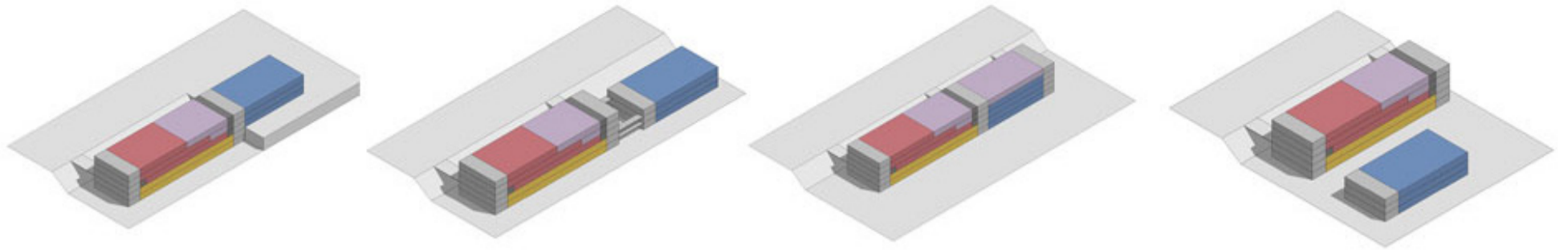


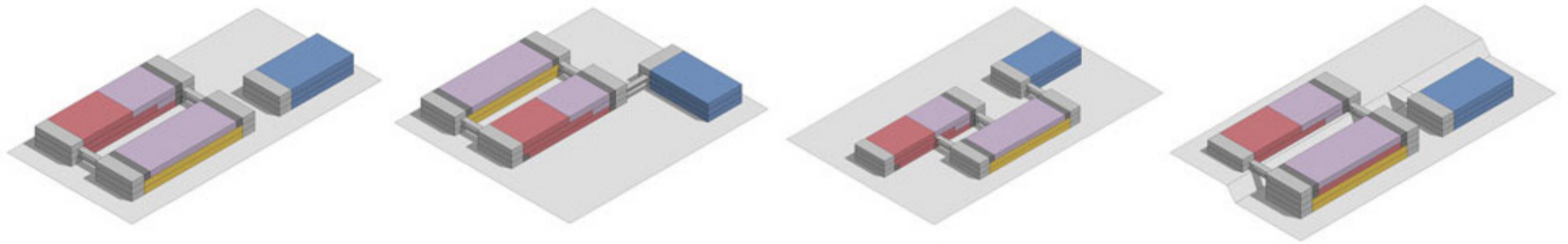
Imagem 25: Esquema das propostas urbanísticas no Território CEU. <https://gestaourbana.prefeitura.sp.gov.br/rede-de-equipamentos/territorios-ceu/projeto/>



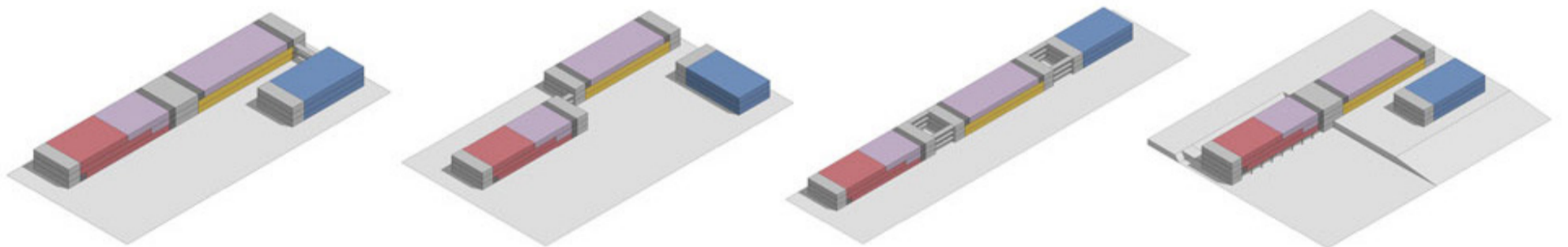
Imagem 26: Território CEU José Anchieta exemplar da nova fase do CEU. <https://gestaourbana.prefeitura.sp.gov.br/rede-de-equipamentos/territorios-ceu/projeto/>



Arranjo Vertical



Arranjo Paralelo



Arranjo Linear

Imagem 27: Sistema de arranjos com os agrupamentos de blocos do Território CEU.
<https://gestaourbana.prefeitura.sp.gov.br/rede-de-equipamentos/territorios-ceu/projeto/>

O projeto arquitetônico se baseia no arranjo e agrupamento funcional dos blocos através de um sistema que garante a diversidade necessárias à adequação do equipamento terrenos e programas.

2.2 A PROPOSTA DOS SESC's

O Serviço Social do Comércio (SESC) é uma instituição brasileira de iniciativa privada, fundada pelos empresários do setor de comércio, serviços e turismo em 1946 a partir do Decreto-Lei nº 9.853, com o objetivo de assegurar qualidade de vida aos trabalhadores desse setor e seus familiares. O projeto abrange todo o território nacional, mais precisamente 2,2 mil municípios e apesar de priorizar os funcionários do comércio e seus familiares é aberto ao público e atende as outras parcelas da população proporcionando saúde, lazer, cultura e assistência para todos.

É válido salientar que existe uma instituição similar ao SESC só que voltada para os funcionários das indústrias, o SESI (Serviço Social da Indústria), que é uma rede paraestatal que também abrange todo o território brasileiro e possui programa e organização similares.

Ambas as instituições foram criadas em um período pós Segunda Guerra Mundial, no qual a industrialização e o comércio nacional cresciam aceleradamente para atender os países que estavam destruídos e que necessitavam da importação de produtos industrializados. Para atender tamanha demanda de mercado as indústrias ofereciam péssimas condições de trabalho para os operários, com salários baixos, jornadas de trabalhos exaustivas e situações insalubres que refletiam cada vez mais na saúde dos trabalhadores.

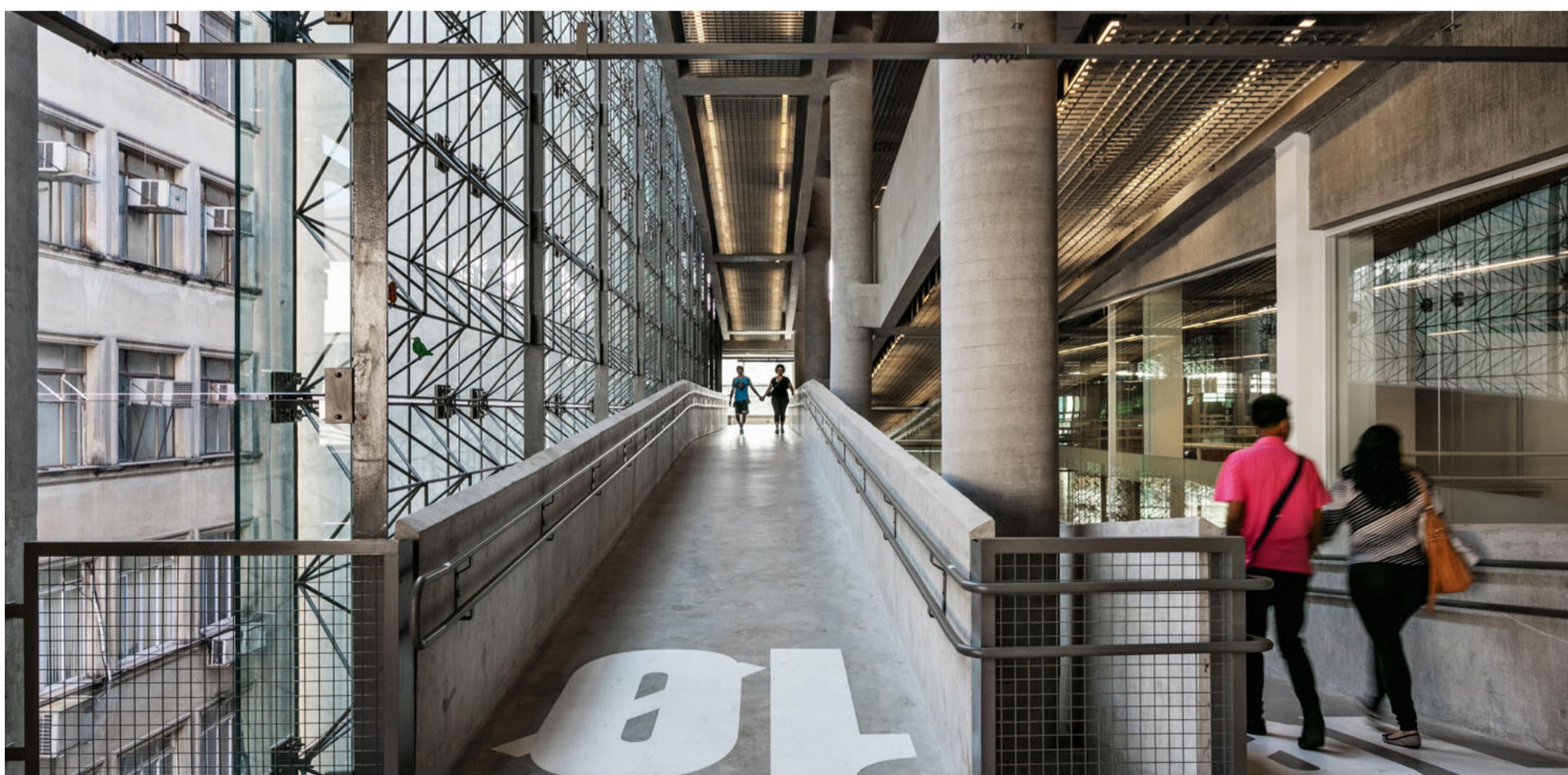


Imagem 28: Sesc 24 de Maio. Fonte: Nelson Kon.

Diante dessa situação insustentável empresários e comerciantes entenderam que o país precisava de trabalhadores que tivessem saúde e direitos garantidos, pois além de mão de obra eles também eram os consumidores do mercado interno. Então, para solucionar esse cenário elaboraram a Carta da Paz Social, um documento que pretendia humanizar as relações entre patrão e trabalhador através da melhoria da qualidade de vida dos mesmos e de suas famílias, para isso estabeleceu princípios e medidas para custear serviços sociais que os operários teriam direitos, como educação, saúde, cultura, lazer e esporte.

O SESC e o Sesi faz parte do grupo do Sistema S, que é o conjunto de entidades com raízes e características organizacionais comuns, que buscam levar desenvolvimento, educação, assistência social e técnica, consultoria e pesquisa para os trabalhadores da indústria, comércio, serviços, agricultura e transporte além da população em geral.



Imagem 29: Sesc Pompeia. Fonte: Nelson Kon.

Diante dessa situação insustentável e isso estabeleceu princípios e medidas para custear serviços sociais que os operários teriam direitos, como educação, saúde, cultura, lazer e esporte.

O SESC e o Sesi faz parte do grupo do Sistema S, que é o conjunto de entidades com raízes e características organizacionais comuns, que buscam levar desenvolvimento, educação, assistência social e técnica, consultoria e pesquisa para os trabalhadores da indústria, comércio, serviços, agricultura e transporte além da população em geral.

De acordo com a Agência Senado, além dos Sesc e do Sesi, fazem parte do Sistema S: O Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai); Serviço Nacional de Aprendizagem do Comércio (Senac); Serviço Social de Transporte (Sest); Serviço Nacional de Aprendizagem do Transporte (Senat); Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (Senar); Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae) e Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo (Sescoop).

O SESC está presente na cidade de Uberlândia, como mostra o Mapa 8, e possui uma unidade, localizada na Zona Central, mais precisamente na Rua Benjamim Constant, 844 - Bairro Aparecida .

O equipamento possui uma academia, uma clínica odontológica, uma escola (bloco separado em frente), ginásio, piscina, quadras poliesportivas e salas para aulas de música, etc.



Imagem 31: Vista aérea Sesc Uberlândia - MG.
Fonte: Autora.



Imagem 30: Sesc Uberlândia - MG. Fonte: Google Maps.

Após o entendimento do que de fato são os CEU's e os SECS's é preciso entender como estes influenciaram o projeto do Centro Comunitário do Residencial Pequis. Um dos principais pontos retirados como referência dos programas em questão se referem as atividades que serão realizadas dentro Centro. No capítulo 4 o programa do Centro Comunitário aparecerá de forma detalhada, mas é possível adiantar que este engloba atividades educacionais (creche, fablab), culturais (auditório/teatro, biblioteca), atividades esportivas (quadra poliesportiva, piscinas semi-olímpicas, academia) e de lazer (piscinas, parquinho, espaços livres, etc.), além de outros serviços como alimentação e salas multiusos, atividades estas que estão presentes em ambos os projetos.

Outro ponto em comum entre os projetos dessas instituições e o Centro Comunitário é sobre o tipo funcionamento, que pretende estar ativo durante todos os dias, inclusive aos finais de semana, para toda à sociedade. entendendo que o mesmo será um polo social do bairro e que diversas atividades e relações acontecerão ali.

Por último mas não menos importante, os projetos se assemelham em relação a função social que exercem em relação aos locais em que estão inseridos, um critério que o projeto do Centro busca priorizar desde o seu princípio e concepção.

Segundo Carlos Maciel "Introduzir o raciocínio infraestrutural nos edifícios de uso público implicaria ainda no reconhecimento do potencial de transformação positiva dos lugares em que se implantaram em decorrência da amplificação da sua articulação territorial." (MACIEL, 2019)

"Porque não considerar em cada bairro, a escola, o grupo escolar, como fonte de energia educacional, como ponto de reunião social, como sede das sociedades de "amigos de bairro", como ponto focal de convergência dos interesses que mais de perto dizem com a vida laboriosa das suas populações?" (DUARTE, 1951).

No Capítulo 3 serão evidenciadas as referências retiradas dos CEU's e dos SESC's, pois, mais importante do que entender sobre os processos históricos e sobre as atuações dos dois na sociedade, é a leitura de projeto que esses edifícios trazem e agregarm na concepção do Centro Comunitário, a fim de compreender a dinâmica do espaço, estratégias utilizadas e absorver características positivas.



Imagem 32: CEU Butantã.
Fonte Neolson Kon.

ESTUDOS DE CASO

03

3.1 CEU BUTANTÃ

Local: Butantã, São Paulo, Brasil.

Projeto: Departamento de Edificações do Município de São Paulo (EDIF)

Ano de conclusão da obra: 2002.

13.246 metros quadrados



Imagem 33: Cores com significado no CEU Butantã.
Fonte: Nelson Kon.

Um dos projetos escolhidos para representar a tipologia dos CEU's foi o CEU Butantã. (Imagem 34) Ele foi um dos primeiros exemplares dos CEU's a ser construído e é o maior da primeira fase de implantações. O programa é distribuído em diferentes blocos que abrigam cada um uma função distinta: No bloco maior ortogonal estão as salas de aulas, o refeitório, as salas de informática, a biblioteca, o laboratório de panificação e a área para exposição/área social; No bloco em forma de disco que parece flutuar está o berçário (Imagem 35); e no bloco em forma de paralelepípedo com cinco pavimentos está o teatro, sala de música e quadras cobertas. Na área externa estão as piscinas, uma grande pista de skate, as áreas verdes, espelhos d'água e lagos que aproveitam a mina de água que está na proximidade, além de uma estação de tratamento da água para esse córrego existente.



Imagem 34: CEU Butantã.
Fonte: Nelson Kon.

Pode-se constatar que a setorização bem marcada foi uma característica definidora de projeto e que além disso o mesmo buscou ser auto explicativo, já que até as cores foram pensadas a fim de facilitar a leitura do espaço: As paredes azuis demarcavam as áreas molhadas; as paredes vermelhas demarcavam a circulação (escadas e elevador); e as paredes amarelas demarcavam as salas de aula e os espaços educacionais, em referência à gema do ovo, que seria o embrião para a formação dos novos cidadãos (Imagem 33).



Imagem 35: Interior do berçário no CEU Butantã.
Fonte: Nelson Kon.

O terreno em que o projeto foi implantado apesar de bastante irregular foi bem aproveitado e conseguiu ser ponto de partida para espaços bem definidos, patios, praças, espelhos d'água, fazendo com que praticamente toda a área do lote seja aproveitada e destinada ao uso da comunidade.

O sistema construtivo utilizado foi o pré-fabricado de concreto, devido a facilidade e rapidez na montagem. Mas como todo projeto é passível de erro segundo Alexandre Delijaicov (2018) não foi uma decisão muito acertiva, pois como vinha tudo pronto isso gerou um mal estar na população, que não teve tempo de gerar apropriação social

Outro ponto chave do projeto é que todos os CEUs dessa primeira etapa foram implantados de frente para um curso d'água, e segundo Delijaicov foi proposital para levantar a questão da poluição dos rios que é muito comum na capital. "Queríamos dizer o seguinte: fomos nós que deixamos o rio ficar assim, e somos nós que teremos que reverter essa realidade" Delijaicov (2018).



Imagem 36: Vista aérea do espaço do CEU Butantã.
Fonte: Autora.

Do projeto inicial feito pela equipe da EDIF (Imagem 37) para a implantação in loco houveram algumas modificações, mas a essência do projeto permaneceu a mesma como vemos na Imagem 38

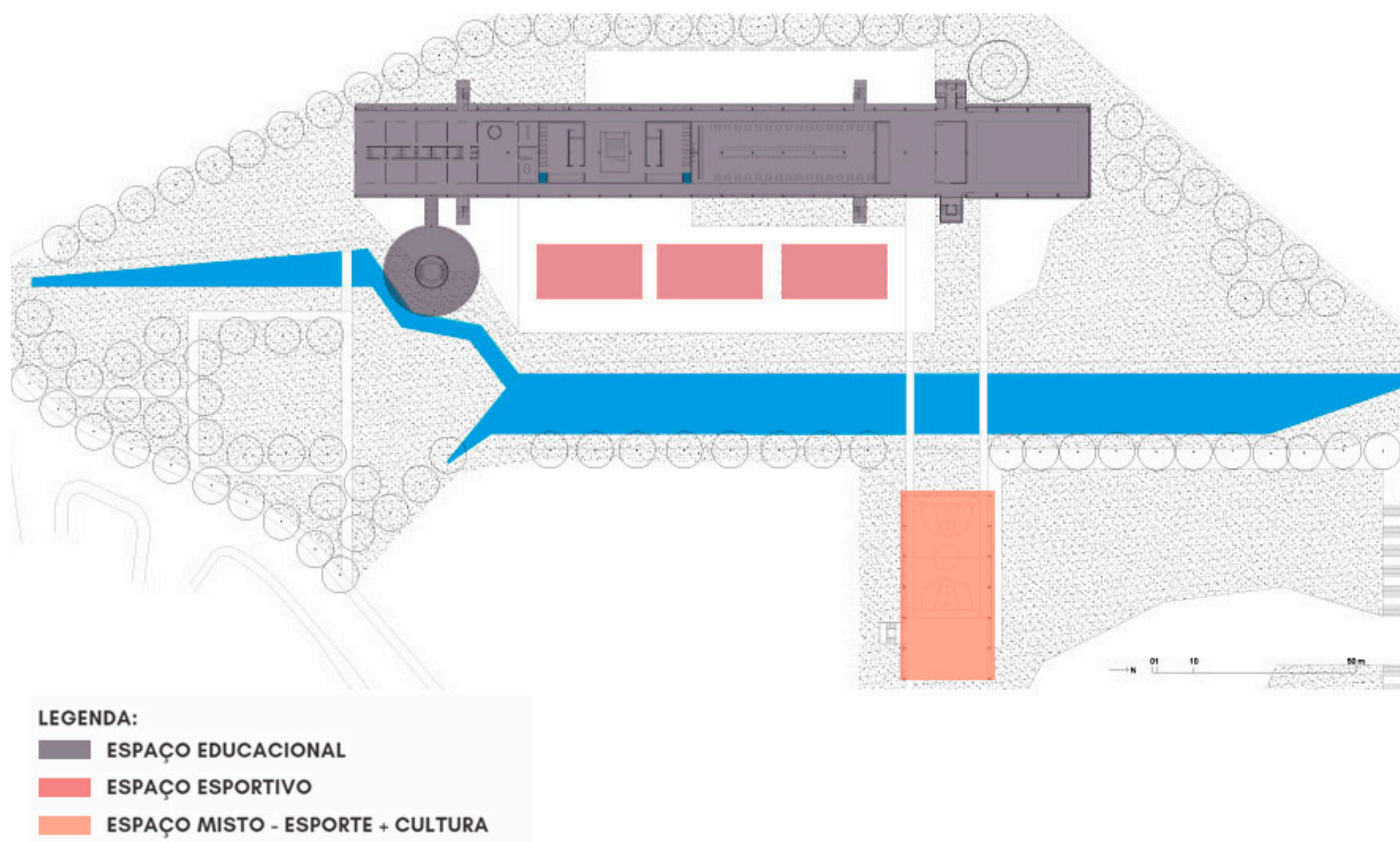


Imagem 37: Planta de implantação do projeto CEU Butantã com análise de setorização. Fonte: Autora.



LEGENDA:

- ESPAÇO EDUCACIONAL
- ESPAÇO ESPORTIVO
- ESPAÇO MISTO - ESPORTE + CULTURA
- ➔ ACESSO PRINCIPAL

Imagem 38: Projeto executado do CEU Butantã com análise de setorização. Fonte: Autora.



Imagem 39: Salas multiuso no CEU Butantã. Fonte: Autora.

3.2 SESC GUARULHOS

Local: Butantã, São Paulo, Brasil.

Projeto: Departamento de Edificações do Município de São Paulo (EDIF)

Ano de conclusão da obra: 2002.

13.246 metros quadrados

O projeto escolhido para representar a tipologia dos SESC's foi o SESC Guarulhos. O edifício gira em torno de uma praça central que é o coração do projeto e que recebe, organiza e distribui os principais fluxos. Ela está localizada logo na entrada e assim que o visitante chega consegue compreender como o edifício se organiza e qual caminho deve percorrer.

“A nossa ideia era projetar um edifício extrovertido, percorrido pelo olhar, onde você pode ter perspectiva de todos os acontecimentos do entorno. Isso, para nós, foi a essência do projeto”
(PIAN,2019)

O princípio da permeabilidade visual foi bastante salientado pelos autores, que apontam este como o grande diferencial do projeto, utilizando de soluções arquitetônicas e materiais com transparência garantiram a integração dos espaços.



Imagem 40: SESC Guarulhos. Fonte: Nelson Kon.

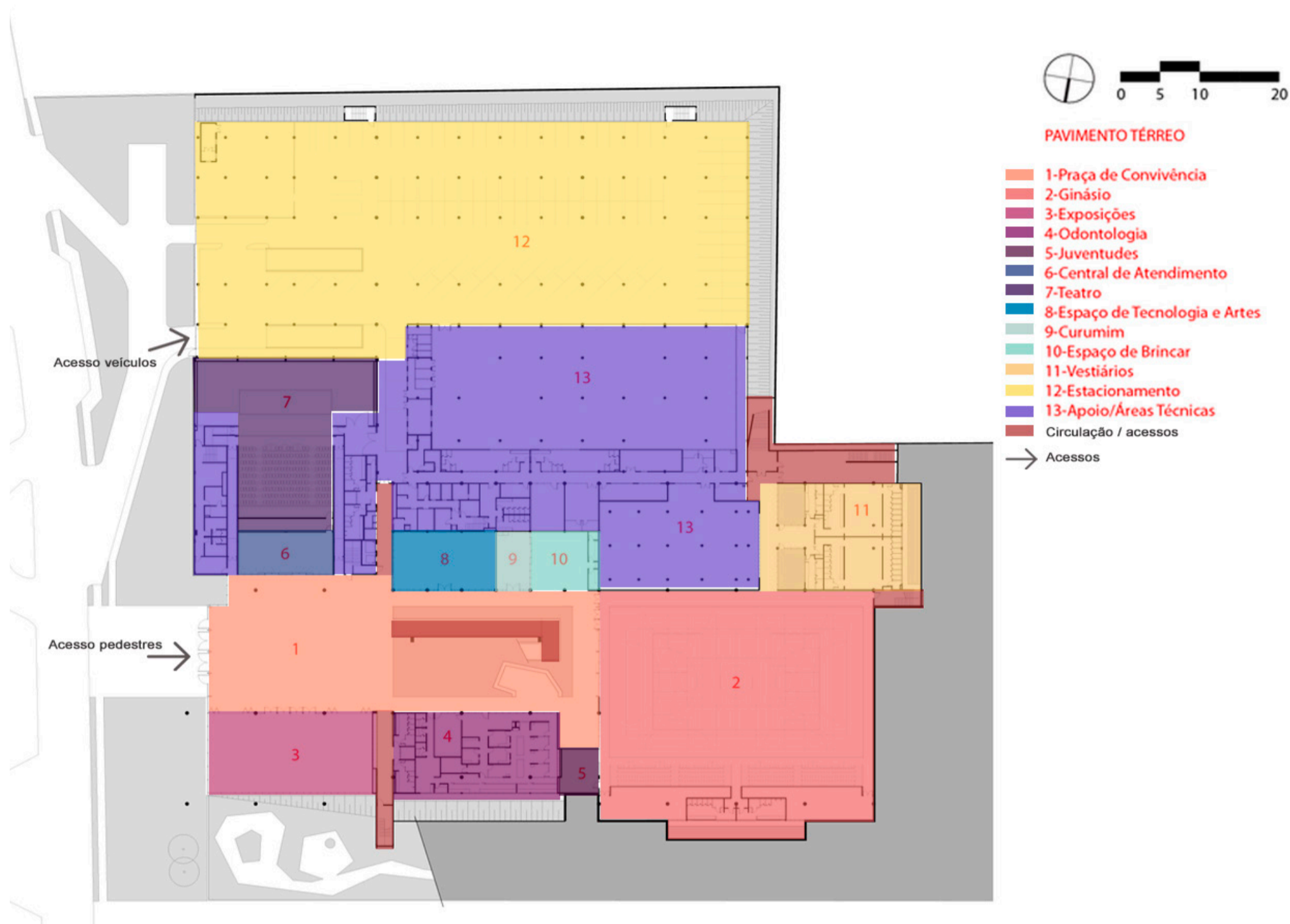


Imagem 41: Planta térreo SESC Guarulhos. Fonte: Autora.



Imagem 42: Planta nível intermediário SESC Guarulhos. Fonte: Autora.

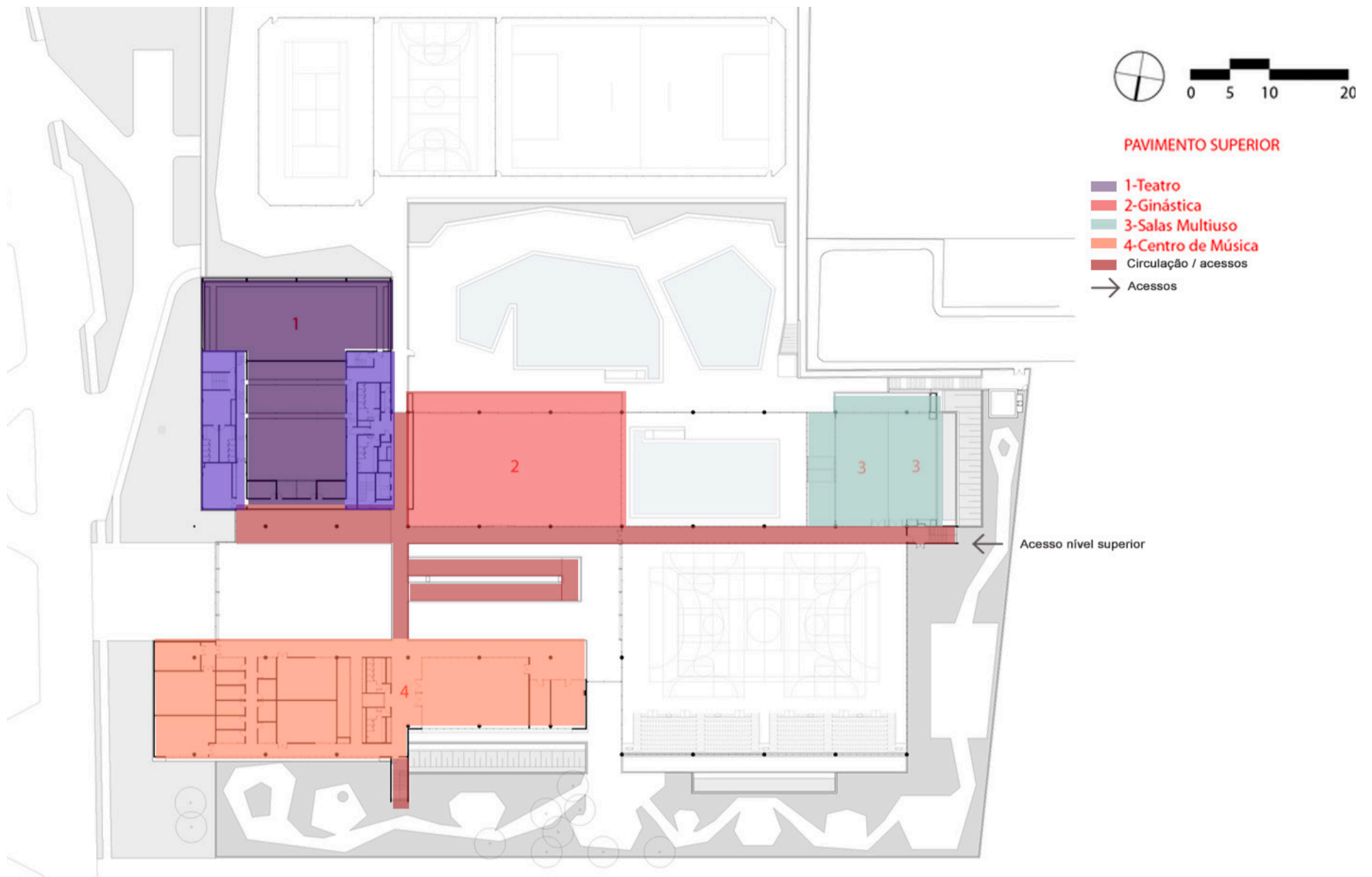


Imagem 43: Planta nível superior SESC Guarulhos. Fonte: Autora.

O programa se distribui em três níveis (térreo, pavimento intermediário e pavimento superior). No pavimento térreo está localizado o atendimento, a área de convivência/prça central, espaço de exposição, uma clinica odontológica, o espaço de internet, as salas de recreação infantil, as oficinas, o ginásio de esportes e vestiário e o espaço operacional com estacionamento e carga e descarga. No pavimento intermediário estão o teatro e seu foyer, o complexo aquático, quadras descobertas, restaurante, cafeteria e bar, salas multiuso, biblioteca e a estação de educação ambiental. E no pavimento superior estão locadas as salas flexíveis, sala de atividades físicas, varanda para atividades corporais externas e o centro de formação musical.

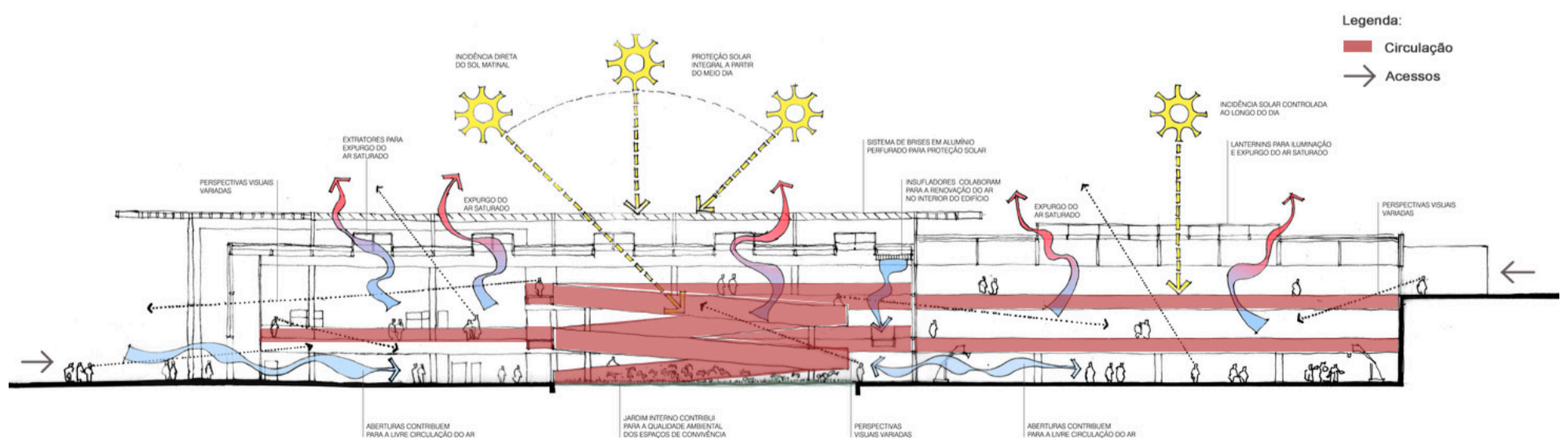


Imagem 44: Corte SESC Guarulhos. Fonte: Autora.

A implantação do edifício respeitou o grande desnível presente no terreno e por isso o projeto foi escalonado em três níveis, cada pavimento dando o acesso a um nível do terreno. A cobertura do projeto é um elemento de grande destaque, a parte do pátio central é feita com grelha metálica e vidro duplo que permite a passagem de luz para dentro dos ambientes, a proteção solar dessa parte é feita através de um sistema de brises projetados de acordo com a insolação do local. O ginásio possui iluminação natural que é reforçada pela utilização de extratores de ar de vidro que são protegidos por um para-sol que garantem proteção da incidência solar direta.

No corpo do edifício foram utilizados materiais tradicionais e de grande durabilidade e resistência, como concreto, metal, vidro e pedra, buscando relacionar-se com o entorno.



Imagem 45: Pátio central SESC Guarulhos. Fonte: Nelson Kon.



Imagem 46: Rampa SESC Guarulhos. Fonte: Nelson Kon.

O edifício recebeu certificação LEED devido algumas estratégias utilizadas para a reduzir o consumo de água e de energia, como o aproveitamento da água da chuva e da iluminação natural, além de possuir placas solares, cisterna e estação de tratamento de esgoto



Imagem 47: Quadra poliesportiva SESC Guarulhos. Fonte: Archidaily.

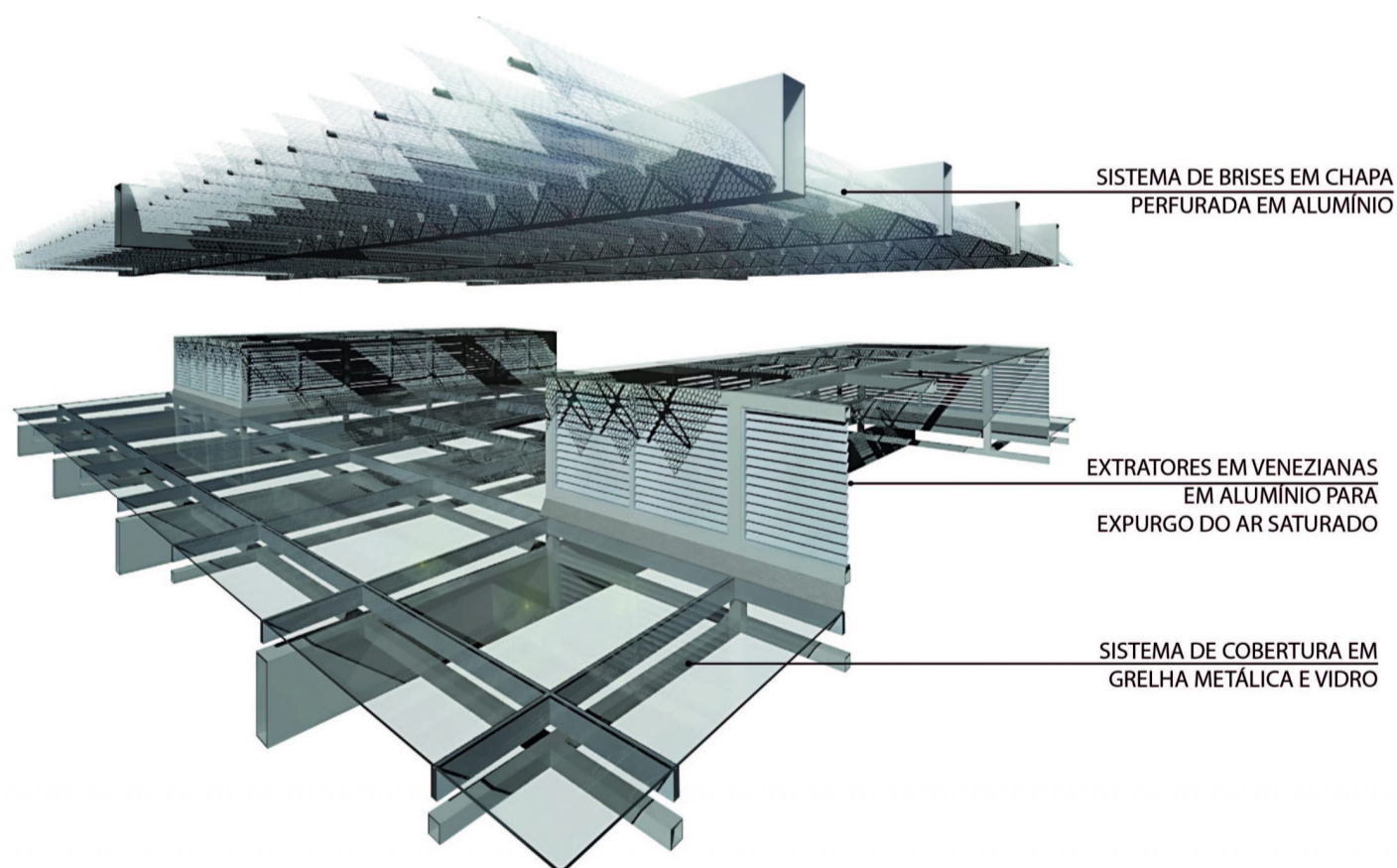


Imagem 48: Detalhe da estrutura da cobertura SESC Guarulhos. Fonte: Archidaily.

Além do CEU Butantã e do SESC Guarulhos o presente projeto do Centro Comunitário do Residencial Pequis teve como referências pontos de outros projetos que serão expostos a seguir de maneira sucinta para facilitar a compreensão.

3.3 ATELIÊ ACAIA

Local: Vila Leopoldina, São Paulo, Brasil.

Projeto: UNA Arquitetos (2002)

Referência: programa + local implantação + pátio coberto

O Ateliê Acaia é um projeto que atende as crianças do bairro Leopoldina em São Paulo no entorno do CEAGESP (Antigo CEASA) e das favelas da Linha e do Japiaçu, além do conjunto habitacional Cingapura Madeirite. É um lugar com muitas famílias de baixa renda, assim como o Residencial Pequis.

O Ateliê faz parte do Instituto Acaia e funciona sem fins lucrativos, com foco em desenvolver o lado emocional das crianças, dando o suporte necessário para que elas superem a violência que convivem cotidianamente. A iniciativa foi da artista plástica dona do ateliê, que resolveu convidar as crianças do bairro para frequentar o espaço.

O programa oferece atividades de marcenaria, costura, tecelagem, teatro, vídeo, música, capoeira, dança e culinária, que são desenvolvidos em um bloco retilíneo de alvenaria que acomoda essas oficinas, vestiários, cozi-



Imagem 49: Vista do pavimento superior do Ateliê Acaia. Fonte: Site Ateliê Acaia.

nha, área administrativa e uma biblioteca, que se instalou entre a cobertura do galpão e o bloco de alvenaria. Um ponto marcante é o pátio coberto que se forma sob a cobertura de madeira que oferece diferentes possibilidades de uso, favorecendo a socialização, possibilitando a realização de festividades, dentre outros, permitindo que as crianças ocupem o lugar da maneira que necessitam em cada momento.

“Construir um espaço destes é antes de tudo permitir que estas crianças construam-se a si próprias.”
(Bracher, 2002).



Imagem 50: Galpão antes da reforma do Ateliê Acaia. Fonte: Site Atelie Acaia.



Imagem 51: Ateliê Acaia após reforma. Fonte: Site Atelie Acaia.

Na imagem 50 e 51 é possível observar o espaço de galpão que antes já era utilizado pelas crianças e o Ateliê depois do projeto, que manteve a mesma essência de cobertura que abriga atividades.

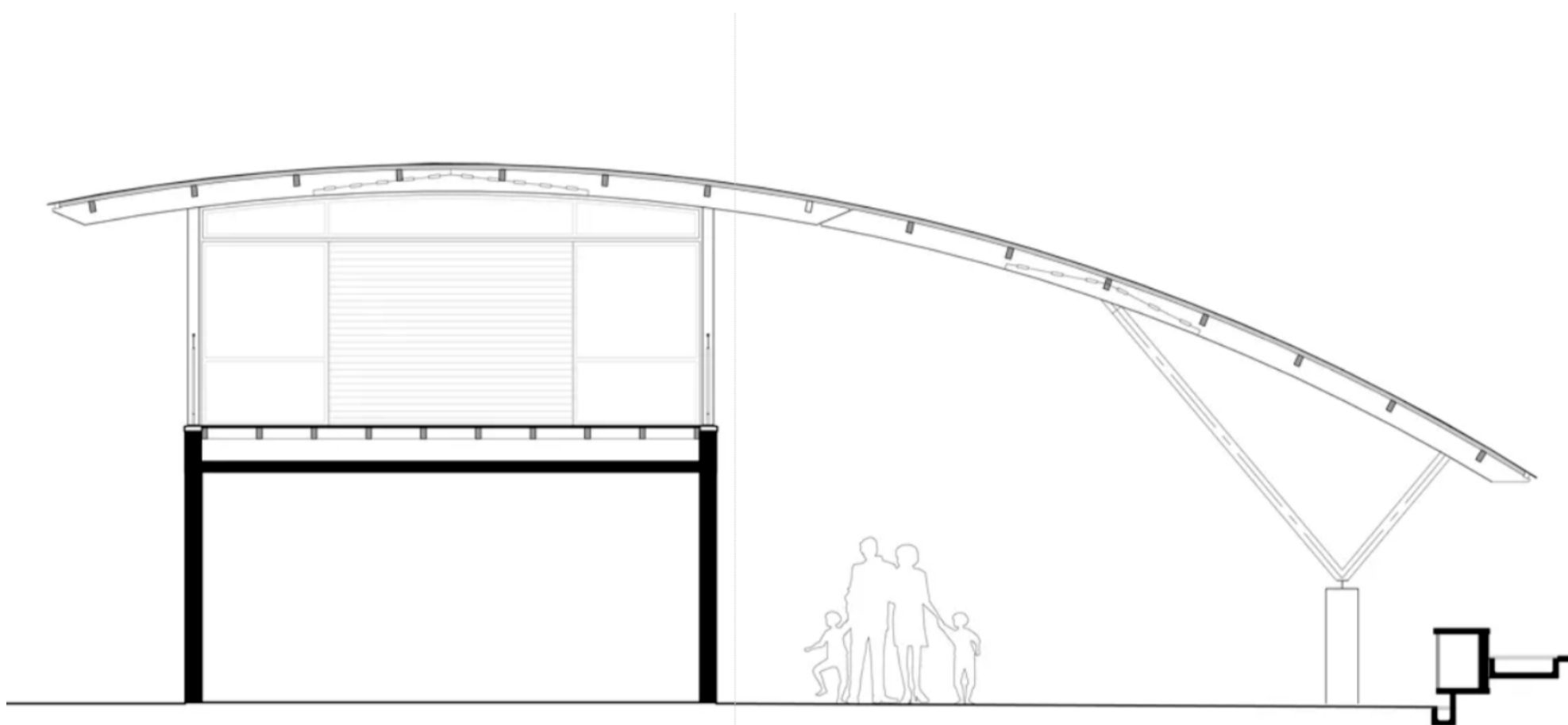


Imagem 52: Corte do projeto Ateliê Acaia. Fonte: Site Atelie Acaia.

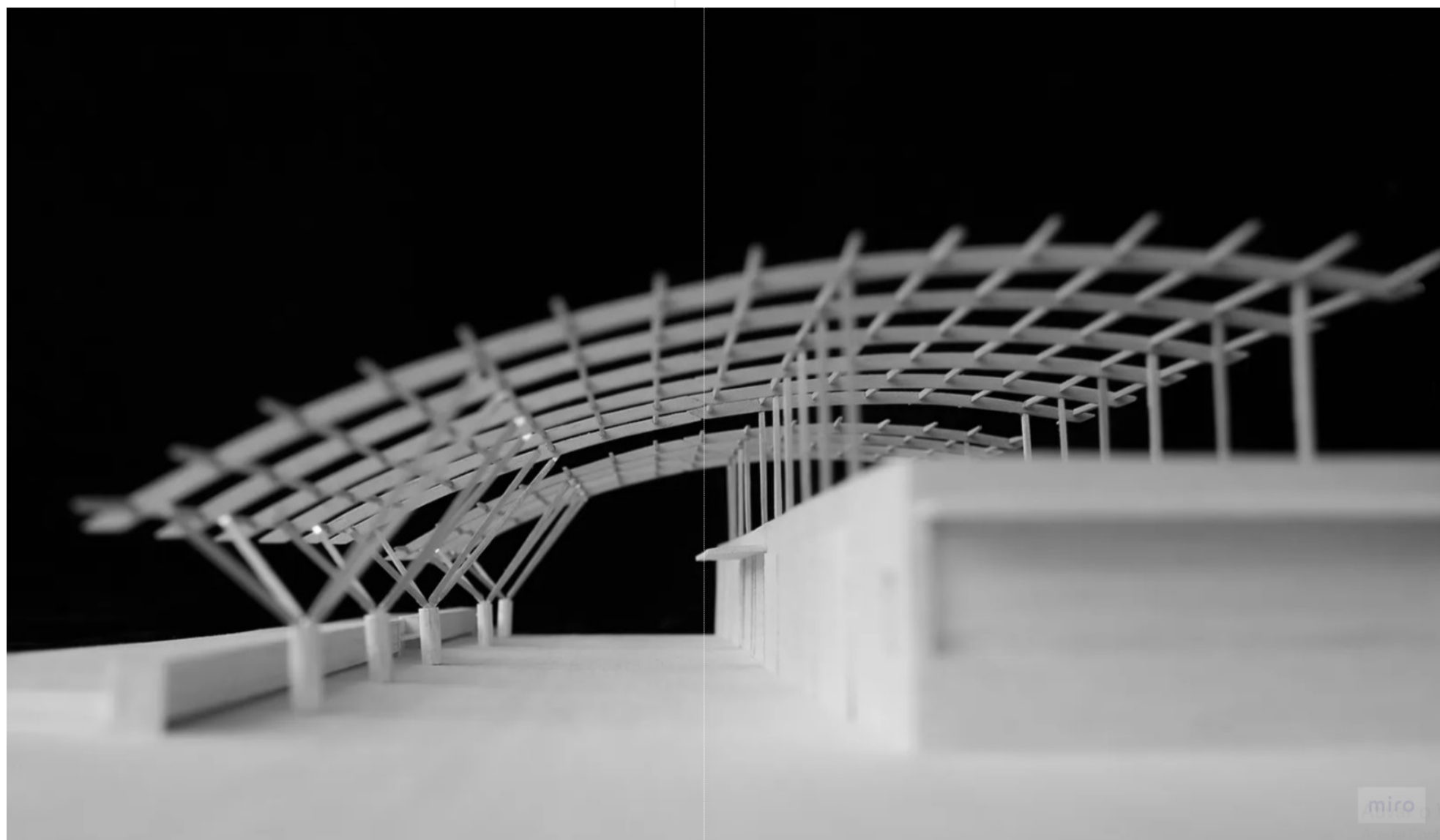


Imagem 53: Maquete do projeto do Ateliê Acaia. Fonte: Site Atelie.

3.4 CIE - CENTRO DE INICIAÇÃO AO ESPORTE

Local: Municípios selecionados no Brasil.

Projeto: Secretaria Municipal do Esporte e Ministério do Planejamento (2014)

Referência: programa + projeto arquitetônico + fácil replicação



Imagem 54: Vista interna do projeto do modelo dos CIE's. Fonte: Site oficial CIE.

Os CIE's (Imagem 54 e 55) são Ginásios projetados inicialmente para receber diversas modalidades esportivas olímpicas e paraolímpicas.

Segundo a Secretaria do Esporte "O objetivo dos Centros de Iniciação ao Esporte é ampliar a oferta de infraestrutura de equipamento público esportivo qualificado, incentivando a iniciação esportiva em territórios de vulnerabilidade social das grandes cidades brasileiras." (Secretaria Especial do Esporte, 2020)

Com um planejamento de projeto pensado para a replicação do modelo por meio da padronização, o CIE é reproduzido a partir de uma cartilha que orienta projetualmente na a implantação do mesmo em todo o território brasileiro, adequando-se aos diferentes terrenos.



Imagem 55: Perspectiva do projeto modelo dos CIE's. Fonte: Site oficial CIE.

Para isso são elaborados três tipos de modelo:

Modelo 1 - Ginásio;

Modelo 2 - Ginásio + Quadra poliesportiva;

Modelo 3 - Ginásio + Pista de atletismo.

Com dois tipos de layout interno possíveis:

Ginásio Simples - Uso longitudinal (Imagem 56)

Ginásio Reversível - Uso longitudinal e transversal (Imagem 57)

CIE - Centro de Iniciação ao Esporte - Ginásio S - Simples - 1.600m²

ESTUDO PRELIMINAR - DEZ. 2013



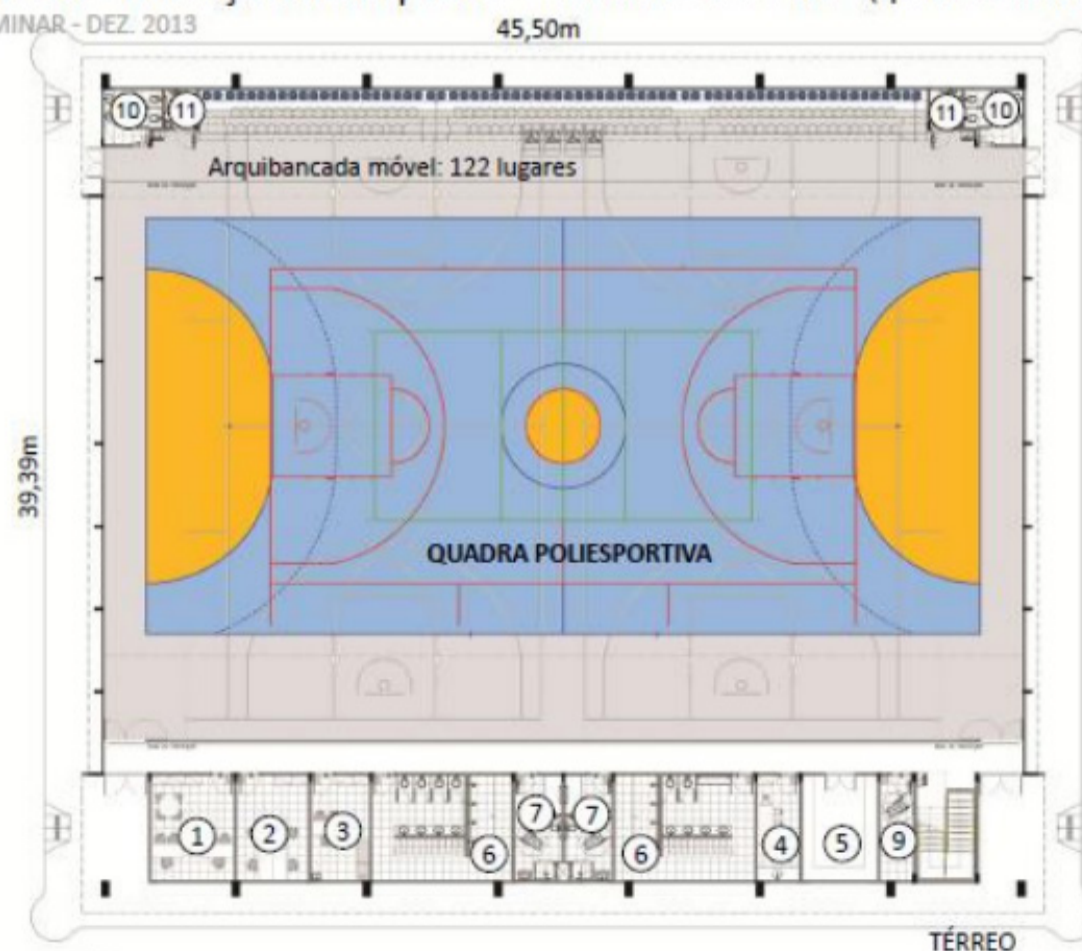
MÓDULO DE APOIO:

- ① Administração
- ② Sala de Professores/Técnicos
- ③ Enfermaria
- ④ Copa
- ⑤ Depósito
- ⑥ Vestiário
- ⑦ Vestiário acessível
- ⑧ Academia
- ⑨ Acesso ao Mezanino
- ⑩ Sanitário de Público
- ⑪ Sanitário de Público Acessível

Imagem 56: Planta layout simples dos CIE's. Fonte: Site oficial CIE.

CIE - Centro de Iniciação ao Esporte – Ginásio 1.795m² (quadras reversíveis)

ESTUDO PRELIMINAR - DEZ. 2013



MÓDULO DE APOIO:

- ① Administração
- ② Sala de Professores/Técnicos
- ③ Enfermaria
- ④ Copa
- ⑤ Depósito
- ⑥ Vestiário
- ⑦ Vestiário acessível
- ⑧ Academia
- ⑨ Acesso ao Mezanino
- ⑩ Sanitário de Público
- ⑪ Sanitário de Público Acessível

Imagem 57: Planta layout reversível dos CIE's. Fonte: Site oficial CIE.

Dentro desses ginásios é possível realizar as modalidades esportivas de: Vôlei; Basquete; Futsal; Handebol; Badminton; Ginástica artística e rítmica; Levantamento de peso; Tênis de mesa; Judô; Boxe; Esgrima; Taekwondo. Além de receberem atividades paraolímpicas: Vôlei sentado e Goalball.

Além de ser um equipamento voltado para o esporte, função que o Centro Comunitário do Residencial Pequis também possuirá, outro ponto importante levado como referência para o projeto foi a intenção de replicação do mesmo. Por meio da cartilha de projetos Padrão CIE o Centro esportivo pode ser executado, com as devidas adequações, em diversas cidades e regiões do país que carecem desse tipo de equipamento. A adoção de materiais industrializados, de fácil aplicação e acesso em todo o território nacional e a padronização contribuíram para o sucesso do modelo.



Imagem 58: Linguagem do bairro Pequis. Fonte: Autora.

CONDICIONANTES PROJETUAIS



04

4.1 NOVA LINGUAGEM

Após a apresentação da primeira etapa de desenvolvimento do projeto alguns pontos principais foram levantados pela banca em relação a linguagem do projeto e sua escala, no qual questionaram se ela de fato estaria bem relacionado com o local em que está inserido e também se a escala do projeto não estaria superdimensionada em relação ao que o programa necessitava. Além disso foi discutido a necessidade de continuar com a proposta inicial de futura multiplicação desse Centro Comunitário em outros locais e se isto se justificaria.

A reflexão dessas questões foi primordial nesta etapa subsequente para que a construção do Centro Comunitário ocorresse melhor amarrada e fosse mais coerente a leitura feita do bairro e da população ali residente, além da provocação em relação a necessidade de multiplicação do projeto e como isto seria concebido, o que gerou novas diretrizes e propostas elaboradas nesta segunda fase. Dessa forma, a seguir é possível encontrar as respostas para essas fragilidades e como elas foram solucionadas.

Como revelado ao longo do trabalho as características e a situação atual do bairro Residencial Pequis é resultado das típicas consequências que os bairros periféricos provenientes de Conjuntos Habitacionais sofrem, como a falta de infraestrutura no seu sentido macro (no qual a falta está tanto no que se refere a infraestrutura básica, como na carência ao acesso à equipamentos públicos e serviços), como também na predominância de edificações residenciais com a mesma tipologia, geradora de uma paisagem demasiadamente monótona e com falta de identidade própria.

Segundo Lynch (1999) existem cinco elementos que as pessoas utilizam para estruturar a imagem da cidade, sendo eles: os caminhos, limites, bairros, pontos nodais (nós) e marcos. Destes conceitos, o significado de bairros, nós e marcos são os de maior interesse para esta pesquisa.



Imagem 59: 5 Elementos estruturantes da cidade segundo Lynch.

Fonte: <https://urbanidades.arq.br/2008/03/14/kevin-lynch-e-a-imagem-da-cidade>



Imagem 60: Visada do bairro Pequis e suas características. Fonte: www.diariodeuberlandia.com.br

Lynch (1999) define os Bairros como: Uma área homogênea em relação ao resto do tecido urbano que possua características próprias. Esta definição é diferente de como tradicionalmente se define os bairros no Brasil, sendo um critério muito mais visual do que territorial. O residencial Pequis por exemplo, por ser um conjunto habitacional, possui uma massiva predominância de edificações residenciais idênticas, o que torna suas características visuais bastante homogêneas.

Os Pontos Nodais são pontos estratégicos e de convergência dentro de uma cidade/bairro, nos quais os habitantes podem adentrar. São geralmente locais de concentração de determinados usos, ou locais onde se tem maior vivência e utilização por parte da população, como por exemplo centros comerciais. Estes locais geralmente possuem características que os distinguem dos arredores e isto é percebido pela população.

Os Marcos são elementos que integram a paisagem urbana e que por conta de um diferencial transformam-se em referenciais para a população, fazendo parte da identidade social e estética da cidade. Neste caso o observador fica externo ao marco, mesmo que este seja um edifício que possa ser acessado, pois o significado de marco está mais atrelado a um ponto de referência do que a dinâmica que ali acontece.

Dessa forma, Lynch (1999) define estes elementos como essenciais para a Imageabilidade da cidade, um conceito criado por ele.

“Qualidade de um objeto físico que lhe dá uma alta probabilidade de evocar uma imagem forte em qualquer observador. Refere-se à forma, cor ou arranjo que facilitam a formação de imagens mentais do ambiente fortemente identificadas, poderosamente estruturadas e altamente úteis.
(LYNCH, 1960, p. 9)

Uma cidade/bairro que possui imageabilidade é uma cidade legível, bem formada, o que aumenta a probabilidade de que a população que ali vive construa uma visão clara e estruturada sobre ela, se sentindo mais confortáveis e convidados a participarem e vivenciarem a mesma.

Um caminho seguido no projeto do Centro Comunitário foi a busca por estratégias para que o edifício seja um potencial ponto nodal para aquela área e também um marco visual para os moradores do bairro. Atualmente ao analisarmos a imagem do bairro o que podemos observar é uma paisagem fortemente homogeneizada e que por vezes dificulta a legibilidade do local, portanto inserir um elemento que possa exercer um papel de ponto de convergência para o bairro seria interessante para que a população se identifique e se aproprie dele. Por conta disso, o projeto do Centro Comunitário decidiu utilizar esta característica inerente de ser um ponto importante para a vida daquela comunidade em relação ao seu uso,

também na concepção formal do projeto, utilizando decisões projetuais que facilitem ele tornar-se um referencial para quem o usufrui.

Com isso o desafio tornou-se construir este símbolo para o bairro sem desconsiderar a materialidade do entorno, as formas e a tipologia predominante, para que a comunidade se identifique com o edifício e se sinta acolhida por ele.

Para isto foi feita uma análise do entorno buscando identificar a linguagem existente nas construções, nas ruas, equipamentos e na vegetação do bairro, para que a concepção formal do projeto carregasse em si essas referências principais.

A partir deste estudo foram escolhidas as palavras chave que mais foram encontradas nestes locais, para facilitar a criação da linguagem do projeto: Concreto, alvenaria, telhado aparente, repetições, vegetação do cerrado, tijolos cerâmicos, e cores pontuais nos edifícios públicos.



Imagem 61: Moisaico com a linguagem do Residencial pequis.
 Fonte: Autora.

Concreto

Alvenaria

Tijolos cerâmicos

Telhado aparente

Cores terrosas

Repetições

Vegetação do cerrado

Cores pontuais nos edificios publicos

4.2 O TERRENO

O terreno está localizado na Rua Wilson Rodrigues da Silva, no bairro Residencial Pequís. (Imagem 62 e 63) A escolha foi determinada primeiramente entre as áreas institucionais do bairro, ou seja, as áreas definidas pela legislação para receberem equipamentos como o Centro Comunitário.

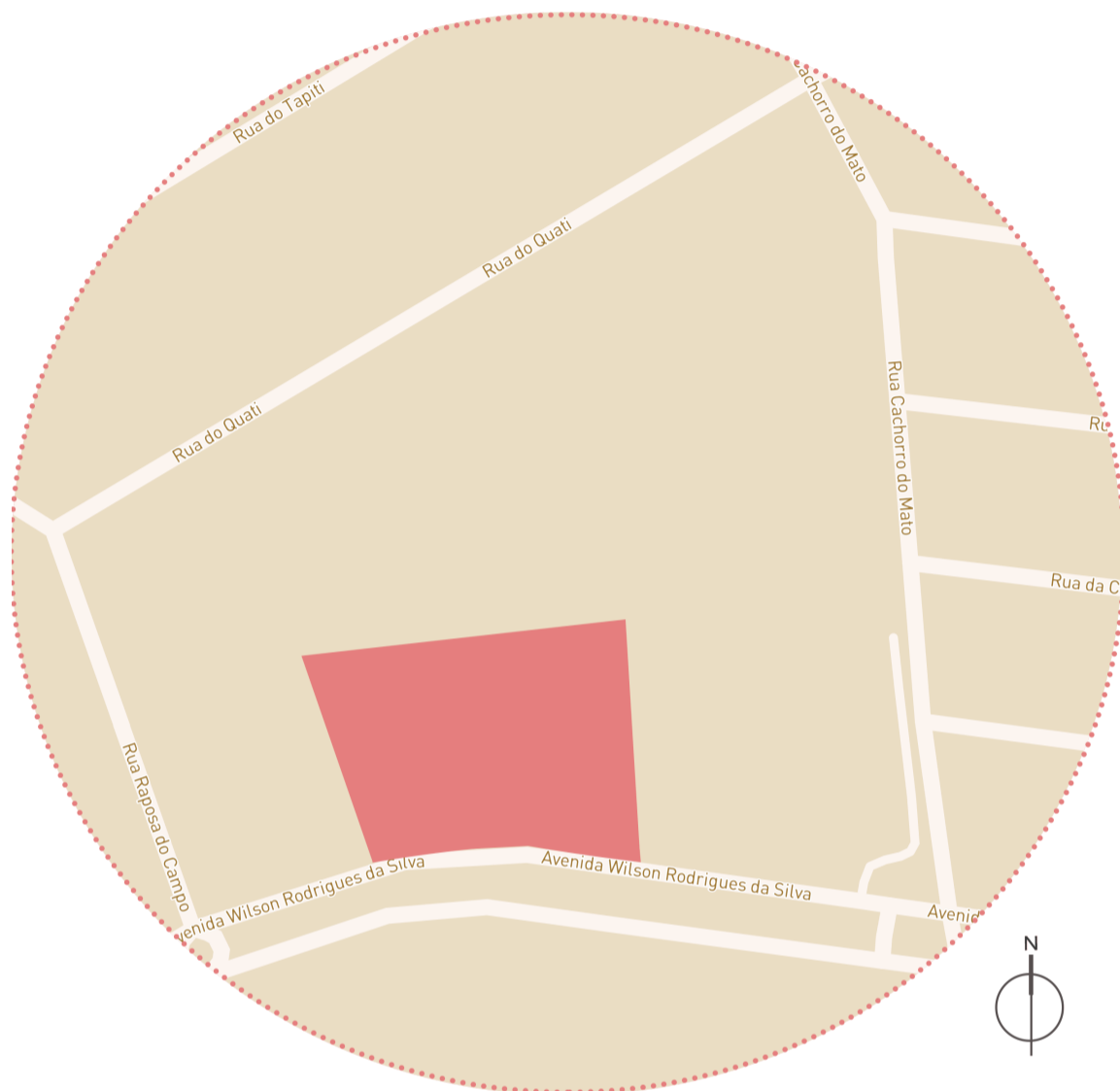


Imagem 62: Localização do Terreno. Fonte: Autora.



Imagem 63: Localização do Terreno e seu entorno. Fonte: Autora.

Depois, dentre as áreas institucionais disponíveis no bairro, a decisão se deu pelo fato do terreno escolhido estar nas glebas mais afastadas da entrada principal do bairro, com o entorno majoritariamente residencial e com área grande disponível para a concretização do projeto. Por fim a escolha final efetuou-se pela escola CEIA (Centro Evangélico de Integração e Aprendizado Professora Rosa Maria Melo), (Número 1 na Imagem 63), estar no entorno imediato do terreno, além do Centro Educacional Professora Margareth Guitarrara Crozara (Número 2 na Imagem 63), possibilitando concretizar o que foi proposto ao longo da pesquisa, a criação de um centro comunitário que também possa servir como complemento para as atividades escolares, no contraturno escolar.

O terreno possui 8.688 metros quadrados e seu perímetro conta com 98 metros de testada, 125 metros de fundo e laterais com 82,85 metros e 84 metros. Conforme Imagem 61 é possível observar que o terreno sofre um declive, de sua fachada frontal para a fachada posterior, com 3 metros de desnível no ponto máximo. Essa característica foi ponto de partida para a decisão de construir dois níveis principais, tirando partido dessa topografia.

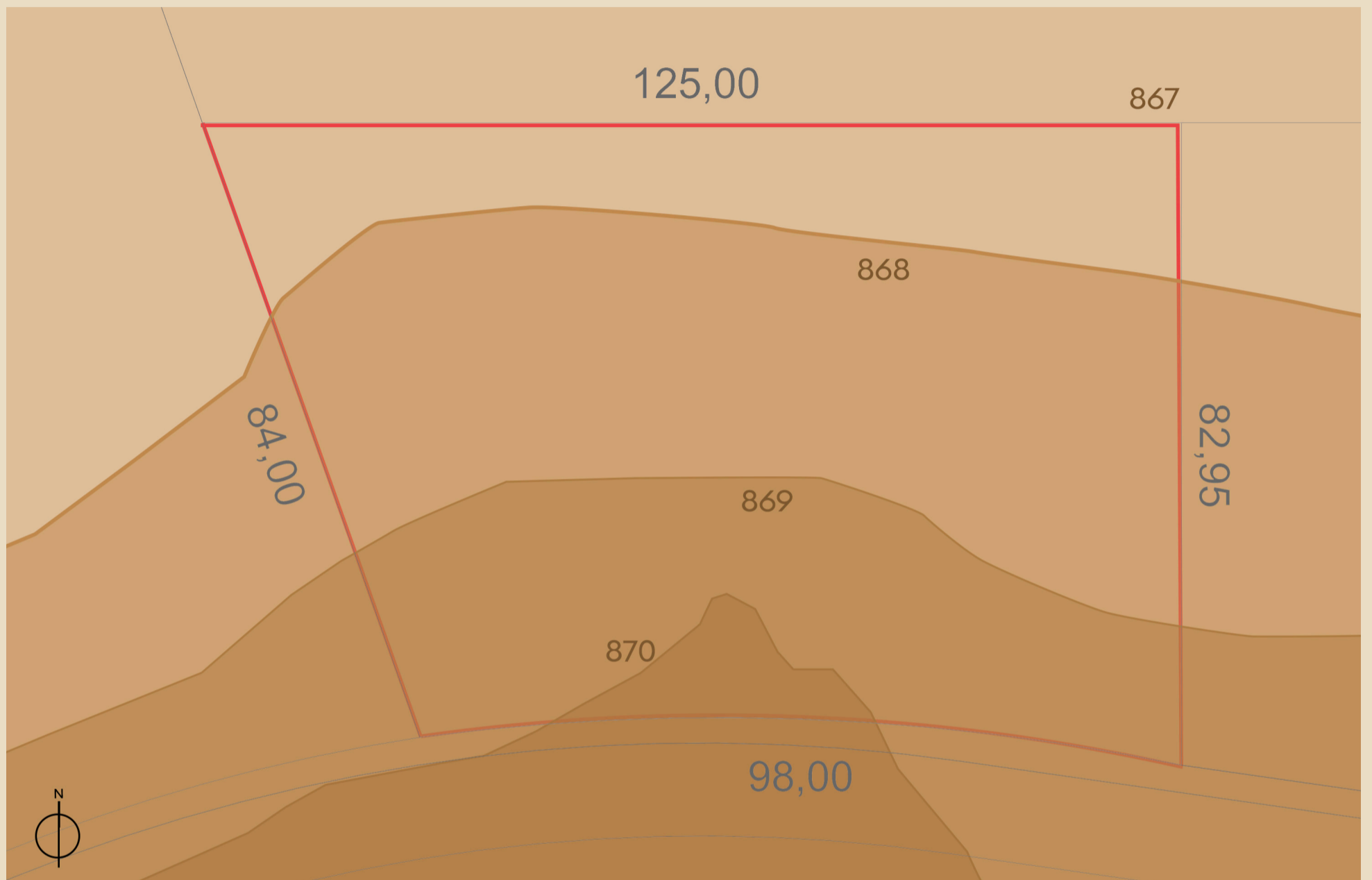


Imagem 64: Delimitação Terreno e topografia.
Fonte: Autora.

Outra pré existência que torna o terreno interessante é uma praça (Número 3 da Imagem 63) adjacente do lado esquerdo, que é um espaço feito para receber atividades de lazer e convivência. Entretanto algumas problemáticas foram detectadas, como por exemplo a não existência de nenhuma arborização, apenas um gramado e um pergolado (Imagem 65). A praça possui também uma pequena academia ao ar livre com alguns equipamentos, promovida pela prefeitura, além de alguns mobiliários urbanos. Apesar de possuir essas questões negativas ela é um local com bastante potencial para integrar-se ao Centro Comunitário.



Imagem 65: Praça existente ao lado do terreno.
Fonte: Google Maps.

ANÁLISE SOLAR

Outro ponto de grande importância que foi levado em consideração desde o início do projeto foi a Análise Solar do terreno (Imagem 66 e 67). Essa análise foi pontapé para a primeira setorização do projeto, localizando as atividades esportivas e recreativas, principalmente aquelas que envolviam as piscinas, voltadas para o norte, de forma que estas recebam maior incidência solar durante o dia todo. A colocação de brises nas fachadas que recebem maior incidência solar e a utilização de grandes coberturas, para proporcionar conforto no interior do edifício foram outras estratégias de conforto adotadas.

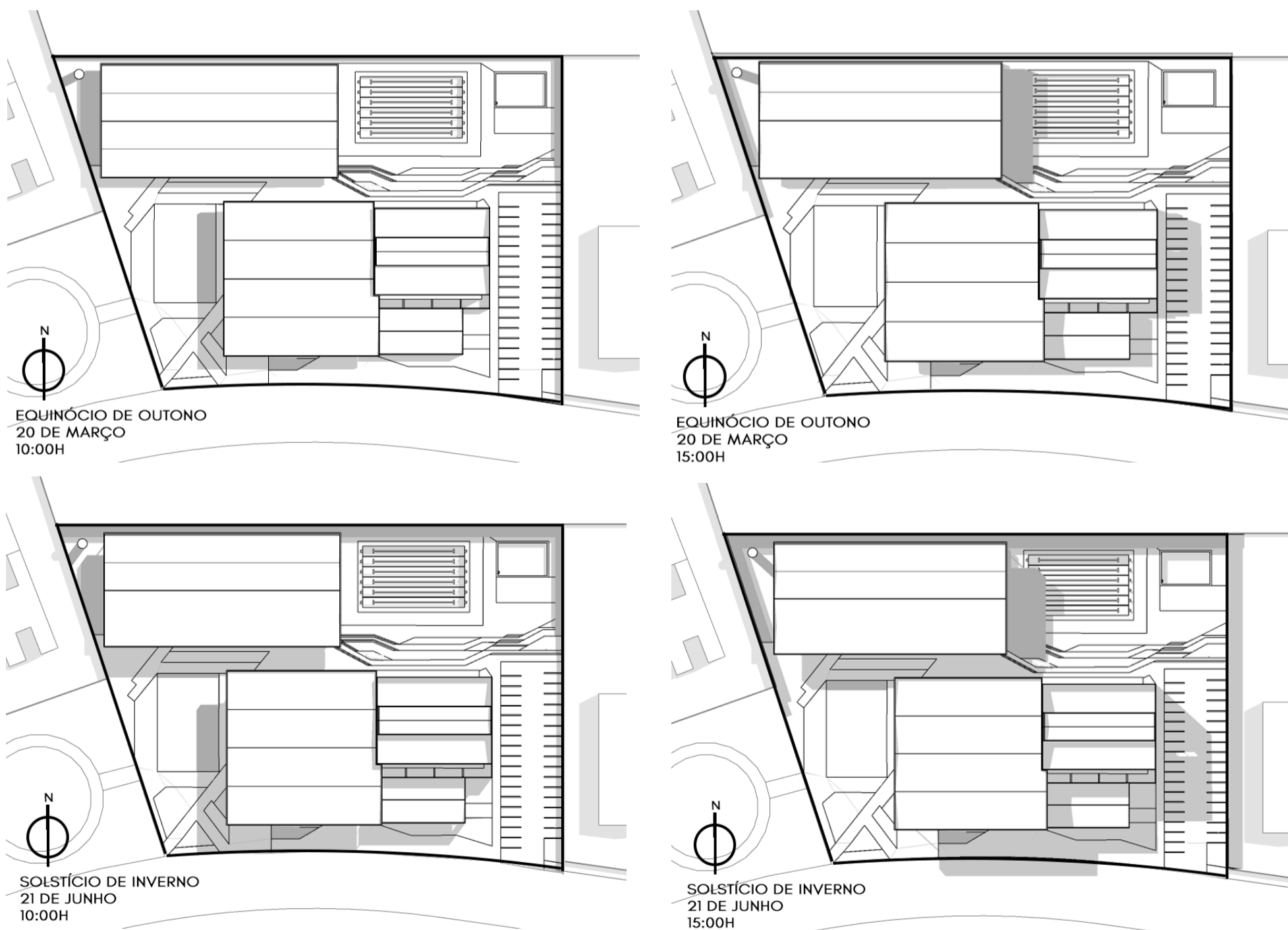


Imagem 66: Análise de Insolação. Fonte: Autora.

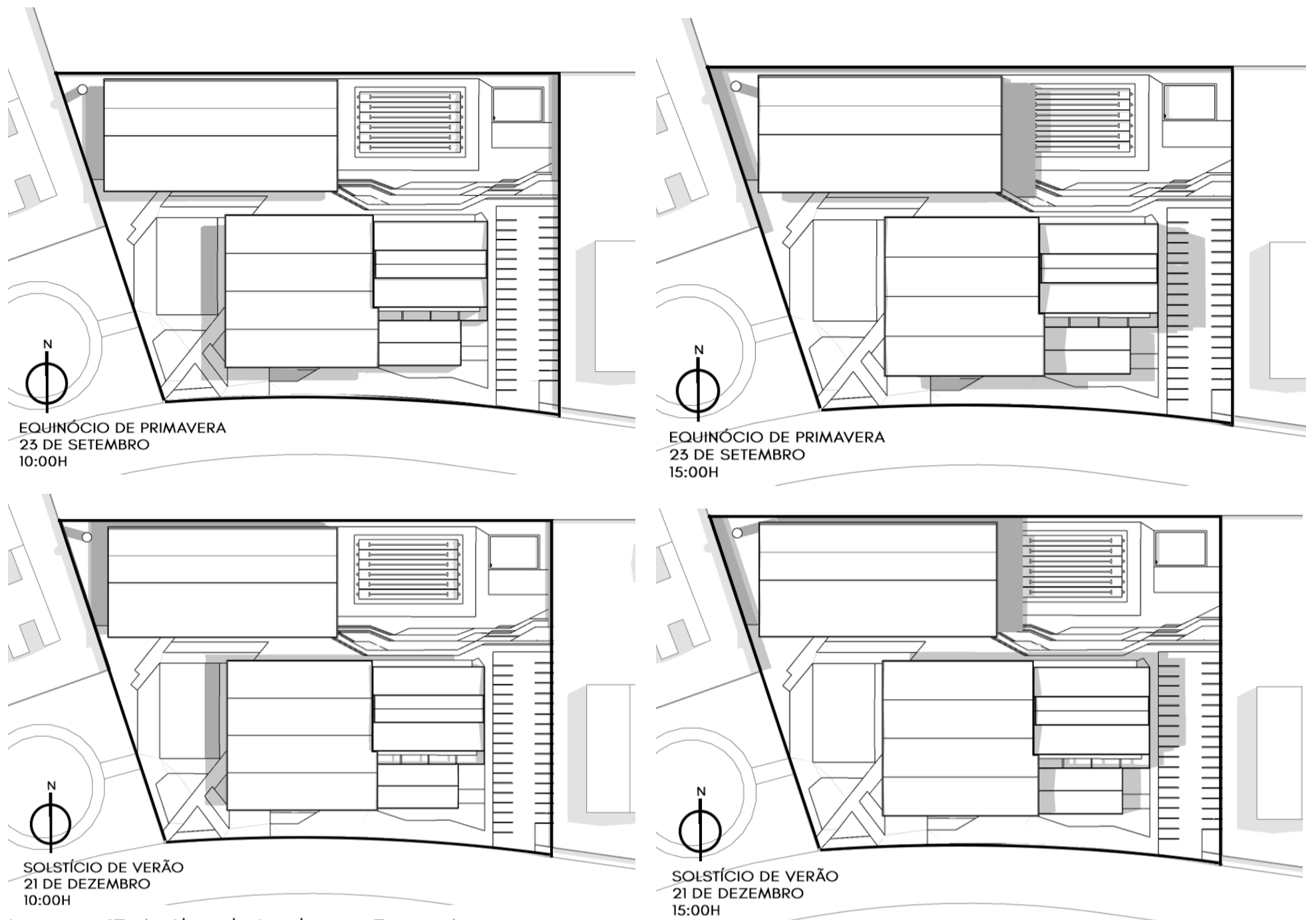


Imagem 67: Análise de Insolação. Fonte: Autora.

LEGISLAÇÃO

De acordo com a Lei Complementar número 525, de 2011 que dispõe sobre o Zoneamento do Uso e Ocupação do Solo do Município de Uberlândia, o bairro Residencial Pequís encontra-se na ZEIS III -(Zona Especial de Interesse Social III). O terreno escolhido que localiza-se na avenida Wilson Rodrigues da Silva está em uma SVA (Setor de Vias Arteriais), que também possui uma legislação própria. A efeito de cálculos e permissões, quando o terreno está em duas ou mais setores, prevalece aquele com maior permissões.

- Taxa de ocupação: 80%
- Coeficiente de aproveitamento: 4
- Afastamento frontal: 3 metros até 2 pavimentos
ou $AFR = H/10 + 2,10$ (+ de 2 pavimentos)
- Afastamento laterais e fundo: 1,5 metros até 2 pav
ou $ALF = H/10 + 1,5$ (+ de 2 pavimentos)
- Afastamento entre blocos: (+ de 2 pavimentos) $AB = H/5 + 1,20$



Imagem 68: Projeto Centro Comunitário Pequis.
Fonte: Autora.

O CENTRO COMUNITÁRIO- RIO PEQUIS



05

5.1 CONCEPÇÃO DO PROJETO

Como enunciado anteriormente, a princípio a pesquisa seria realizada com o intuito de projetar um edifício para a ONG Reino nas Ruas (Subcapítulo 1.5), que atuava no bairro Residencial Pequis e que havia recebido recentemente uma doação da prefeitura de um terreno para a realização deste projeto. Porém o fundador Thiago Abadio Pereira Costa faleceu durante o desenvolvimento do estudo e com isso as atividades da ONG foram encerradas por tempo indeterminado, com isso, o projeto expandiu-se para outras direções, desassociando-se da ONG diretamente, mas sem desvincular-se completamente, já que continuou desenvolvendo-se para solucionar as demandas que a ONG atendia e que não conseguia suprir mais. O projeto ampliou seu público alvo, que antes era focado principalmente nas crianças e jovens atendidos pela ONG e passou a contemplar outras partes da comunidade.

“A possibilidade de integrar infraestruturas urbanas e edifícios públicos através de uma arquitetura que se assuma por princípio infraestrutural aponta não apenas para a integração dos esforços e investimentos públicos, como para a introdução de novas possibilidades para o desenho da cidade, de seus edifícios e espaços públicos.”
(MACIEL, 2019)

Os **Conceitos** do Centro Comunitário, que tornaram-se posteriormente os partidos do projeto, foram a **Integração de usos**, a criação de um **Polo de Desenvolvimento, Educação, Lazer, Cultura e Esporte** para a população, **democratizando o acesso** à esses direitos e fazendo com que a Arquitetura seja de fato uma **Infraestrutura Urbana**, trazendo Qualidade de vida para um bairro que carece disto, e com a intenção futura de que o projeto se expanda para outras regiões que também necessitem deste equipamento.

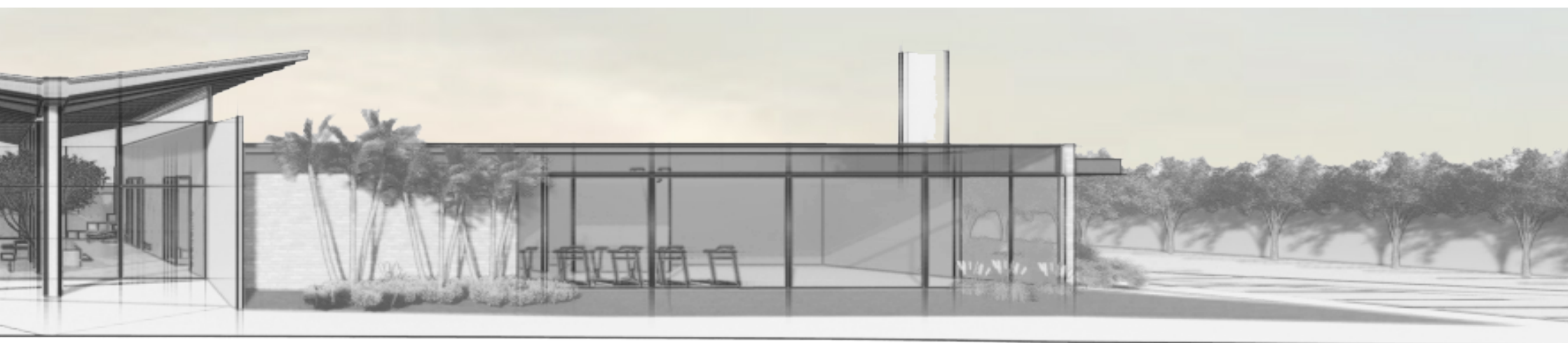


Imagem 69: Perspectiva do Centro Comunitário Pequis. Fonte: Autora.

PROGRAMA

O programa do Centro Comunitário buscou atender os usos que a ONG realizava, materializando no projeto as atividades que aconteciam. Segundo a cofundadora Marinei (2022) eles realizavam aulas de reforço escolar (que se converteram nas salas das crianças presente no projeto), davam aulas de dança, música e teatro (converteram-se nas salas multi-uso e auditório) possuíam uma biblioteca (existente no projeto), promoviam torneios de futebol aos sábados (poderão acontecer na quadra poliesportiva coberta e na quadra aberta), faziam sessões de pipocas mensais e cultos ao domingos (poderão se realizar no auditório).

Além dos usos da ONG, após a leitura do bairro e a expansão do projeto, outras necessidades surgiram para levar pleno desenvolvimento para essa região, como por exemplo o fablab e o laboratório de informática, que são um espaços de fabricação digital, que trazem o acesso a computadores, possibilitam aulas de robótica e realização de cursos profissionalizantes e de marcenaria. A implantação de uma academia pública, democratizando o acesso ao esporte e a saúde, a criação do auditório para realização de reuniões, tanto da Associação de moradores (AMBREP), como também de grupos de jovens com cunho religioso, visto que no bairro existem inúmeras instituições religiosas e o espaço serviria para atender e complementar as atividades realizadas por estas instituições, além da promoção de peças de teatro e apresentações musicais, levando lazer para os moradores. As piscinas semi-olímpicas para aulas de natação e competições, além da piscina de para lazer aos finais de semana (sistema do SESC e dos CEUS's). A quadra poliesportiva para receber inúmeras modalidades esportivas (similar ao programa dos CEI's), as salas das crianças, que no período noturno conseguem ser multi-uso, para atender por exemplo a cursos profissionalizantes. Areas de espaço livre público, como a praça e os pátios internos cobertos, além da biblioteca e lanchonete para atender toda a população.



A setorização foi ponto crucial para o projeto, tanto na fase da concepção como na fase posterior de multiplicação do mesmo, pois a partir dela foram construídos módulos, cada um com sua função, a fim de que fosse possível construir diferentes arranjos em futuras implantações, possibilitando que sejam construídos apenas os blocos com os usos que as novas áreas necessitem. No Subcapítulo 5.3 é possível verificar como foram feitas estas implantações.

Para a ligação dos blocos, foram criados ambientes centrais, chamados no projeto de espaços de convivência e a intenção é que estes sejam realmente espaços multiuso, praças cobertas aonde diversos usos podem acontecer e com espaço suficiente para que a população se aproprie.

Para que isto fosse concretizado a paginação externa entrou nestes ambientes, tornando de fato eles como uma continuação da rua, além do mobiliário proposto reafirmar a intenção de praça interna, com vegetação, bancos, mesas, redes, arquibancadas, mobiliários flexíveis, etc. Esses ambientes contaram com coberturas independentes, apoiadas em pilares com balanço bilateral, a fim de que pudessem ser colocadas da melhor forma nos demais projetos, sem necessitar de apoio dos blocos.

SETOR EDUCACIONAL

sala das crianças/salas multi-uso
biblioteca/gibiteca
fablab / laboratório de informática
banheiros

SETOR CULTURAL

Auditório / teatro
Apoio

SETOR DE SERVIÇOS/APOIO

Cozinha
Lanchonete
Diretoria
Sala dos funcionários
Copa Funcionários
Banheiros
DML
Almoxarifado

SETOR ESPORTIVO

Quadra poliesportiva
(Banheiros
Vestiários
Depósito Quadra
Depósito Piscina)
Piscina semi-olímpica
Piscina de lazer
Academia
(Administração
Vestiários
Copa
Dml)

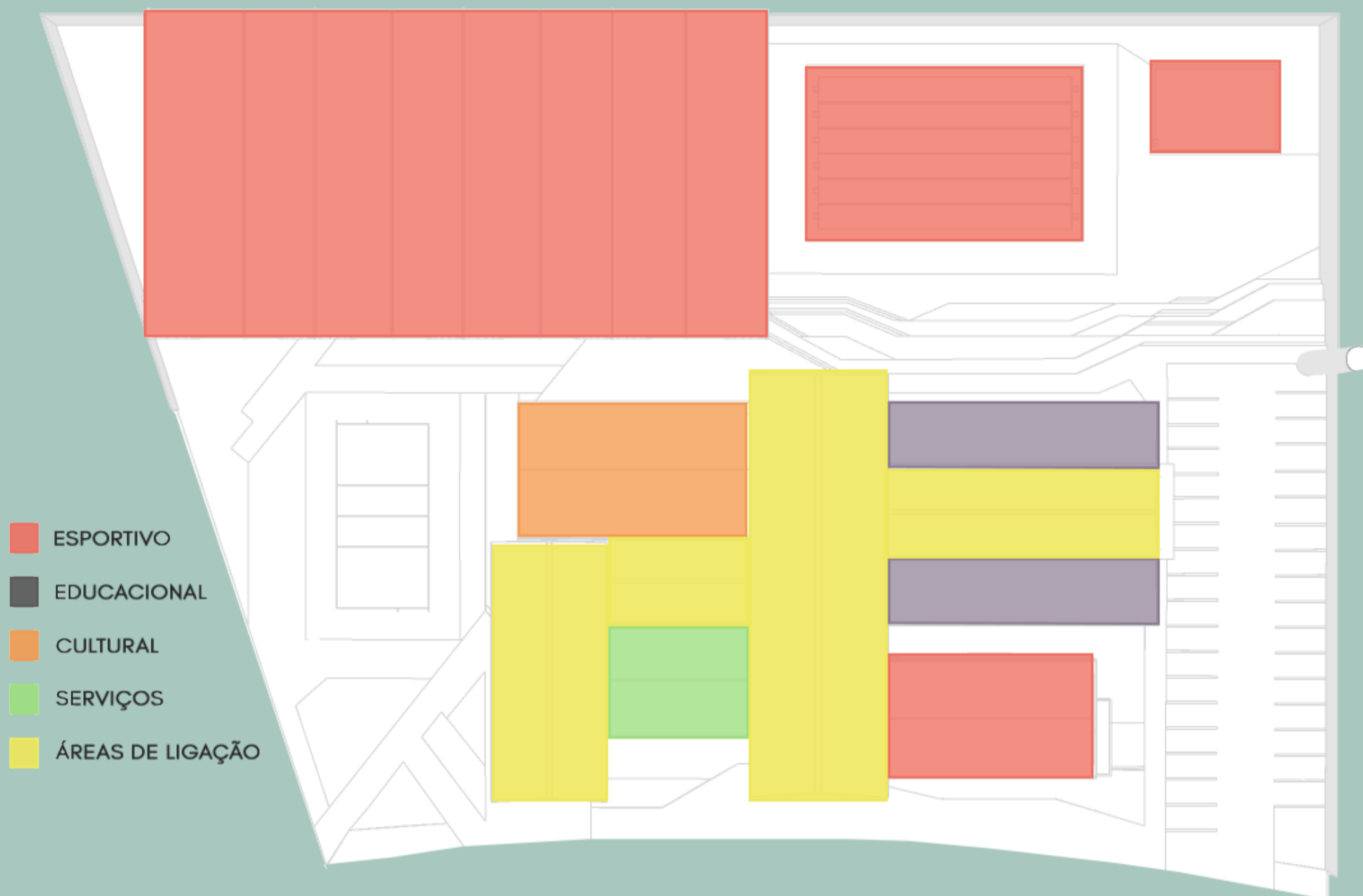


Imagem 71: Setorização do projeto no terreno. Fonte: Autora.

QUADRO DE ÁREAS

Área do terreno:	8.688 metros quadrados.
Área total construída:	3.629 metros quadrados.
Área permeável:	3.939 metros quadrados (45%).
Área do bloco educacional:	588 metros quadrados.
Área do bloco cultural:	294 metros quadrados.
Área do bloco de serviços:	150 metros quadrados.
Área esportiva:	2025 metros quadrados.
Área da academia:	250 metros quadrados.
Área da quadra poliesportiva:	1375 metros quadrados.
Área piscinas:	400 metros quadrados.

MATERIALIDADE

A partir dos estudos mostrados anteriormente e de escolhidas as palavras chave que mais foram encontradas no Pequis, foi decidida a linguagem do projeto.

O Concreto, uso de Telhados aparentes, tijolos, uso da vegetação do cerrado e paleta de cores terrosas.



Nesta etapa a linguagem visual do projeto se alterou em relação a primeira fase e buscou-se uma maior utilização da materialidade encontrada na região, como a introdução da madeira, que trás a sensação de acolhimento para o projeto, mas sem desconsiderar aspectos construtivos que barateiam o projeto e também o tornam mais eficaz, que é o caso das paredes internas em drywall por exemplo. Foi utilizado telhado aparente nas áreas centrais que interligam os blocos, com estrutura em madeira laminada colada.

A estrutura geral dos blocos (vigas e pilares) e as paredes externas são em concreto moldado in loco, as paredes internas em drywall. As esquadrias são em alumínio e vidro e também há o uso de portas em madeira de demolição retráteis, quando há a necessidade de integrar ambientes e também como elemento de proteção para as fachadas que recebem insolação. Não houve o uso de laje na área dos blocos, barateando a construção e implementando apenas gesso e telha termoacústica nos mesmos. O piso externo recebeu material drenante e também as áreas de ligação/pátios entre os blocos. Nos ambientes internos foi utilizado o concreto polido e apenas nas áreas molhadas o piso ceramico. A caixa d'água se encontra separada, do tipo torre pré moldada, devido a necessidade de reservatório com grande quantidade de água.

Para o paisagismo foram utilizadas espécies nativas, como a palmeira do Buriti (*Mauntia flexuosa*), que está em presente em todo o bairro e foi eleito o símbolo do projeto. Além ds Ipes (*Tabebuia*), Candombá (*Vellozia tubiflora*) e Capim estrela (*Rhynchospora consanguínea*), que também são encontrados no bairro.

5.2 O PROJETO



Imagem 72: Perspectiva do projeto. (Fachada) Fonte: Autora.



Imagem 73: Perspectiva do projeto. (Entrada praça lateral). Fonte: Autora.



O projeto buscou pertencer de fato aos usuários do bairro, solucionando as demandas que haviam, de forma que todas as atividades propostas no programa pudessem ser realizadas da melhor maneira. Então, foram criados ambientes, que apesar do zoneamento, se integram e são multifuncionais, criando um local diverso, ativo, que acolhe e propicia a vivência. Outro ponto pretendido era que os usos pudessem se modificar e o projeto estivesse preparado para essas mudanças.



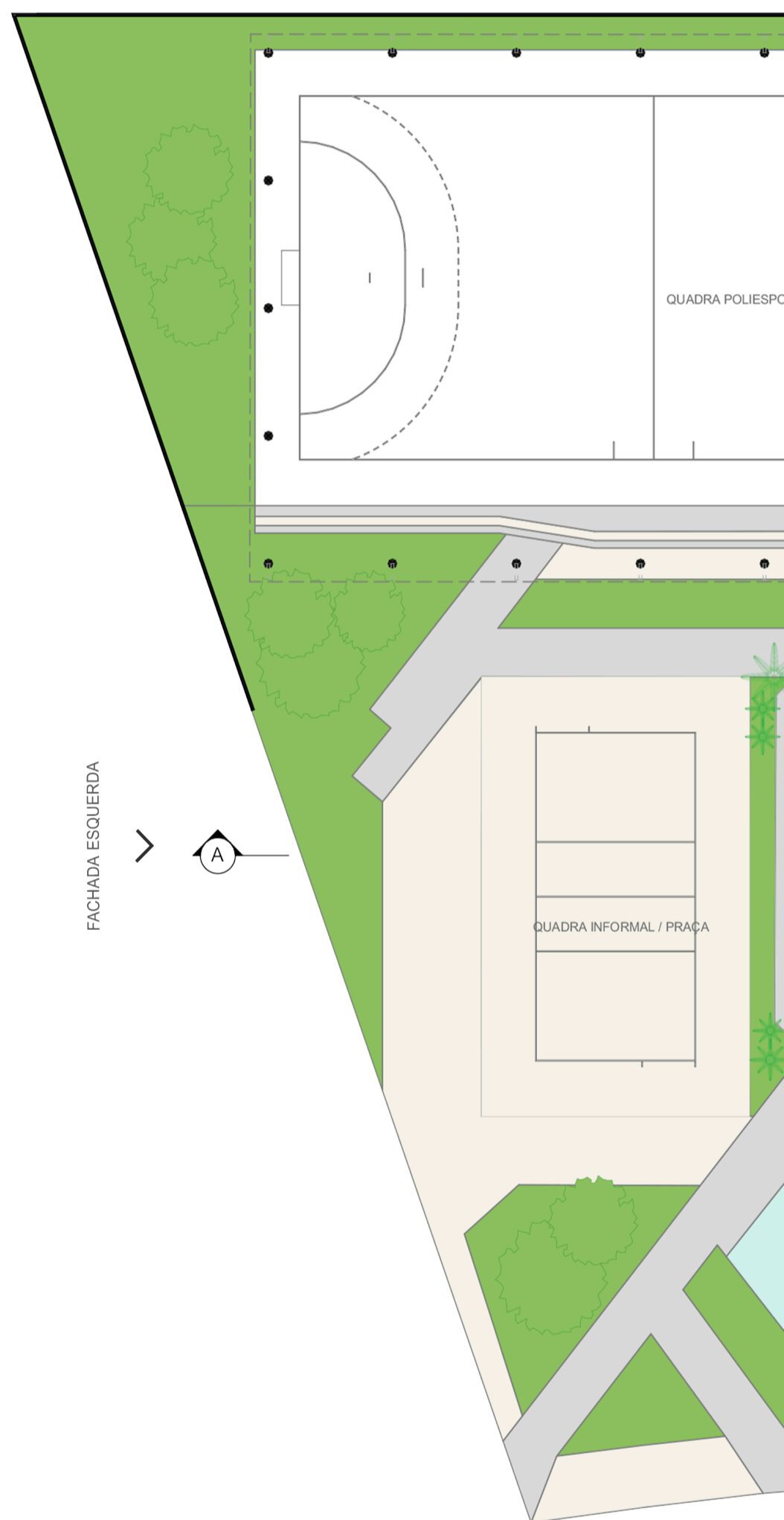
Imagem 74: Perspectiva do projeto. (Quadra aberta) Fonte: Autora.

Para melhor visualização das plantas, cortes e fachadas estão disponíveis no caderno de pranchas anexo a este material. A seguir as imagens visam ilustrar o projeto.

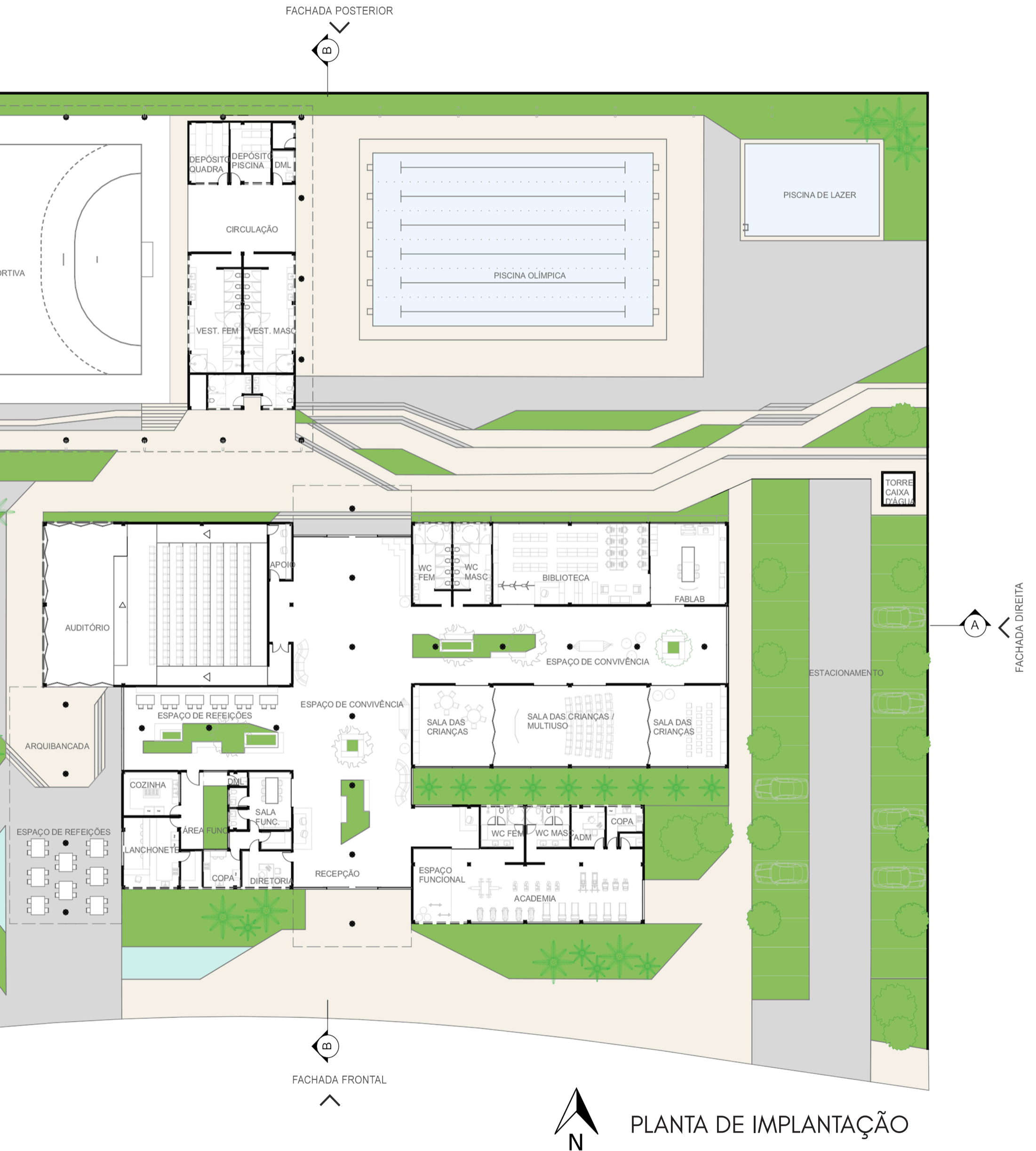
Na planta de implantação é possível observar como foi distribuído os usos ao longo do terreno, levando em considerações todas as condicionantes projetuais analisadas anteriormente.

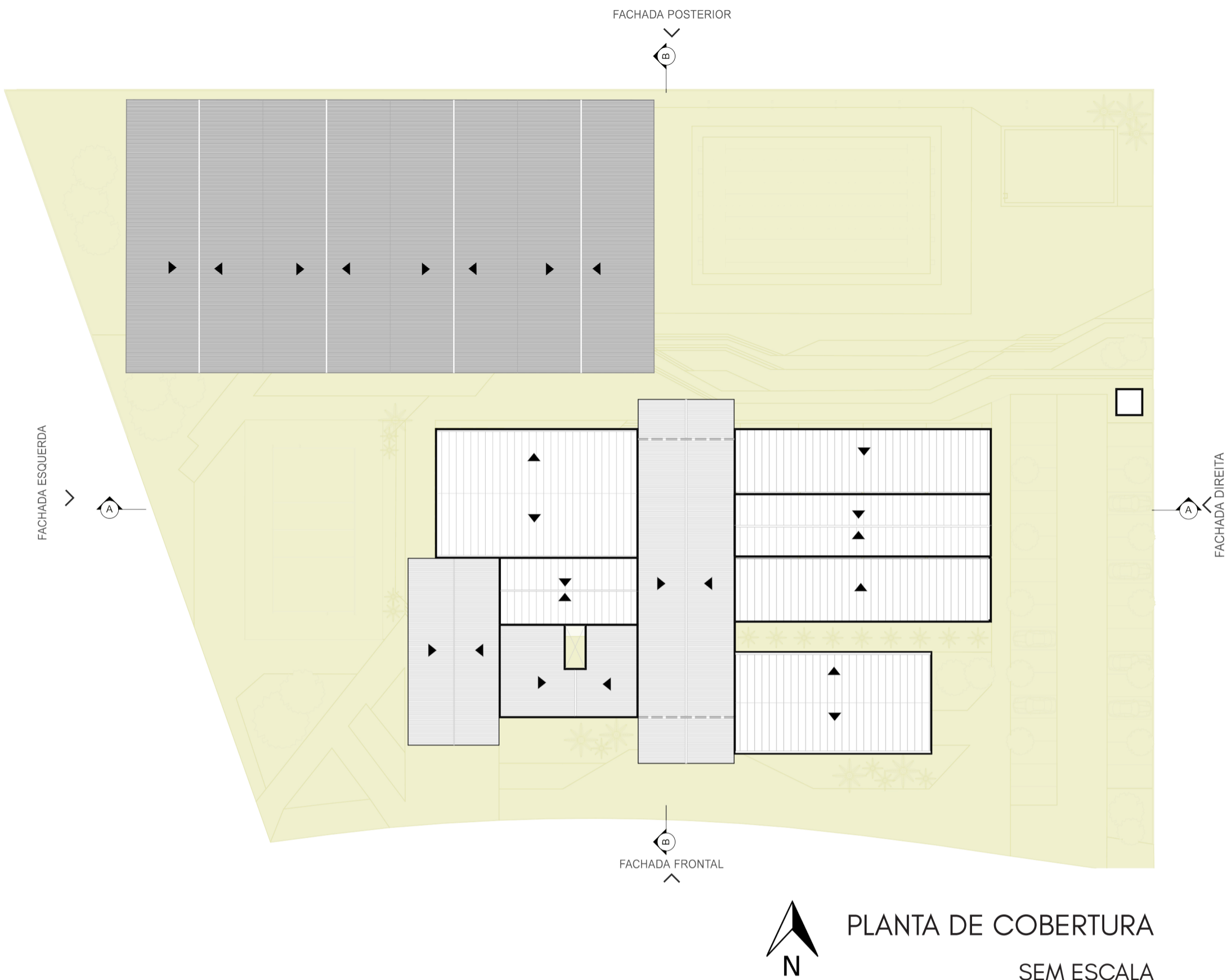
O projeto se resolveu apenas em um pavimento, facilitando a acessibilidade. Os únicos desníveis existentes estão no terreno, que foram resolvidos por meio de arquibancadas, escadas e rampas no próprio piso, utilizando desta topografia existente.

Visando a integração com a natureza e aproveitando do terreno que possui uma área grande, o projeto conta com inúmeras áreas verdes e espaços livres, recebendo o uso de praça em certos momentos, um uso que também está em falta no bairro.

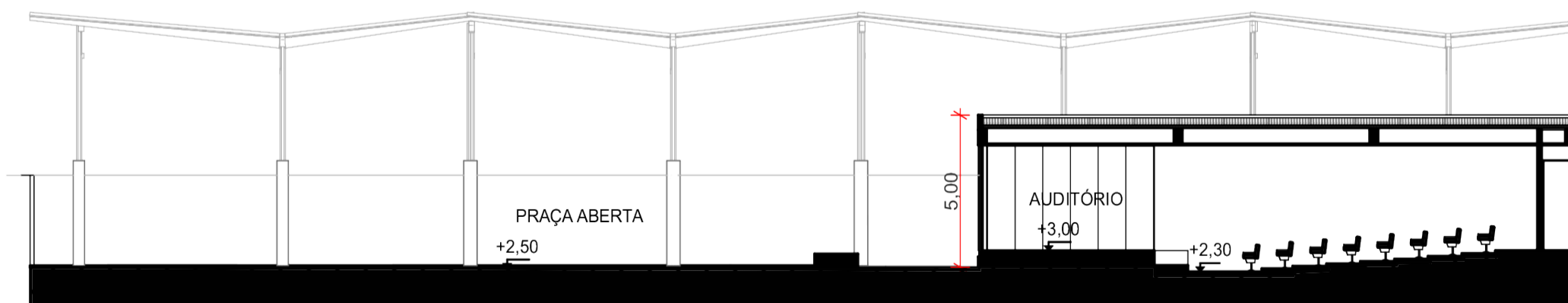


PLANTAS





Na planta de cobertura é possível ver os eixos formados pelas áreas centrais de circulação que unem os usos e organizam e direcionam os fluxos do Centro. Desta forma podemos observar um dos muitos arranjos possíveis entre os módulos de setorização, que neste caso foi o melhor para esta situação do terreno no Pequis.



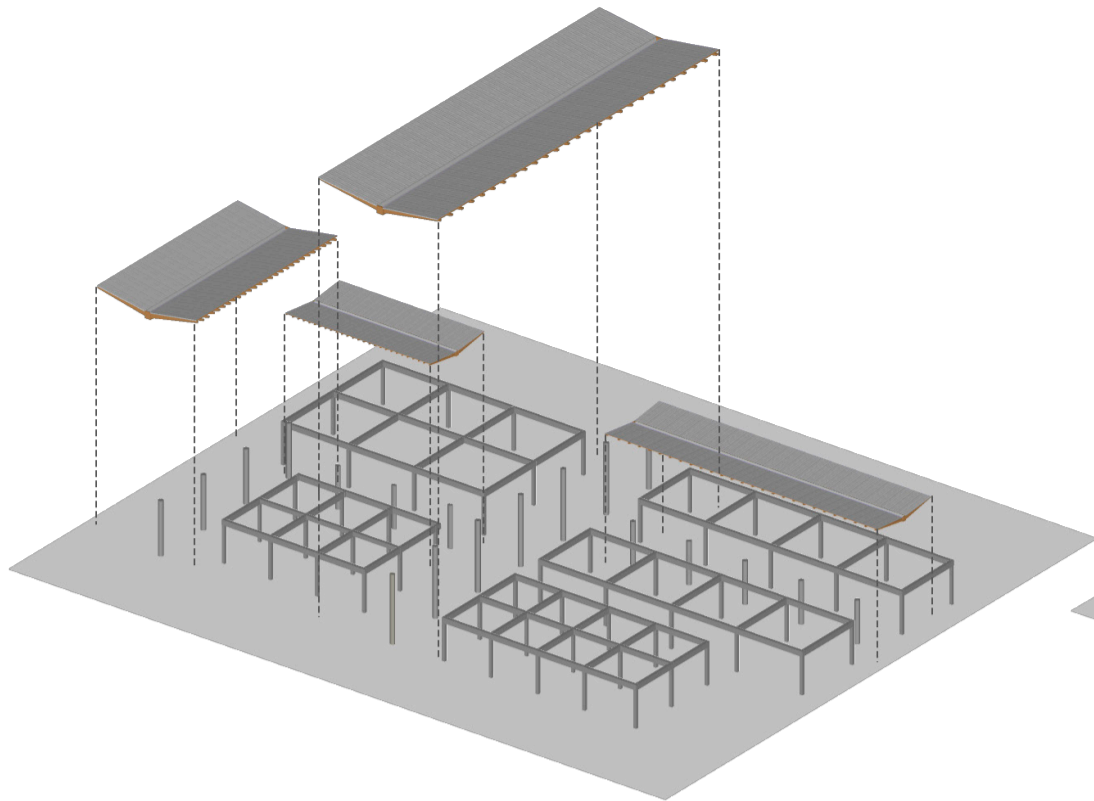


Imagem 75: Diagrama estrutural blocos. Fonte: Autora.

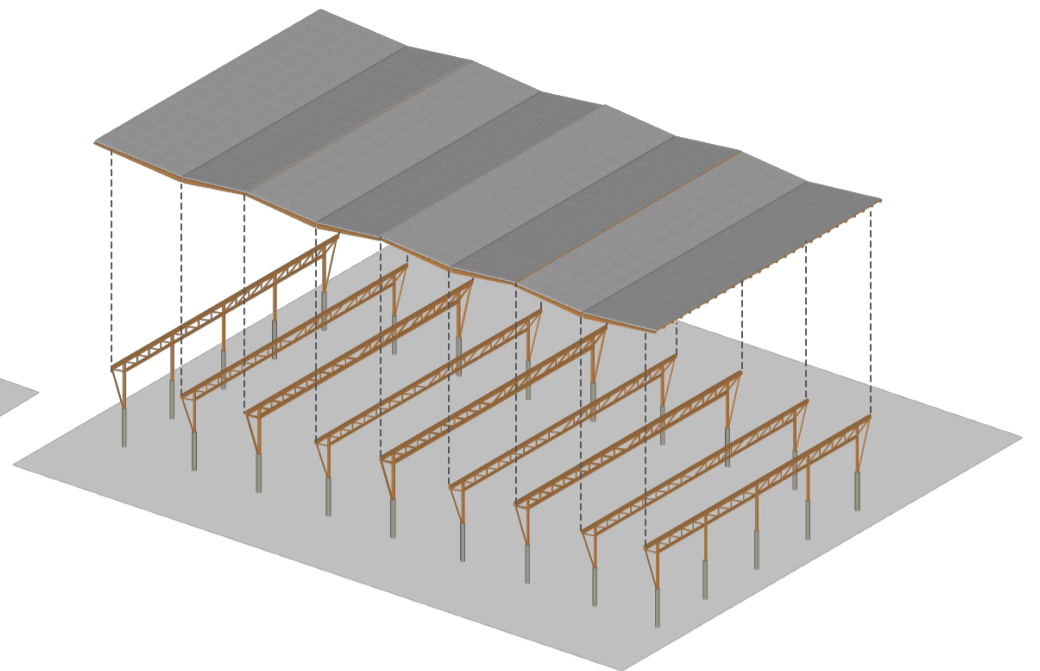


Imagem 76: Diagrama estrutural quadra. Fonte: Autora.

Para facilitar a construção e também a multiplicação do projeto foram adotados módulos estruturais de 7x7 e 5x5 na estrutura e seus múltiplos conforme diagramas a cima. Outro partido utilizado foi a intenção da construção ser mais limpa, com menos resíduos e mais rápida. Como dito anteriormente a estrutura das áreas centrais/circulação entre os blocos é autoportante e independente conforme mostra a Imagem 77.

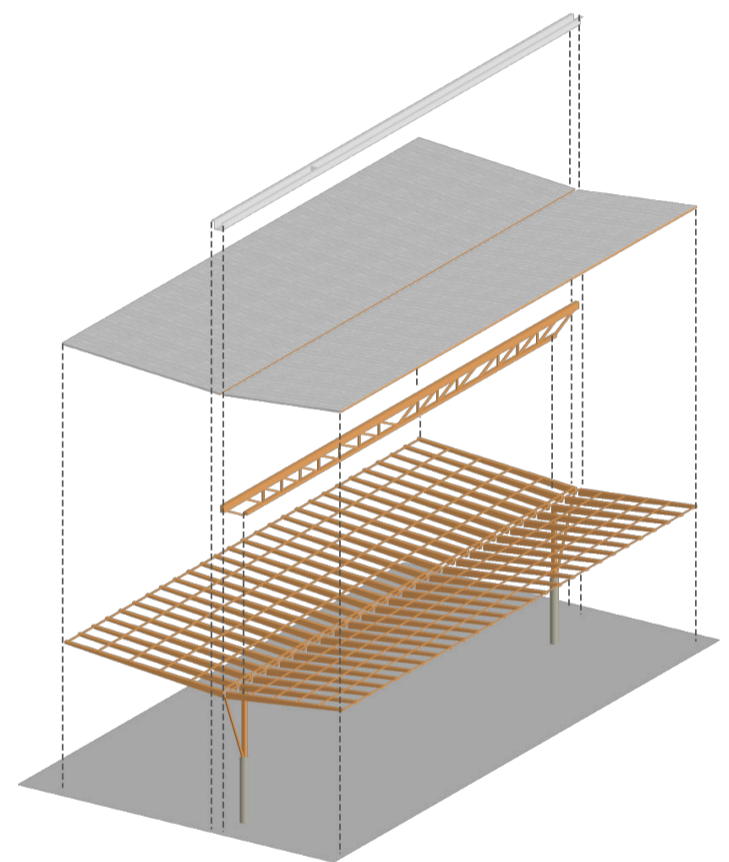
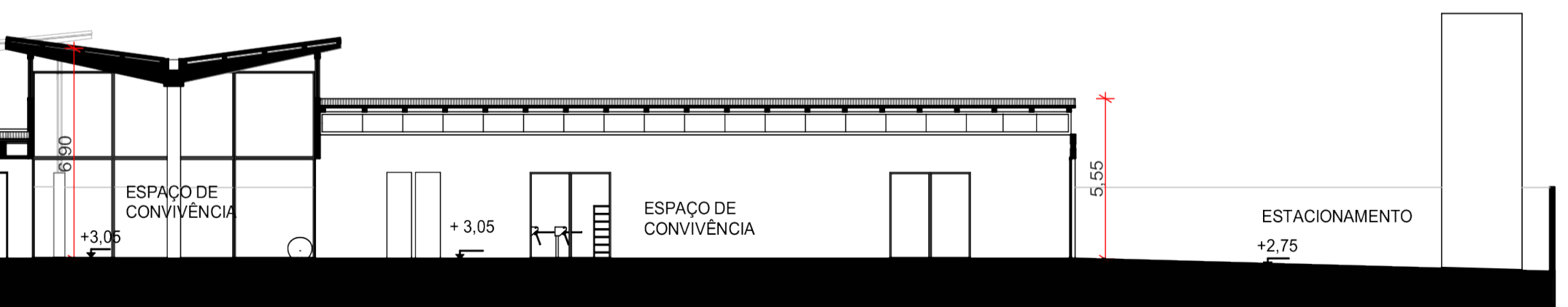


Imagem 77: Diagrama estrutura áreas centrais/circulação. Fonte: Autora.



CORTE AA

1:500

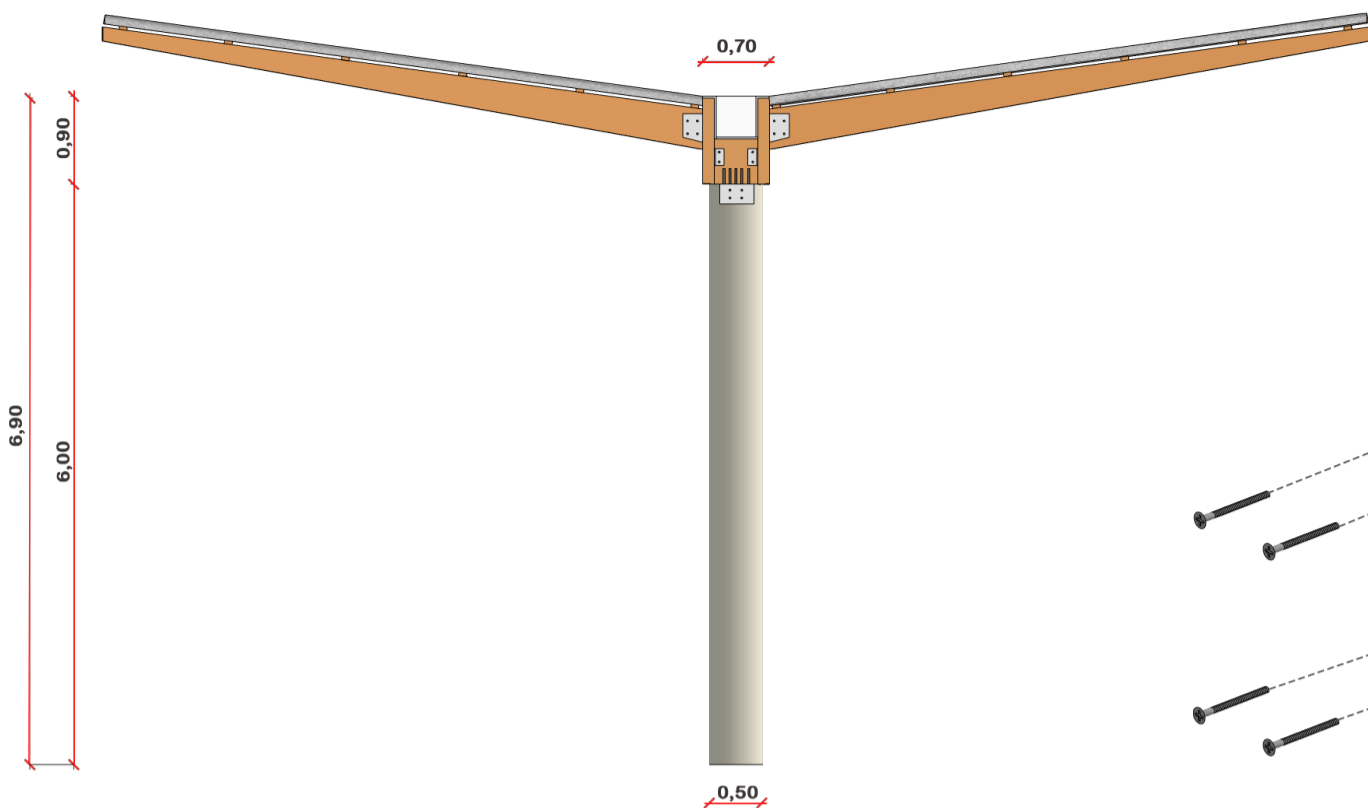


Imagem 78: Detalhe cobertura áreas centrais.
Fonte: Autora.

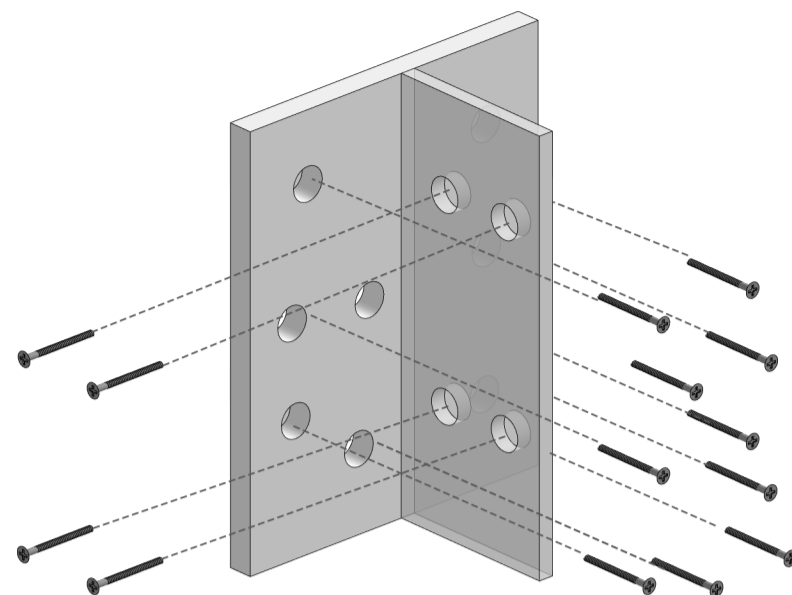


Imagem 79: Detalhe peça de travamento/ligação da estrutura da cobertura. Fonte: Autora.

Nas Imagens 78 e 79 os detalhes e travamentos das peças das coberturas centrais exemplificam como as mesmas conseguem se estruturar sem o auxílio de apoios, dando a liberdade de possibilidades de arranjos com as coberturas que se pretendia no projeto.

As Imagens a seguir auxiliam através das perspectivas 3Ds o entendimento de como se dão os ambientes internos do Centro e também a parte das piscinas. Na Imagem 80 a visada está voltada para a área externa, ilustrando uma situação pretendida ao finais de semana por exemplo, onde a infraestrutura será utilizada para lazer. Na Imagem 81 observamos as salas infantis/multiuso, e nas Imagens 82 e 83 é possível ver como seriam os pátios internos remetendo a praças cobertas.





Imagem 81,82 e 83: Perspectiva sala das crianças e pátios centrais respectivamente.
Fonte: Autora.



FACHADA LATERAL DIREITA

1:500



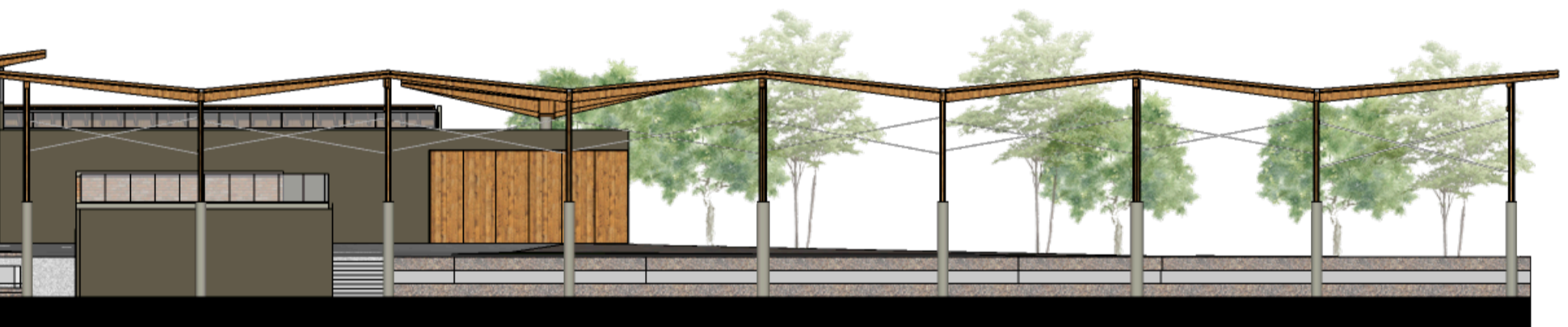
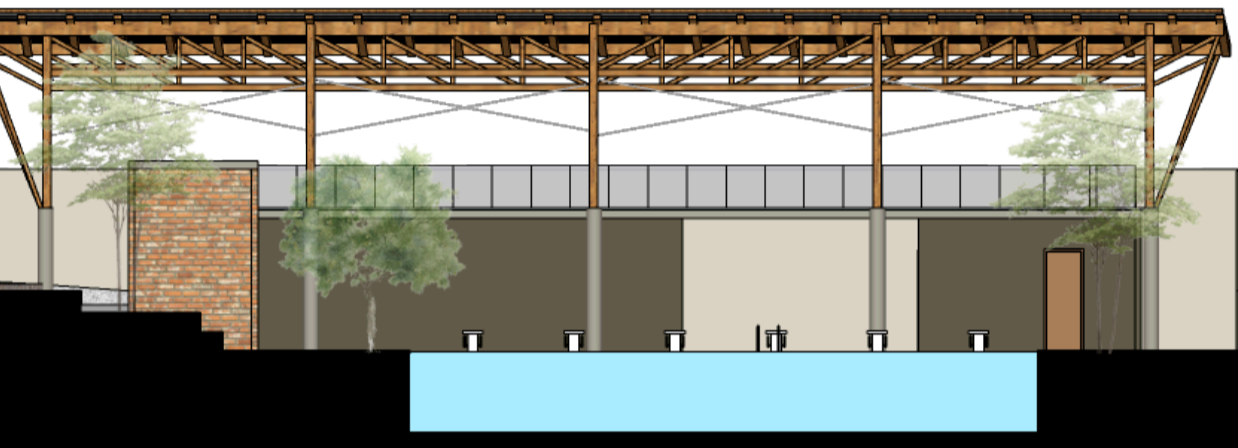
FACHADA LATERAL ESQUERDA

1:500



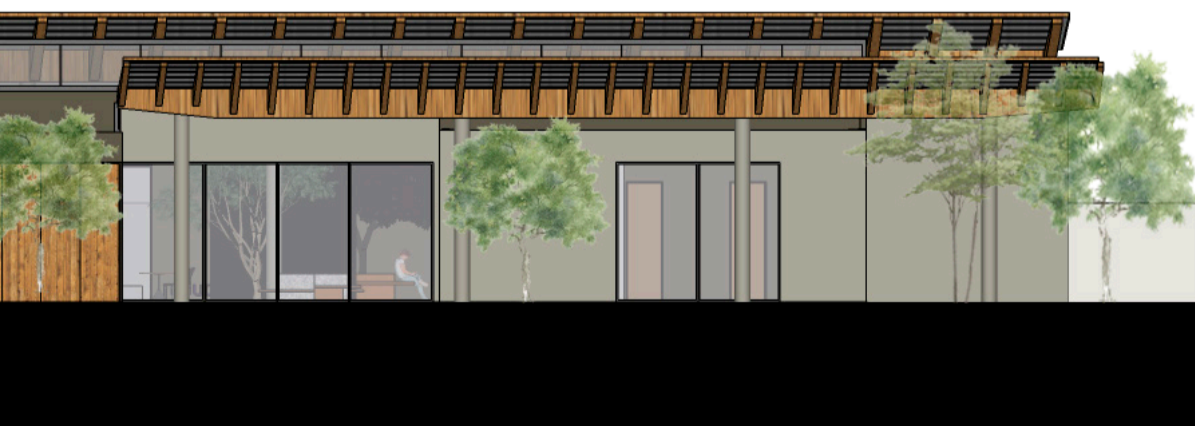
FACHADA FRONTAL

1:500



FACHADA POSTERIOR

1:500



5.3 EXPANSÃO DO PROJETO - NOVAS POSSIBILIDADES

Como enunciado anteriormente, a princípio a pesquisa seria realizada. Desde o momento em que o objetivo desta pesquisa se desvinculou da ONG Base Missionária Reino nas Ruas e passou a ter a intenção de abranger as demais parcelas da população, este projeto trouxe expresso em si a intenção de que o Centro Comunitário não ficasse apenas no bairro mas que também pudesse se multiplicar para outras áreas que possuam situação semelhante.

Entretanto o que ainda não estava consolidado era como esta multiplicação aconteceria, se seria apenas programática e/ou formal, se seriam projetos replicados igualmente ou se haveriam módulos, se houvessem módulos como estes seria distribuídos, etc.

Portanto nesta segunda etapa foi concluído que o cenário do Pequis não é exclusivo e tão pouco é raro, na verdade é similar a outros bairros periféricos da cidade de Uberlândia, portanto, a ideia de um Centro comunitário que possa levar estes usos para estas regiões que também carecem destes serviços seria muito positivo.

Para exemplificar este pensamento, foi aberto um panorama de Uberlândia e foi escolhido um bairro em cada um dos quatro setores da cidade (norte, sul, leste e oeste) para que fosse feito um estudo preliminar de viabilidade de implantação do Centro comunitário em cada local, de acordo com as necessidades encontradas.

Os bairros escolhidos foram: Setor Norte: **Bairro Guarani**; Setor Leste: **Bairro São Jorge / Assentamento Glória**; Setor Sul: **Bairro Shopping Park** e Setor Oeste o projeto inicial no **Bairro Residencial Pequis**.

Visto os estudos feitos, concluiu-se que a multiplicação do projeto deveria ser feita a partir da divisão do projeto em módulos independentes, pois neste formato a inserção em outros locais se torna mais eficaz, permitindo diferentes arranjos destes módulos de acordo com a real necessidade dos locais e também facilitando a implantação dos mesmos em diferentes terrenos, que apresentarão características próprias, com diferentes topografias.

Os módulos foram segmentados de acordo com a setorização do projeto:

Módulo Educacional

Módulo Cultural

Módulo de apoio/serviços

Módulo esportivo

E para a ligação destes módulos como relatado no subcapítulo anterior, foram propostas coberturas que serão anexadas de acordo com o arranjo escolhido, formando espaços de uso livre e conectando os usos dos demais módulos.

Em relação a linguagem formal do projeto, esta pretende ser mantida em todas as unidades, mantendo uma concepção formal própria para este equipamento.

A seguir é possível analisar as implantações sugeridas para cada um dos quatro locais de estudo. Cada uma seguindo as diretrizes dos locais em que estão inseridas e também respeitando os terrenos que estavam disponíveis para a inserção de um equipamentos com esses usos.

Centro no Guarani

O Bairro Guarani é um bairro periférico da cidade de Uberlândia localizado a 10km do Centro da cidade. Com poucos acessos seu acesso principal é feito por meio do Anel Viário Oeste/BR-365 ou pelo bairro vizinho (Tocantins).

Segundo a Prefeitura de Uberlândia (2010), no bairro residem cerca de 9.046 habitantes, sendo 4.479 homens e 4.567 mulheres.

O bairro possui um CAIC (Escola Municipal Profa. Stella Saraiva Peano) e também um EMEI, Bairro Guarani. Também conta com uma UBS (Unidade Básica de Saúde) e não possui equipamentos de lazer, esporte e cultura públicos. Desde 2008 o bairro recebeu o Condomínio do Idoso, que oferece moradia para idosos com mais de 60 anos, de baixa renda.

Com estas informações disponíveis já é possível perceber que o bairro carece de equipamentos públicos e que pela distância do bairro com o centro não é fácil para estes moradores terem acesso à esses serviços. Portanto a implantação de um espaço que possa atender a necessidade desta população e levar o acesso à cultura, lazer e esporte contribuirá com a qualidade de vida e saúde de quem ali vive.

A área escolhida para a implantação do projeto está localizada na Av. Carnaval e é o terreno aonde está localizado as escolas do bairro, o CAIC e o EMEI, por já ser uma área institucional e por permitir a construção deste tipo de equipamento de acordo com a legislação, mas também por permitir criar ali um ponto de convergência para o bairro, no qual as crianças e jovens já frequentavam por conta das escolas e que agora também atenderiam adultos e idosos em um local com diferentes usos e vivências.

O terreno disponível possui 4.000m² e a proposta foi implantar o bloco cultural, bloco de apoio/serviços, academia, piscina olímpica e piscina de lazer. Por estar ao lado das escolas não foi proposto o bloco educacional que seria utilizado para o contraturno escolar, pensando no tamanho do lote e que a estrutura existente das escolas já poderia receber estas atividades, preferiu-se integrar a estrutura existente com a nova. A quadra poliesportiva também não foi sugerida pois o CAIC possui uma com boa estrutura.



Imagem 84: Terreno escolhido no bairro Guarani. Fonte: Autora.

Legislação: De acordo com a Lei Complementar n 525, de 2011, o bairro Guarani encontra-se na ZR2 - (Zona Residencial 2) e o terreno escolhido localizado na avenida Carnaval está em uma SVC (Setor de Vias Coletoras), que também possui uma legislação própria. A efeito de cálculo prevalece aquele setor com maior permissões. O Centro Comunitário possui classificação como E1 - Equipamento Comunitário de Âmbito Local que é permitido tanto na ZR2 quanto na SVC. Taxa de ocupação máxima de 70% e coeficiente de aproveitamento de 3,5. O que permite a possibilidade de construção do projeto no terreno escolhido.

Na Imagem 85 e 86 é possível ver a distribuição do programa no terreno e quais os usos implantados e suas respectivas porcentagens.

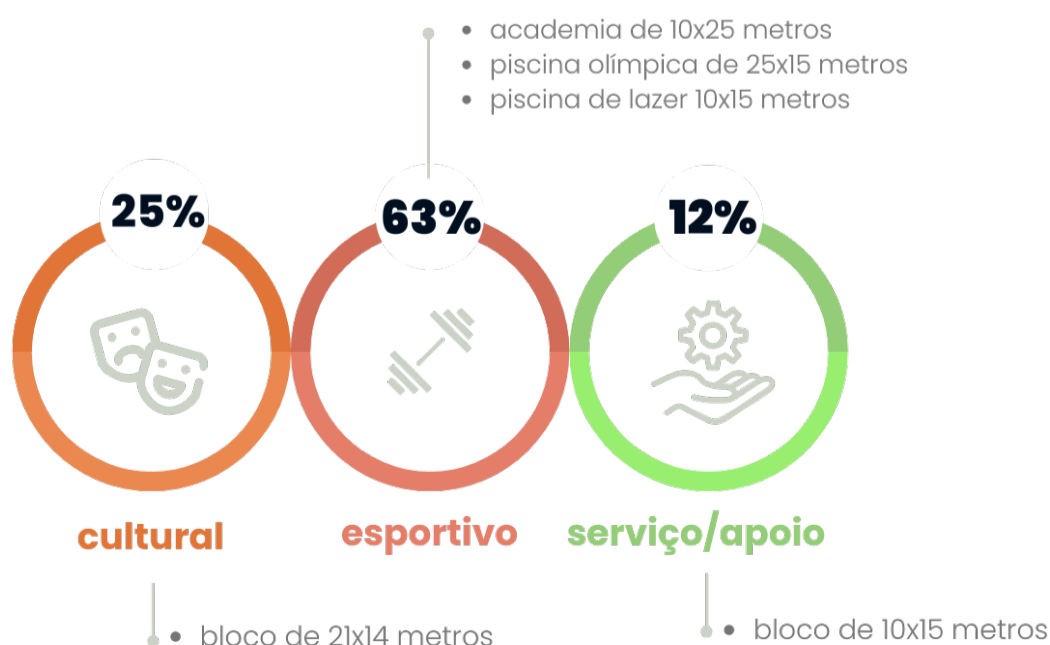


Imagem 85: Usos do Centro no bairro Guarani. Fonte: Autora.

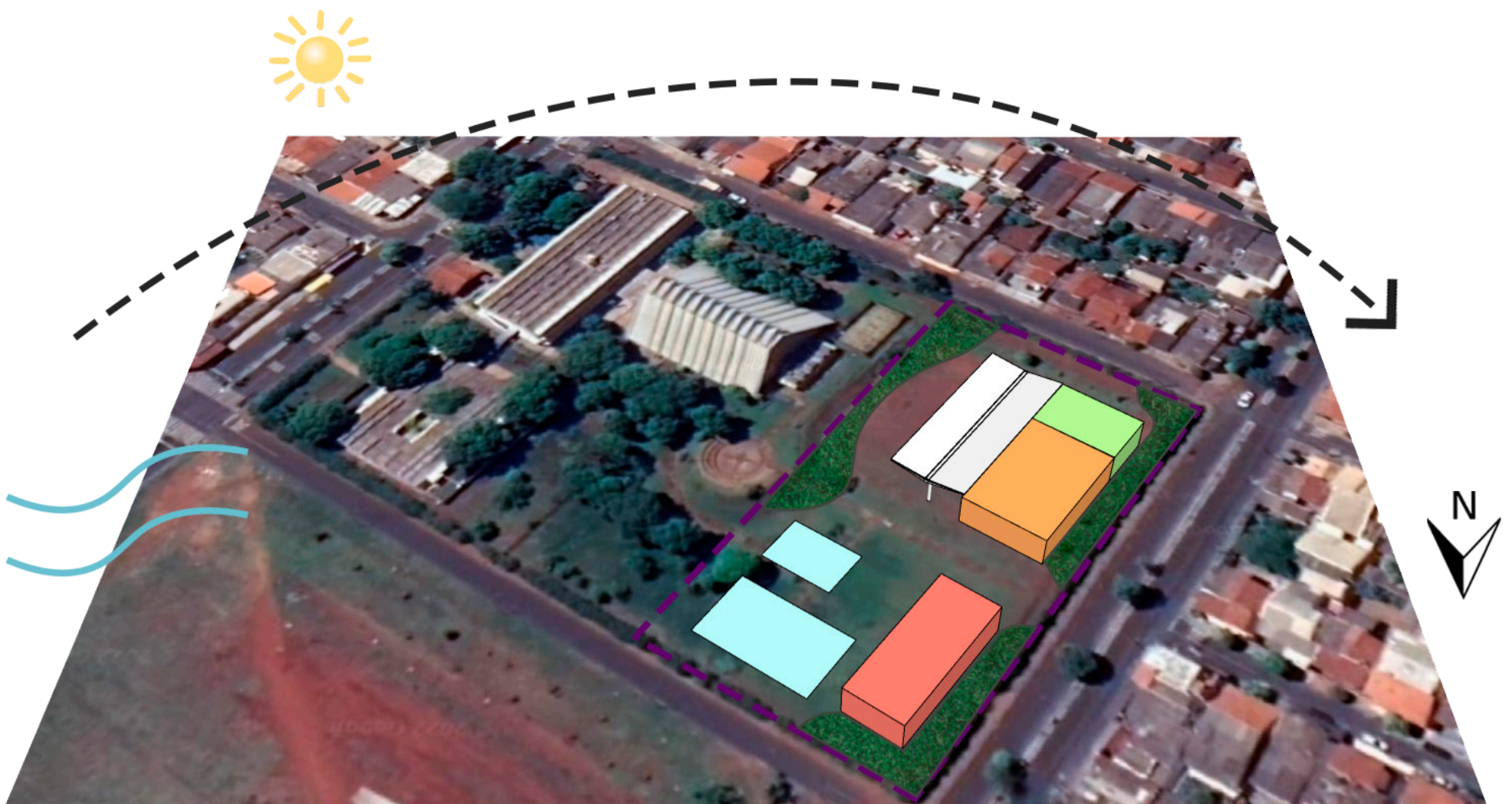


Imagem 86: Proposta preliminar de implantação do projeto no bairro Guarani.
Fonte: Autora.

Centro no Glória

O outro local escolhido para implantação do Centro Comunitário foi um terreno próximo ao bairro Elisson Prieto (assentamento do Glória), que por ser um bairro proveniente de um assentamento e ainda estar em processo de regularização, não existem dados oficiais sobre a população que ali reside, mas acredita-se que haja mais de 2.000 famílias e cerca de 15.000 pessoas morando na área.

O bairro está localizado no Setor Sudeste da cidade, às margens da BR-050. O local antes era destinado ao novo campus da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), mas em 2012 começou a ser ocupado por famílias de baixa renda que necessitavam de moradia.

A área conta com divisão de ruas, lotes numerados e alguns pontos de comércio.

Mas a infraestrutura ainda é precária, pois as vias não possuem pavimentação, ainda não há rede de esgoto e a ligação de água e de energia no local é feita de modo clandestino.

É fácil concluir que o Glória, por não ter contado com um planejamento prévio para ser construído, não possui equipamentos públicos, nem da área da saúde, nem educacionais e tampouco de cultura e lazer. Portanto é tangível afirmar que os moradores necessitam dos usos oferecidos pelo Centro comunitário e também de várias outras infraestruturas básicas, como calçamento, arborização, construção de praças, implementação de serviços, etc.

O bairro Elisson Prieto, juntamente com o bairro São Jorge, parte do bairro Laranjeiras e Granada (bairros vizinhos) formam a região conhecida como Grande São Jorge.

Possuem diversos comércios, escolas, unidades de saúde (como a UAI São Jorge e as UBSFs (Unidade Básica de Saúde da Família), locais de assistência social, o Poliesportivo do São Jorge, dentre outros.

Entretanto o local escolhido para o terreno do Centro Comunitário, na rua Chapada dos Guimarães, está distante da maioria destes equipamentos, o que fortalece a introdução do mesmo para atender a alta demanda que apenas o Bairro Elisson Prieto já possui, além da população dessa região do Grande São Jorge.

O terreno disponível possui 5.900m e a proposta foi implantar todos os módulos, o bloco cultural, bloco de apoio/serviços, blocos esportivos e o bloco educacional. A escolha acontece devido a grande falta de infraestrutura e equipamentos do bairro Elisson Prieto e por acreditar que todos estes usos sejam necessários neste local.



Legislação: De acordo com a Lei Complementar n 525, de 2011 que dispõe sobre o Zoneamento do Uso e Ocupação do Solo do Município de Uberlândia, o bairro São Jorge encontra-se na ZR2 - (Zona Residencial 2) e o terreno escolhido localizado na avenida Chapada dos Guimarães está em uma SVC (Setor de Vias Coletoras).

O Centro Comunitário possui classificação como E1 - Equipamento Comunitário de Âmbito Local que é permitido tanto na ZR2 quanto na SVC. Taxa de ocupação máxima de 70% e coeficiente de aproveitamento de 3,5. O que permite a possibilidade de construção do projeto no terreno escolhido.



Imagem 88: Terreno escolhido no bairro Glória. Fonte: Autora.

Imagem 87: Usos do Centro no bairro Glória. Fonte: Autora.

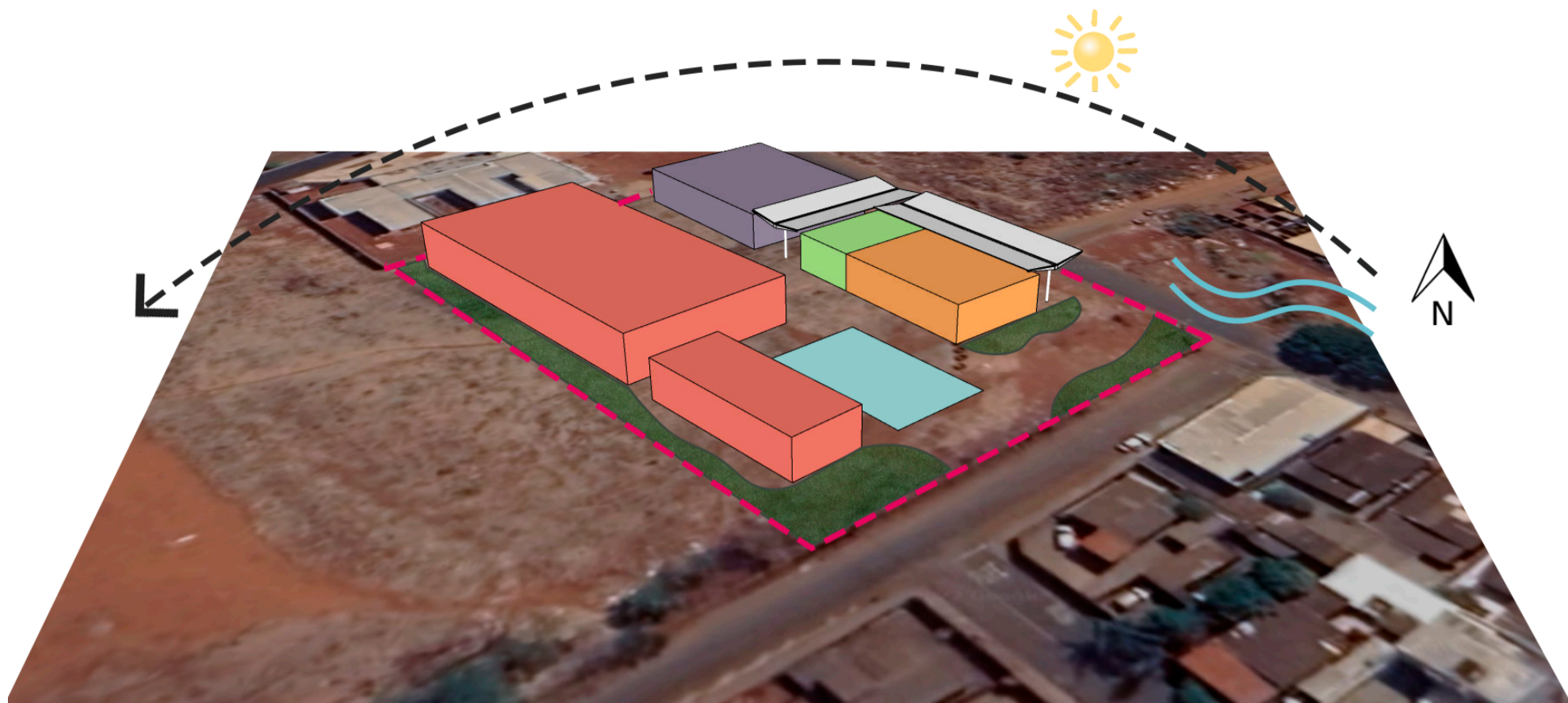


Imagem 89: Proposta preliminar de implantação do Centro no bairro Glória. Fonte: Autora.

Centro no Shopping Park

O bairro escolhido para representar o Setor Sul da cidade foi o bairro Shopping Park, um bairro grande mas relativamente recente, pois até 2009 apenas 1.500 moradores residiam ali. Atualmente acredita-se que o bairro já possui 25.000 moradores, distribuídos em oito empreendimentos do “Minha casa Minha vida”.

Ao longo do tempo a infraestrutura do bairro foi crescendo e atualmente o bairro conta com diversos serviços que antes não possuía e que eram necessários já que o bairro se encontra afastado do centro. Há cerca de sete instituições educacionais no bairro, contando com escolas e creches, duas unidades de saúde (UBSF's), instituições religiosas e de assistência social um CRAS e um Centro Poliesportivo Unificado, que estão localizados na mesma área do terreno escolhido para o Centro Comunitário.

O terreno escolhido possui 7.250m² e está localizado na rua Atílio Spnini, nele buscou-se implantar os usos que seriam complementares as atividades existentes no Centro Poliesportivo e no CRAS. Portanto foi escolhido o bloco cultural, bloco de apoio/serviços, bloco educacional e na parte esportiva os blocos de academia e as piscinas, pois no Centro Poliesportivo já existe uma quadra de qualidade que atende a população.

O complemento destas atividades junto ao CRAS e ao Centro Poliesportivo faz com que a área escolhida se torne um grande ponto nodal para o bairro, juntando diversos usos em um só local e fortalecendo a vivência entre os moradores. Por ser um bairro distante, mesmo com a expansão da sua infraestrutura, os moradores do bairro ainda precisam de deslocar para outras áreas para ter acesso a esses tipos de usos, de lazer, esporte e cultura. Então trazer o acesso a esses serviços para dentro do bairro trará uma qualidade de vida maior para quem reside ali.

Legislação: De acordo com a Lei Complementar n 525, de 2011, o bairro Shopping Park encontra-se na ZEIS III - (Zona Especial de Interesse Social 3).

O Centro Comunitário possui classificação como E1 - Equipamento Comunitário de Âmbito Local que é permitido nesta Zona. A taxa de ocupação máxima de 80% e coeficiente de aproveitamento de 2,5. O que permite a possibilidade de construção do projeto no terreno escolhido.

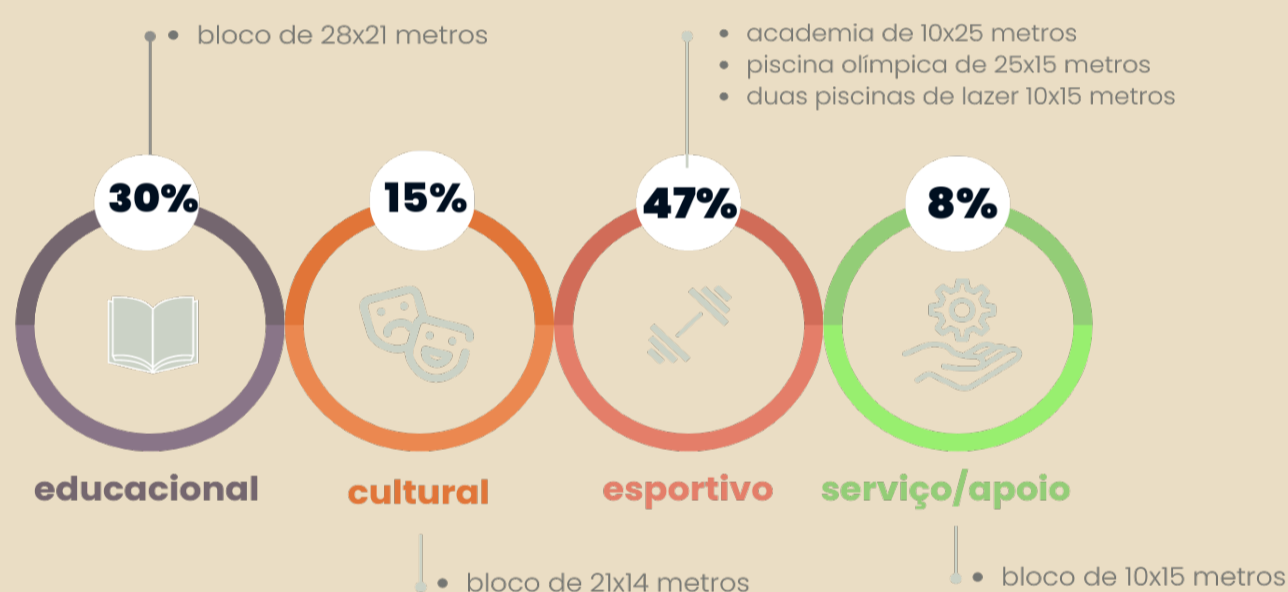


Imagem 90: Usos do Centro no bairro Shoppign Park.
Fonte: Autora.



Imagem 91: Terreno escolhido no bairro Shoppign Park.
Fonte: Autora.

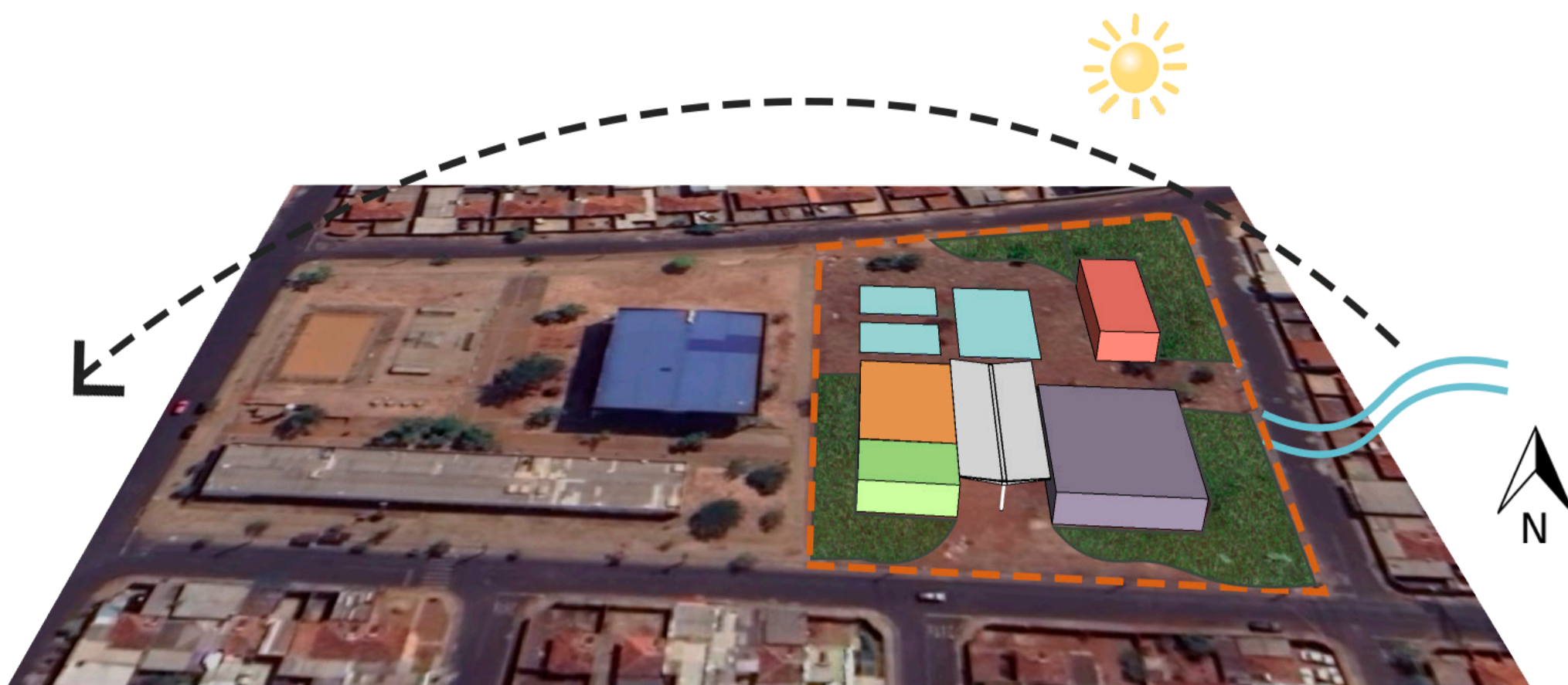


Imagem 92: Proposta preliminar de implantação do Centro no bairro Shopping Park. Fonte: Autora.

Centro no Residencial Pequís

O representante do Setor Oeste é o projeto deste presente trabalho, o Centro Comunitário do Residencial Pequís. Em resumo, devido ao caso do bairro ser extremamente periférico, nas franjas da cidade e proveniente de Conjuntos Habitacionais, este foi o precursor da ideia do Centro Comunitário e portanto possui todos os usos e módulos em sua implantação, o bloco cultural, bloco de apoio/serviços, blocos esportivos e o bloco educacional.

O terreno possui 8.688 m² e está localizado na Av. Wilson Rodrigues da Silva. O bairro se enquadra na ZEIS III - Residencial Pequís - ZONA ESPECIAL DE INTERESSE SOCIAL III e a Avenida Wilson no Setor de Vias Arteriais (SVA), que permitem taxa de ocupação de 80% e coeficiente de aproveitamento 4, que possibilitaram a concepção do projeto no terreno.



Imagem 93: Usos do Centro no bairro Pequís. Fonte: Autora.



Imagem 94: Terreno escolhido no bairro Shoppign Park. Fonte: Autora.



Imagem 95: Implantação do projeto no bairro Pequis. Fonte: Autora.

Após este Estudo Preliminar de Viabilidade de implantação do Centro Comunitário nas outras regiões, pode-se concluir que há condições favoráveis para a realização desta proposta de multiplicação, nos quesitos de existir público com necessidade do uso que será oferecido, disponibilidade de terreno para atender o programa, legislação que permite a construção e a geração de impactos positivos para as regiões.

É válido pontuar que por se tratar de um estudo preliminar, as outras questões que são analisadas em Estudos de Viabilidade de Implantação não foram contempladas, por se tratar de um estudo que procurou mostrar que é possível expandir o Centro Comunitário para outras áreas, pois há público, carência destes usos e espaço disponível para a instalação.

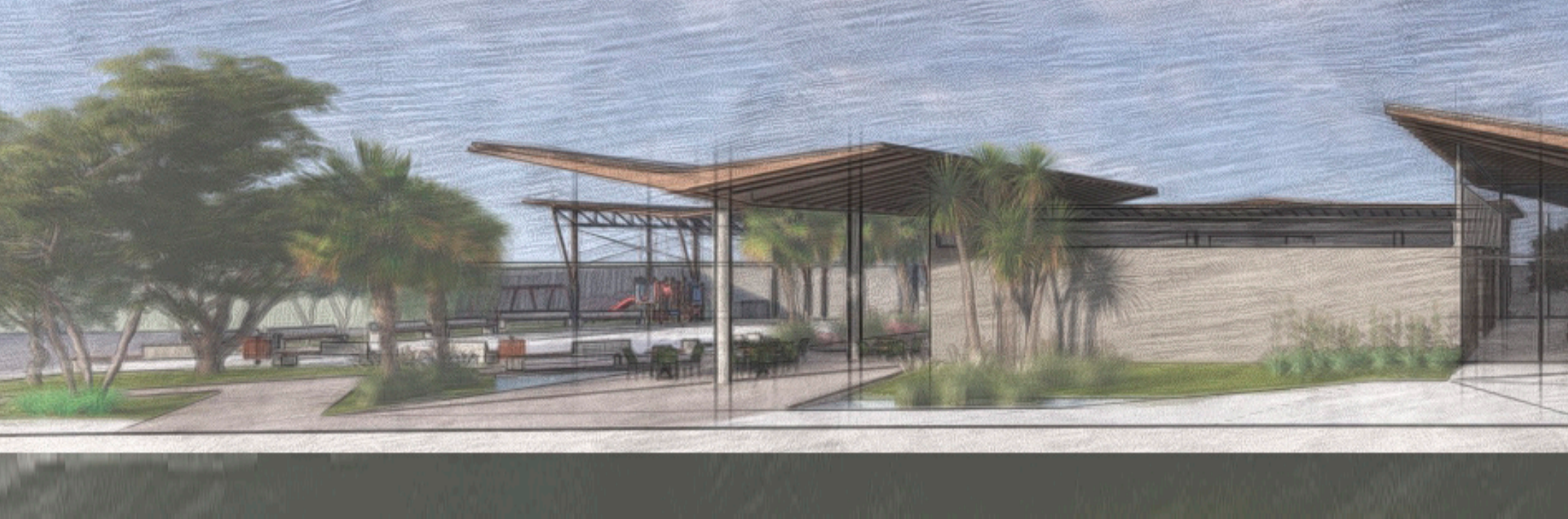


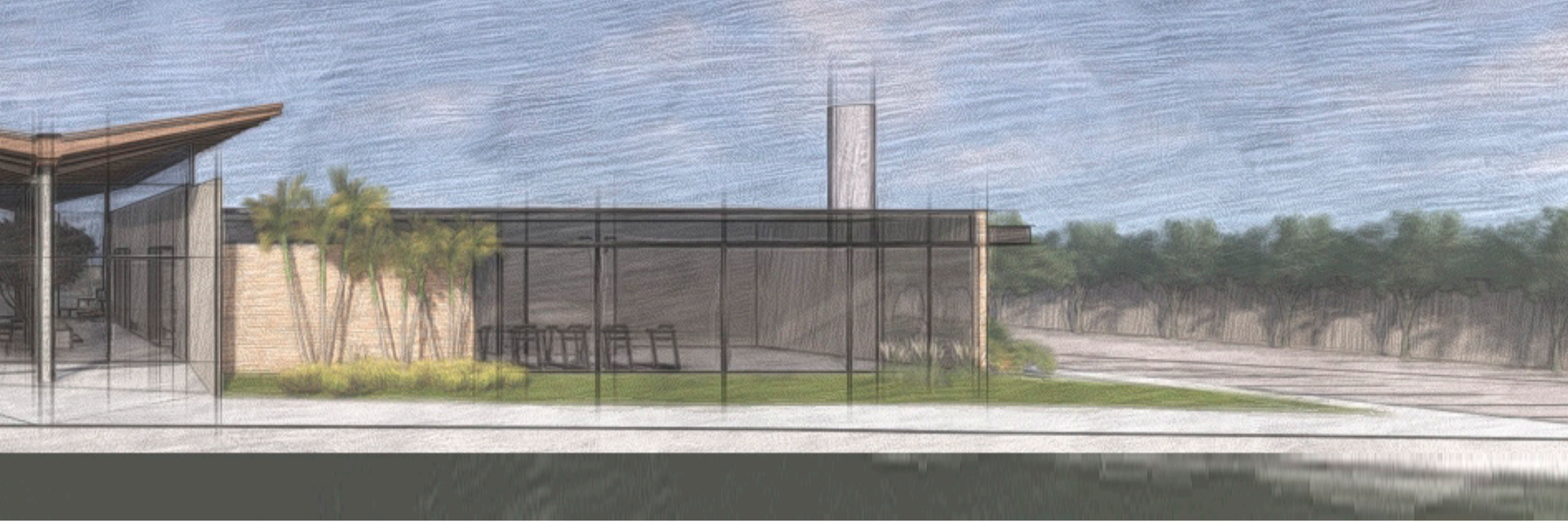
Imagem 96: Centro Comunitário do Residencial Pequis. Fonte: Autora.

Este trabalho visou discutir a criação de um Centro Comunitário para levar o acesso a atividades de lazer, esporte, cultura e desenvolvimento para uma área que carece destes recursos e que tem o direito de usufruir dos mesmos. O Residencial Pequis não é único e existem diversos locais periféricos como ele, que devido a política presente na criação de Conjuntos habitacionais não recebem o planejamento adequado e se tornam áreas praticamente residenciais, sem diversidade de usos, sem o acesso à instituições e sem urbanidade.

Olhar para estes locais e pensar como é possível transformá-los através da arquitetura, até onde estiver ao nosso alcance, é uma tarefa que pode melhorar a vida de muitos moradores e proporcionar uma real qualidade de vida. Utilizar a arquitetura como um meio para uma mudança social, ao meu ver, seria exercero que há de mais nobre na arquitetura.

Por fim, a criação deste Centro, tanto no Pequis como nas demais áreas propostas nesta pesquisa pretende ser uma referência arquitetônica para a cidade, a fim de que em futuros loteamentos estes equipamentos públicos possam estar presentes desde o início não só na fase de planejamento, mas também na de execução.

CONSIDERAÇÕES FINAIS



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1- SOARES, B. R. **Habitação e produção do espaço em Uberlândia**. 1988. 237 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/DEGEO - USP, São Paulo, 1988.
- 2- SANTOS, Alan Roberto dos. **Configuração de comunidade sustentável no residencial Pequis: o uso do tempo associado à qualidade de vida**. Dissertação de Mestrado (Programa de Pós-Graduação em Geografia) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia - MG, 2019.
- 3- CAMPOS FILHO, Cândido Malta. **Reinvente seu bairro: caminhos para você participar do planejamento de sua cidade**. [S.l: s.n.], 2003.
- 4- MACIEL, Carlos Alberto. **Arquitetura como infraestrutura: estratégias de projeto**. - Belo Horizonte: Miguilim, 2019. 440p. (Arquitetura como infraestrutura; v.3)
- 5- DUARTE, Hélio. **"O problema escolar e a arquitetura"**. Habitat, n. 4, São Paulo, jul. 1951, p. 5.
- 6- CHAVES, Gabriel Augusto da Silva. **SEGREGAÇÃO SOCIOESPACIAL E PROGRAMA "MINHA CASA, MINHA VIDA": uma análise do Residencial Pequis em Uberlândia-MG. 2020**. Dissertação de Mestrado (Geografia e Gestão do Território). - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia - MG, 2020.
- 7- Lei complementar no 023, de 2017. Aprova o plano diretor do Município de Uberlândia, estabelece os princípios básicos e as diretrizes para sua implantação e revoga a lei complementar no 432, de 19 de outubro de 2006, e dá outras providências. Uberlândia, MG: Câmara Municipal, 2017.
- 8- Lei Complementar no 525, de 14 de abril de 2011. Dispõe sobre o Zoneamento do uso e ocupação do solo do Município de Uberlândia e revoga a lei complementar No 245, de 30 de novembro de 2000 de suas alterações posteriores. Uberlândia, MG: Câmara Municipal, 2011
- 9- LYNCH, K. **A Imagem da Cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

